



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

FELIPE ALVES OLIVEIRA

**NACIONALIDADES E SEXUALIDADES NA INSTAGRAM: Geopolítica das
identidades online na fronteira imperial do Caribe entre Cuba, Puerto Rico e Flórida**

Recife

2018

FELIPE ALVES OLIVEIRA

**NACIONALIDADES E SEXUALIDADES NA INSTAGRAM: Geopolítica das
identidades online na fronteira imperial do Caribe entre Cuba, Puerto Rico e Flórida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos.

Área de concentração: Cidadania e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Jayme Benvenuto Lima Junior.

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

O48n Oliveira, Felipe Alves
Nacionalidades e sexualidades na Instagram: Geopolítica das identidades online na fronteira imperial do Caribe entre Cuba, Puerto Rico e Flórida / Felipe Alves Oliveira. – Recife, 2018.
125f.: il.

Orientador: Jayme Benvenuto Lima Junior.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, 2018.

Inclui referências e apêndices.

1. Direitos LGBT. 2. Cibercultura. 3. Cartografia de redes. 4. Iconografia. 5. Geopolítica. I. Lima Junior, Jayme Benvenuto (Orientador). II. Título.

341.48 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2018-242)

FELIPE ALVES OLIVEIRA

**NACIONALIDADES E SEXUALIDADES NA INSTAGRAM: Geopolítica das
identidades online na fronteira imperial do Caribe entre Cuba, Puerto Rico e Flórida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos.

Aprovada em: 10/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jayme Benvenuto Lima Junior (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Maria Virgínia Leal (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alexandre Figueroa (Examinador Externo)
Universidade Católica de Pernambuco

Prof. Dr. Richard Miskolci (Examinador Externo)
Universidade Federal de São Paulo

Dedico este trabalho a Matheus Lima e a José Emerson Tenório.

Para vocês, o melhor da minha pseudociência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu coordenador de iniciação científica, orientador de TCC e dissertação, o incansável professor Jayme, sempre paciente e motivador.

Agradeço a professora Virgínia Leal, membra da avaliação de seminário e da qualificação da pesquisa por suas contribuições e afetividade ímpares.

Agradeço ao professor Alexandre Figueroa avaliador durante a qualificação por suas contribuições.

Agradeço ao professor Richard Miskolci pela inspiração que motivou essa investigação.

Aos meus pais, Roberto Almeida e Marcia Costa, e a minha tia, Maria José, por todo o apoio familiar sem o qual nem uma vírgula deste trabalho teria sido construída. Também estendo este agradecimento a Jucilene Lins e Silva pelas palavras de motivação e conforto quando pensei em desistir.

Aos meus amigos da adolescência, que até hoje posso contar, Dione, Gutembergue, Mayara, Jow e Paulo pela constante presença e suporte: o mais novo mestre da turma chegou!

Aos irmãos que a vida também me trouxe, Tiago Vonpotter, Túlio Marlon, Maísa Melara, José Bruno Fenerick, Junior Costa, Camila Vidal, por deixarem sempre bem claro, em alto e bom som, quase sempre quando mais precisei, que nunca neste mundo se está sozinho.

As amadas colegas que conheci ao longo do curso, sobretudo Ana, Raissy, Luzia e Sara. Aos afetos, histórias, risadas e bons momentos, em que tive a oportunidade de viver no Recife ao longo desse trajeto e a todos que participaram destes, principalmente Renata Brasileiro e Dona Rosa.

*“We’ll never know
What lies ahead tomorrow
But you’re not alone
Where ever you go I Follow”*

(GUETTA, 2007)

RESUMO

O trabalho visa discutir geopolítica de identidades sexuais e nacionais na fronteira imperial do Caribe entre Cuba, Puerto Rico e Flórida por meio das postagens oriundas destes espaços vinculadas na rede social Instagram por meio dos indexadores #gaycuban e #gaypuertorican. Elencou-se a cartografia das controvérsias e a análise iconográfica aplicadas às postagens recolhidas durante a netnografia realizada entre fevereiro e abril de 2018. A partir das postagens e em consonância com o marco teórico pós-moderno, voltado à aplicação de epistemologias que caracterizem o contexto digital, descrevemos os actantes na rede, por meio de suas disputas geopolíticas que reverberam nas ethé de cubanos e porto-riquenhos, da diáspora ou não, atrelados aos referentes nacionais e culturais hegemônicos apontados. Como resultado, não podemos definitivamente afirmar que os usuários gozam de maior liberdade para vivência de sua sexualidade nestes espaços nacionais, mas podemos perceber o modo como as identidades culturais articulam estéticas desejáveis arquetípicas neste ambiente fronteiriço, atravessado por uma geopolítica das sexualidades e hierarquizadora de identidades.

Palavras-chave: Direitos LGBT. Cibercultura. Cartografia de Redes. Iconografia. Geopolítica.

ABSTRACT

To discuss geopolitics of sexual and national identities on the imperial frontier of the Caribbean between Cuba, Puerto Rico and Florida through the posts originating from these linked spaces in the Instagram social network over the indexes #gaycuban and #gaypuertorican. The cartography of the controversies and the iconographic analysis were applied to the posts collected during the netnography carried out between February and April of 2018. From the postings and in consonance to a postmodern theoretical framework, focused on the application of epistemologies that characterize the digital scenario, we describe the authors in the network, through their geopolitical disputes that reverberate in the Cuban and Puerto Rican *ethé*, in the diaspora communities or not, linked to the national and cultural hegemonic referents pointed out. As a result, we cannot definitively claim that users enjoy greater freedom to experience their sexuality in these national spaces, but we can see how cultural identities articulate desirable archetypal aesthetics in this border environment, traversed by geopolitics of sexualities and hierarchical of identities.

Keywords: LGBT Rights. Cyberculture. Cartography of networks. Iconography. Geopolitics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Captura de Tela – Bandeira Gay Puerto Rico.....	16
Quadro 1 –	Volume de postagens por tipo de conta no indexador <i>gaypuertorican</i>	25
Quadro 2 –	Volume de postagens por tipo de conta no indexador <i>gaycuban</i>	25
Gráfico 1 –	Localização por percentual de postagens <i>gaycuban</i>	26
Gráfico 2 –	Localização por volume de postagem <i>gaypuertorican</i>	26
Quadro 3 –	Volume de postagens por localização a partir do recorte.....	27
Figura 2 –	Exemplo de <i>selfie</i> para a investigação (1).....	29
Figura 3 –	Exemplo de <i>selfie</i> para a investigação (2).....	29
Figura 4 –	Exemplo de <i>selfie</i> para a investigação (3).....	29
Figura 5 –	Exemplo de não- <i>selfie</i> (1).....	30
Figura 6 –	Exemplo de não- <i>selfie</i> (2).....	30
Figura 7 –	Exemplo de não- <i>selfie</i> (3).....	30
Figura 8 –	Exemplo de não- <i>selfie</i> (4).....	31
Gráfico 3 –	Distribuição de <i>selfies</i> e não- <i>selfies</i> por localidade.....	31
Gráfico 4 –	Percentual de <i>selfies</i> por localidade, ambos indexadores.....	32
Gráfico 5 –	Percentual ênfase sobre o corpo fotografado por localidade.....	32
Gráfico 6 –	Valores totais de postagem por tipo de vestimenta.....	33
Gráfico 7 –	Representações por tribos.....	33
Figura 9 –	Exemplo de postagem agrupada na categoria <i>Crossdresser</i>	35
Figura 10 –	Exemplos de postagem agrupada na categoria <i>Young</i>	35
Figura 11 –	Exemplos de postagem agrupada na categoria <i>Black</i>	36
Figura 12 –	Exemplos de postagem agrupada na categoria <i>Tatuado</i>	36
Figura 13 –	Exemplos de postagem agrupada na categoria <i>Daddy</i>	36
Figura 14 –	Exemplos de postagem agrupada na categoria <i>Bear</i>	36
Figura 15 –	Exemplo para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (1).....	38
Figura 16 –	Exemplo para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (2).....	38
Figura 17 –	Exemplo para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (3).....	38
Figura 18 –	Exemplo para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (4).....	38
Figura 19 –	Estética Reggaetón Nicky Jam.....	81
Figura 20 –	Estética Reggaetón J Balvin (1).....	81
Figura 21 –	Estética Reggaetón J Balvin (2).....	81
Figura 22 –	Estética Reggaetón Maluma.....	81
Figura 23 –	Boné aba reta e barba.....	82
Figura 24 –	Barba e tatuagem.....	82
Figura 25 –	Boné, óculos e barba.....	83

Figura 26 –	Boné, barba e ostentação.....	83
Figura 27 –	Estilo de vestuário urbano.....	83
Figura 28 –	Tattoos.....	83
Quadro 4 –	Direitos LGBT por localidade.....	87
Figura 29 –	Postagens de <i>crossdressers</i> comparadas (1).....	88
Figura 30 –	Postagens de <i>crossdressers</i> comparadas (2).....	88
Figura 31 –	Desafio irônico (1).....	92
Figura 32 –	Desafio irônico (2).....	92
Figura 33 –	Desafio irônico (3).....	92
Figura 34 –	Traje de banho.....	100
Figura 35 –	Imagens privadas, fortalezas conquistadas, <i>cuban</i>	101
Figura 36 –	Imagens privadas, fortalezas conquistadas, <i>puertorican</i>	101
Figura 37 –	Semidespidos e despidos como convite (1).....	102
Figura 38 –	Semidespidos e despidos como convite (2).....	102
Figura 39 –	Semidespidos e despidos como convite (3).....	102
Figura 40 –	Representações dentro da categoria <i>Fitness gym</i> (1).....	104
Figura 41 –	Representações dentro da categoria <i>Fitness gym</i> (2).....	104
Figura 42 –	Representações dentro da categoria <i>Fitness gym</i> (3).....	105
Figura 43 –	Convites à intimidade, indexador <i>gaycuban</i> (1).....	106
Figura 44 –	Convites à intimidade, indexador <i>gaycuban</i> (2).....	106
Figura 45 –	Convites à intimidade, indexador <i>gaycuban</i> (3).....	107
Figura 46 –	Convites à intimidade, indexador <i>gaycuban</i> (4).....	107
Figura 47 –	Convites à intimidade, indexador <i>gaypuertorican</i> (1).....	107
Figura 48 –	Convites à intimidade, indexador <i>gaypuertorican</i> (2).....	107

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	DAS POSTAGENS: COMO NAVEGAR?.....	20
2.1	CONSTRUÇÃO DO CORPUS	25
2.2	UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA.....	34
3	EPISTEMOLOGIAS PARA OBJETOS VIRTUAIS.....	41
3.1	A CONSCIÊNCIA TEÓRICA DO OLHAR.....	41
3.2	A ERA DO ACESSO.....	44
3.3	SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	48
3.4	VIRTUAL E BIG DATA.....	53
3.5	ESTABELECENDO OS ACTANTES NÃO-HUMANOS.....	57
3.5.1	O que é mídia social?.....	58
3.5.2	A Instagram.....	61
4	GEOPOLÍTICA DAS IDENTIDADES NACIONAIS E SEXUAIS.....	63
4.1	NACIONALISMO.....	63
4.2	AS LUTAS NACIONALISTAS NO CARIBE.....	65
4.3	A DISPUTA CULTURAL.....	77
4.3	OS DIREITOS LGBT.....	84
5	TRAÇANDO AS ETHÉ DOS ACTANTES HUMANOS.....	90
5.1	A EMPATIA E O OLHAR: UM CAMINHO PARA PESQUISA EM DIREITOS HUMANOS?.....	90
5.2	A PROVA DO ETHOS VIRTUAL.....	94
5.2.1	Aplicação Virtual.....	96
5.3	A CENTRALIDADE DO CORPO NO ETHOS IMAGÉTICO VIRTUAL....	98
5.4	MANDA NUDES!.....	100
5.5	UMA QUESTÃO DE MÚSCULO.....	103
5.6	CONVITES VELADOS.....	106
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS.....	114
	APÊNDICE A – LISTA DE USUÁRIOS NO INDEXADOR GAYPUERTORICAN POR LOCALIDADES ELENCADAS NO RECORTE.....	121
	APÊNDICE B – LISTA DE USUÁRIOS NO INDEXADOR GAYCUBAN POR LOCALIDADES ELENCADAS NO RECORTE.....	124

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre outros povos e culturas, a meta de vida de todo internacionalista. A parte do interesse pelo que não faz parte de sua vivência, o trabalho de tal aficionado por seu campo de estudo inclui trazer inferências que aproximem realidades distantes ao entendimento dos que também não compartilham delas.

Ao mesmo tempo, um fio condutor, conectado por milhares de cabos de fibra ótica, e servidores ao redor do mundo, possibilita agenciamentos mecânicos entre realidades distantes e espectadores distantes, fazendo com que no XXI tudo que se converta em dado possa ser acessado por quem possui conexão à rede mundial de computadores.

Caracterizar caribenhos poderia ser uma forma de pensar e classificar uma pesquisa de cunho antropológico do início da idade da razão, como se um pesquisador de fora pudesse descrever os modos de um povo distante, ao qual não se sentisse assemelhado. Contudo, este não é o caso, haja vista que os dados que serão aqui analisados foram fornecidos por seus próprios autores; os marcadores que a pesquisa segue são os que os mesmos autores escolheram para distinguir suas postagens no âmbito da aplicação para compartilhamento de fotografias mais popular do mundo.

Combino a observação crítica da vivência e legitimidade da orientação sexual com as respectivas expressões destas, conforme observo e analiso as imagens compartilhadas por meio da aplicação *Instagram*. A escolha desta rede social se dá por sua abrangência, em número de usuários no mundo, e seu papel mediador quando coloca aos seus usuários a forma preferencial de se representarem por meio de imagens. Foi também motivada pelos estudos de Correa (2012) e Coelho (2013) que identificam a influência da rede social em moldar as formas como subjetividades são expressas por seus usuários que terminam por reverberar em outras redes sociais.

A formulação metodológica proposta, de cunho pós-estrutural, possibilita encarar como *ethos*¹ as imagens postadas na aplicação e as *hashtags* utilizadas pelos usuários para indexar suas postagens como um mecanismo de classificação intersubjetivo. Procedo, assim, uma montagem, uma bricolagem: de fotos, de marcadores, de modos de se representar, que ao longo de dois meses estes interlocutores nos forneceram por meio do seu compartilhamento de postagens públicas na *Instagram*.

¹ Maingueneau (2005).

Para elaboração da investigação parto da pesquisa desenvolvida pelo aplicativo *SCRUFF*², que demonstra, por meio da observância das imagens de perfil de seus usuários, uma relação entre o uso de imagens de rosto (*face pic*) em sociedades menos discriminatórias em relação à orientação sexual dos usuários do aplicativo de encontros. Identifico as localidades de Puerto Rico e Cuba³ como localidades no Caribe com maior abertura à vivência de gays, conforme indicado pelos dados quantitativos expressos na investigação de 2015 promovida pelo supracitado aplicativo de encontros.

As localidades elencadas pelas pesquisas quantitativas promovidas pelos aplicativos *Planet Romeo* e *SCRUFF* são, no mínimo curiosas, pois, denotam, em suas conclusões, que sociedades tão distintas entre si possuem um sistema de garantias institucionais que propiciam aos gays uma melhor qualidade de vida e possibilidades de interação. Entre Puerto Rico e Cuba, temos uma rivalidade ideológica entre regimes construída no transcurso da segunda metade do século XX a diferenças gritantes quanto ao acesso à rede em ambas as localidades.

Ademais, é claro que (apesar da abrangência mundial destas aplicações) o modo como tais investigações ocorreu é deficitário. No primeiro caso, o *survey* do *Planet Romeo* não tem um critério de amostragem claro, nem diferencia os usuários que moram em determinada localidade ou a estão visitando. No segundo, apesar da aplicação ter filtros interessantes para diferenciar se um usuário está compartilhando, ou não, uma imagem que contenha um rosto, não fica claro como a coincidência entre o usuário e o rosto usado em seu perfil na aplicação foi conferida.

Ambas as aplicações reconhecem as limitações de seus levantamentos e disponibilizam todo o material levantado em 2015 para investigações independentes das aplicações, o que é louvável, pois seus resultados instigam a continuar uma investigação que articule a representação de tais sexualidades atreladas às nacionalidades visando um estudo comparativo entre as possibilidades de afirmação de subjetividades em rede entre regiões do globo.

Apesar da relevância de estudos das interações sociais, a exemplo de Richard Miskolci em diferentes obras⁴, pensando contextos pré e pós Web 2.0⁵; ou mesmo do ponto de vista da

² A pesquisa, e a lista global de países, pode ser acessada em: <http://www.scruff.com/blog/2015/05/25/face-pic-worldwide-scruffistics>

³ Cuba surge na pesquisa do SCRUFF em 4º na América Latina, contudo, a opção por incluir a ilha nesse estudo comparativo se dá, também, por um estudo prévio, realizado pelo aplicativo Planet Romeo, que a situa como melhor localidade da América Central, tal estudo pode ser acessado em: <https://www.planetromeo.com/pt/care/gay-happiness-index/>

⁴ O autor foi de estudos das salas de bate-papo no site *Uol* (2008), até comparações entre usuários da aplicação para smartphones *Grindr* em São Paulo e São Francisco (2014).

antropologia social (BRAGA, 2013 e GUERRERO, 2013), da etnografia da cibercultura como Rifiotis (2016) e Segata (2013); bem como abordagens da Educação como a de Bandeira (2015) abordando a interrelação da rede social e educação, intermediadas pelo ato de fotografar; e da comunicação como as de Mota e Almeida (2014); Coelho (2016); Hariki (2016), que em linhas gerais articulam a investigação etnográfica visual com a da afirmação de identidades nacionais estão expressas nas imagens postadas em redes sociais. Desde a revisão de literatura prévia à elaboração desta dissertação posso afirmar que a investigação aqui proposta atravessa diversos campos de estudo das ciências humanas e que a produção de tal investigação sob a tutela de um programa de pós-graduação em Direitos Humanos propicia à pesquisa bases para que construa, desde sua concepção, um prisma teórico interdisciplinar, no qual a preocupação com a vivência da sexualidade gay se articula com o contexto geopolítico dessa vivência.

A dissertação aqui apresentada começou com uma tentativa de confirmar ou afastar os dados anteriores que afirmam Cuba e Puerto Rico como sociedades mais receptivas à cidadania gay entre seus nacionais. Ao final, ela vem se mostrando mais como um jogo de representações em fluxo, onde: nacionalidades, fronteiras, impérios e desejos se justapõem, mostrando um espaço fragmentado secularmente influenciado por poderes distantes, um caribe de desejos, caribenhos fragmentados. Vislumbro, assim, modos como interagem e se identificam os usuários destas aplicações, quando tal expressão ocorre vinculada aos indexadores (*hashtags*) *#gaycuban* e *#gaypuertorican*⁶.

Proponho partir da observação das imagens compartilhadas pelos usuários da rede social elencada, formando um *corpus* de pesquisa que confirme, ou afaste, a percepção destes espaços como melhores lugares para vivência da comunidade gay⁷ no Caribe. Quando a identidade nacional cubana ou porto-riquenha aparece atrelada à identidade sexual *gay* na *Instagram* é comum nos depararmos com a seguinte sobreposição, conforme a Figura 1:

⁵ Refiro-me a distinção de acesso, pensando especificamente em termos do ciberespaço, com a Web 1.0 vinculada ao acesso por terminais fixos e a 2.0 aos aparelhos móveis. Para tal distinção vide Tim O'Reilly (2009), disponível em: <http://www.oreilly.com/lpt/a/1>

⁶ Escolhidas a partir de observação prévia na rede, indicando maior número de ocorrências que suas variantes.

⁷ Conforme ensina Lindgren Alves, no capítulo 5 de Direitos Humanos na Pós-modernidade, na contemporaneidade a orientação sexual é vista também como uma categoria cultural.

Figura 1 – Captura de Tela – Bandeira Gay Puerto Rico



Fonte: Instagram.

Jogariam as identidades sexuais, no contexto da *Instagram* uma forma de viver a sexualidade que quando sobreposta à nacionalidade externa maior liberdade? As mesmas configuram potenciais elementos para serem desejáveis?

Será possível afirmar, pelas fotos e indexadores, ou seja, pela estrutura das postagens, que possuir a nacionalidade cubana ou porto-riquenha seja sinônimo da maior liberdade para a vivência da cidadania enquanto gays?

Quando as postagens são vistas em conjunto, demonstram leituras visuais coletivas do contexto cultural no qual os usuários estão inseridos?

O parâmetro da investigação se assenta no perceber que tais nacionalidades, quando atreladas aos indexadores elencados, demonstram uma dupla ordem identitária que poderá publicizar, ou não, um ambiente propício para a vivência de ambas.

Em linhas gerais, componho um conjunto dessas representações virtuais evidenciando as controvérsias entre a performance identitária visual e a liberdade para assumi-las. Especificamente, demonstro como gays cubanos e porto-riquenhos se representam visualmente na rede quando articulam seu autorretrato (*selfie*) com um indexador identitário coletivo (as *hashtags*); cartografo as controvérsias presentes entre as postagens dos usuários quando agrupadas pelos postulantes em indexadores elencados por eles com os modos como a liberdade das sexualidades não-hegemônicas nestes espaços são virtualmente representadas.

Ao fim, sintetizo o modo como, coletivamente, as imagens compartilhadas na rede representam o contexto cultural e performático ao qual fazem referência, ao mesmo tempo em

que expressam *ethé* identitários destes coletivos. Tal processo está articulado em dois componentes; no primeiro, o sujeito mostra-se com sua identidade social de locutor; é ela que lhe dá direito à palavra e que funda sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2008, p. 115). Aplicado a investigação, inclui aqui o ser usuário, pertencer ao grupo étnico latino, descender de cubanos ou porto-riquenhos, como um processo auto afirmativo e identitário. No segundo componente temos um sujeito que constrói para si uma figura daquele que enuncia, uma identidade discursiva de enunciador, que se atém aos papéis que ele se atribui em seu ato de enunciação (CHARAUDEAU, 2008, p. 115).

Entendo que as identidades nacionais são agrupamentos políticos deliberadamente impostos (HOBSBAWN, 1990) visando determinada finalidade enquanto elemento agregador de um coletivo. Será, assim, uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2005), reforçada permanentemente por processos históricos e culturais que fundam uma categoria permanente de identificação binária entre os ditos nacionais (que gozam de determinadas prerrogativas oriundas de tal pertencimento) e os estrangeiros (outros afastados de tal pertencimento e garantias).

Já as identidades baseadas na sexualidade surgem a partir de uma afirmação também política (SEGWICK, 1988) e representacional (BUTLER, 2003) que são atravessadas por hierarquias (WEEKS, 1999). Tais identidades se insurgem contra determinadas identidades sexuais hegemônicas em um processo inverso ao da lógica das identidades nacionais. Sendo que estas estabelecem-se por meio de um processo marcado pela supracitada ideia de hierarquias explorada por Weeks, secularmente construída pelo que Foucault (2003) chamou de biopoder e perpetuadas pelos mitos sociais hegemônicos, conforme lição de Gramsci (1929).

Desde uma perspectiva teórica pós-moderna, as variadas filiações identitárias de um sujeito se colocam como um contínuo de performatividades simultâneas (HALL, 2003), coexistindo na vida dos indivíduos em suas formas de se representar, ou de serem reconhecidos enquanto sujeitos. Concluo que, na grande maioria dos casos, a identidade nacional e sexual de um sujeito acontecerá de modo convergente durante a sua vivência e influenciará em sua forma de representar a si e de contestar, ou asseverar, ambas, em suas interlocuções simbólicas.

Ao longo do texto, trato de questões pertinentes ao fotografar moderno, o *ethos* construído por meio da representação de si imagético e do fazer-se desejável; entro na caracterização do nacional e dos nacionalismos das sociedades investigadas; e ao final

comparo a forma como jogam tais identidades no representar-se virtualmente. Além do que considero a influência que exerce o império norte-americano sobre o modo de se representar dos sujeitos investigados.

O contexto dos países elencados pela pesquisa quantitativa dos aplicativos de encontros e pela investigação aqui proposta denota uma identificação com os postulados de Juan Bosch (1970), ao identificar a região do Caribe como uma fronteira entre impérios em permanente tensão. As localidades trabalhadas como estudo de caso desta pesquisa estão historicamente situadas como áreas em constante tensão entre potências imperiais ao longo de toda a história da modernidade.

Apontar as formas como o espaço americano (por meio dos projetos de Cuba e dos Estados Unidos), e por extensão histórica o espaço europeu (ambas as regiões foram pontos primordiais no processo de invasão da América pela Espanha, seguida de Inglaterra, Holanda, Suécia e França, e conseqüente formação da modernidade e da chamada identidade ocidental) legitimam de acordo com seus projetos coloniais (GALEANO, 1971 e QUIJANO, 2000) a vivência de uma sexualidade não-hegemônica em seus territórios é, também, uma forma de discutir geopolítica sobre bases epistemológicas que vão além da lógica de interpretação racionalista da produção de conhecimento sobre as relações internacionais, tenho aqui uma discussão da geopolítica das sexualidades.

Diante deste contexto de tensão o recorte do *corpus* de pesquisa abarca postagens oriundas de Cuba, Puerto Rico e do estado norte-americano da Flórida, a fim de promover uma representação do todo das postagens desde uma perspectiva geopolítica que engloba as fronteiras entre as três nações, duas delas hoje integram os EUA, com status políticos diferentes.

No capítulo um, traço a estrutura metodológica da investigação, organizada em três momentos, a cartografia, a análise iconográfica e a netnografia visual. Descrevo o modo como tais métodos foram aplicados e o *corpus* resultante destes caminhos metodológicos.

No capítulo dois, caracterizo o marco teórico da investigação; sobre a fotografia e suas estruturas enquanto representação até massivo compartilhamento digital, parto de uma definição da pós-modernidade até à definição do modo como identidades e valores culturais são entendidas coletivamente no presente, além da contextualização geopolítica da mídia e dos valores culturais; e ao final chego em nosso primeiro actante, a rede social *Instagram*.

No capítulo três, caracterizo os demais *actantes* presentes, defino o nacionalismo, o contexto histórico das nações cubana e porto-riquenha em sua posição fronteiriça ante o

império norte-americano. Posteriormente discuto a disputa geopolítica cultural e os direitos LGBT na região.

No capítulo quatro, descrevo as *ethé* dos actantes humanos em suas fotografias. Neste capítulo está uma definição de *ethos* virtual e a importância dos retratos como fonte de pesquisa em Direitos Humanos. Ao final demonstro as conclusões do trabalho.

2 DAS POSTAGENS: COMO NAVEGAR?

Não há forma ‘correta’ de se contar esse evento. Cada forma de narrá-lo, tal como a luz ao atingir o cristal, reflete uma perspectiva diferente sobre o incidente. Denzin e Lincoln (2006, p. 20).

Em linhas gerais, classifico esta investigação como uma busca de produção do conhecimento abarcada por uma lógica indutiva; cuja natureza dos dados será abordada de modo qualitativo, uma vez que é competência da pesquisa qualitativa o mundo da experiência vivida. Conforme ensinam Denzin e Lincoln (2006, p. 22) “é nele que a crença individual e a ação cultural entrecruzam-se”.

Para Peter Loizos (GASKELL e BAUER, et. al. 2009, cap. 6, p. 137), a imagem constitui uma forma de registro poderosa de “ações temporais e acontecimentos reais-concretos, materiais. Isto é verdade tanto sendo uma fotografia produzida quimicamente ou eletronicamente, uma fotografia única, ou imagens em movimento”. Destaca que embora a investigação “esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números” (GASKEL e BAUER, 2009).

O autor define por visual enquanto objeto pesquisável “situações onde imagens estão apoiadas tanto em textos escritos como na apreensão de fotografias ou pinturas, e em palavras faladas gravadas em som – trilhas de vídeos” (GASKELL e BAUER, et. al. 2009, cap. 6, p. 137) embora reconheça que “fotografias e sequências de vídeos podem também incluir palavras escritas, e muitas vezes o fazem” (GASKELL e BAUER, et. al. 2009, p. 138). A tarefa do semiólogo, ao analisar imagens, objetiva “tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para que o leitor compreenda uma imagem” (GASKELL e BAUER, et. al. 2009, p. 325).

Para Diane Rose (GASKELL E BAUER, et. al., 2009, cap. 14, p. 343), a análise de audiovisual é “um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais”. Será, portanto, “indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se empreende uma análise de seu conteúdo e estrutura”.

A autora trabalha a necessidade de transladar, de uma plataforma a outra o processo de análise empregado com meios audiovisuais. Destaca que todo o processo envolve decisões entre o que será levado em consideração, salientando que o que é posto de lado é tão importante quanto o que vem a ser registro. Definindo o transladar como a metamorfose simplificativa expressando algo em signo. Seu processo de análise dos textos audiovisuais

contribui no sentido de apontar as seguintes etapas a serem produzidas pelo pesquisador: 1. Referencial teórico; 2. Referencial de amostragem; 3. Seleção do meio para identificar o objeto empírico; 4. Estabelecer as regras para transcrição do conjunto de informações; 5. Referencial de codificação; 6. Aplicação do referencial de codificação aos dados, ou seja, transcrever; 7. Tabulação de frequências para as unidades de análise.

Para tal investigação será utilizada a triangulação metodológica (UWE FLICK, 1998, p. 230) combinando os métodos da netnografia, da cartografia de redes, e da análise iconográfica. Tal uso da técnica não se limita a pretender um método de avaliação, mas também fará parte da estratégia para assegurar uma interpretação em profundidade do recorte ontológico pretendido.

A melhor maneira de então compreendermos a combinação de uma multiplicidade de práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e observações em um único estudo é como uma estratégia que acrescenta rigor, fôlego, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação (UWE FLICK, 1998, p.23 *apud* DENZIN e LINCOLN, 2006, p.19).

Para um correto encaixe sistemático desta investigação nos esforços da produção de conhecimento precedentes, a classifico com um objetivo interpretativo, cujos paradigmas interpretativos serão assentados entre os estudos da *ethos* e da iconografia; cuja concepção filosófica será relativista e pós-moderna; e seu resultado, de acordo com os objetivos, será a composição de uma bricolagem metodológica e interpretativa que “reúne um conjunto de representações” em um processo que “gera e traz unidade psicológica e emocional para a experiência interpretativa” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 20)

A composição interpretativa terá um caráter interdisciplinar; cujas fontes trabalhadas serão primárias, em um processo de coleta longitudinal de amostragem estratificada proporcional. Nos termos de Amparo Lasén (2012, p. 2), a particularidade de um estudo como este requer uma “triangulación metodológica que comprende etnografía digital (observación participante) ... y análisis visual”.

São assim as técnicas de coleta adotadas: netnografia virtual e formas de observação participante na aplicação *Instagram* na qual se intercambiam estas imagens; cartografia das imagens seguindo os indexadores elencados como vínculo guia; análise iconográfica das imagens. Todas empregadas em uma metodologia que não dissocia os discursos e as práticas de representação de si entre os interlocutores da investigação, elencadas para a formação de um *corpus* imagético de pesquisa; a partir destes insumos produzo *ethé* dos sujeitos-actantes nos indexadores (*hashtags*) elencados.

Para a chamada netnografia, amparo a pesquisa na sistemática elencada por Robert Kozinetz (2010), em coletânea produzida pela SAGE, ao definir o modo da coleta de dados como algo a mais do que a análise de conteúdo *online*. Nos termos de Kozinetz a coleta de dados na netnografia implicará “comunicar-se com membros de uma cultura ou comunidade” (2010, p. 93). Esta comunicação poderá assumir variadas formas, implicando conexões entre pesquisador e pesquisados; a coleta não está isolada da análise, nem o pesquisador deverá não estar envolvido com a comunidade a qual pretenderá abordar. Em suas palavras:

Idealmente, a experiência que se tem como um netnógrafo procurará equilibrar o modo reflexivo, autobiográfico e subjetivo do participante cultural, engajado com o objetivo de precisão do observador científico. Inerente à natureza da etnografia e da netnografia, o pesquisador deve constantemente manter uma tensão, alternando-se entre o envolvimento experiencialmente próximo com os membros da cultura online e os mundos mais abstratos e distanciados da teoria, palavra, generalidade e foco de pesquisa (KOZINETZ, 2010, p. 94).

Jair de Souza Ramos, em *Etnografia e Digitalização* (2016, p.1), propõe que a antropologia do digital abarca “o conjunto de possibilidades que emergem dessa conversão ao digital e da sua retradução”. Para Ramos, a “digitalização realiza o projeto milenar de uma língua geral que permita traduções e convergências entre mundos sociais, agentes e objetos”. Sendo assim a Internet é “a prova de que a comunicação, além de produto, é produtora de simbolismo, relações e espaços sociais” (RAMOS, 2016, p.1).

O autor salienta que para interpretar determinada “conexão entre ações e significados coletivamente compartilhados por um conjunto de agentes” é necessário situar “reflexivamente, o próprio etnógrafo, sua observação e interpretação, e o modo como sua cultura de origem estrutura ambas” (RAMOS, 2016, p. 3).

Ao abordar em um segundo momento análise situacional em que “os agentes lidam estrategicamente com normas e valores, frequentemente contraditórios entre si” (RAMOS, 2016, p. 3), Ramos complementa salientando que “um perfil é uma categoria prática e um mecanismo que oferece uma moldura às ações dos agentes” (RAMOS, 2016, p. 6).

Assim, uma investigação neste sentido terá que examinar as especificidades do funcionamento de “agentes, redes, ações e das molduras digitais onde eles têm lugar”, em um primeiro momento, para a partir desta se dirigir à “identificação dos esquemas de percepção e ação dos agentes humanos e não humanos” (RAMOS, 2016, p. 7). Tais esquemas demandam do investigador certa generalização, produzida por meio da incorporação de formulações teóricas que perpassam contextos distintos, que estão dentro e fora da Internet, a exemplo das

“discussões sobre identidade étnica, nacionalismo, performance de gênero, dominação masculina, cultura popular, consumo, sexualidade, política, etc.” (RAMOS, 2016, p. 8).

Sinteticamente, Ramos propõe o “entrelaçamento” entre o *online* e o *offline* influenciando “ações e da construção dos eventos”, ao mesmo tempo em que também existe tal relação influenciando a observação do pesquisador; nesse caso, “a internet, graças à digitalização, torna-se uma janela a partir da qual é possível observar uma parcela das ações que se desenvolvem no offline” (RAMOS, 2016, p. 13).

Quanto à cartografia de rede, Bruno Latour (2005) sugere a seguinte lógica ao método: em um primeiro momento, perguntar-se qual veículo permite o fluxo de interação entre os actantes (LATOURE, 2005, p. 280); há actantes trocando algo? Caso haja, há uma rede, que terá um contexto. A lógica sempre virá neste sentido: dos pequenos actantes expressos em indexadores, percebe-se e se categorizam as formas de interação, refletir sobre os seus sentidos, ao final mapear as relações.

Pode-se definir a rede como algo tão plástico que a informação muda durante a circulação da própria informação. Em uma comparação com a genealogia (FOUCAULT, 1979, p. 244), a cartografia apresenta formas distintas de fazer uma análise, a genealogia discute o epistêmico, enquanto que a Cartografia (LATOURE, 2005) não tem esse nível de buscas, ela é processual e ancorada na ação, é metodologia para processos em acontecimento.

O local, rede social, já propõe um conjunto de práticas, os actantes são perpassados pelos locais: Se não há conexão contínua não há objeto de análise para Teoria do Ator-Rede. De modo sucinto, as etapas elencadas pela cartografia de controvérsias típica da metodologia proposta pela teoria do Ator-Rede teríamos: **1. Identificar: Sujeitos; Actantes; Agências; e Objetos; 2. Rastrear contextos, e a partir deles se definir estruturas e atribuir macro sentidos.**

Proponho assim alargar a proposta de Amparo Lasén (2012) que em seu trabalho produziu “a práctica de autoetnografía” que significa “el desarrollo, aprendizaje y análisis de mi propia experiencia de la práctica”. Abarcando duas dimensões “relativo a la técnica fotográfica, su complejo juego de miradas y la creación de perfiles en distintas plataformas”, como “en lo relativo a las formas de reciprocidad e intercambio de imágenes online” (2012, p .3).

Em “*Reagregando o social*”, Bruno Latour (2005) caracteriza a teoria do ator-rede (ANT), através de suas cinco fontes de incerteza e de dois movimentos, estabelecendo o modo como as controvérsias podem ser rastreadas e um relato a partir da ANT poderá ser traçado.

Dentre tantas contribuições ao objeto examinado nesta investigação, destaco as definições fluidas e articuladas de **ator** e de **figuração**.

Por **ator**, Latour assinala como aquilo que é levado pelos outros a agir, para o autor “empregar a palavra ‘ator’ significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando pessoas atuam, pois, o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar” (2005, p. 75), não há nele a “fonte de um ato” e sim o “alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção” (2005, p. 75).

Assim, a pergunta a ser respondida em um primeiro recorte de cunho metodológico será: que ações acrescentam os *actantes* à *figuração* necessária para que sejam incluídos como parte de um grupo? A resposta provisória e que define o *corpus* desta investigação está na percepção de que se trata de uma afirmação de sua nacionalidade como fator potencializador de desejo, expressa por meio dos indexadores.

Sendo verbo, as “ações aparecem sempre num relato como *responsáveis* por um feito, ou seja, como algo que afeta um estado de coisas” (2005, p. 84) Será necessário dotar tal ação (expressa em nosso trabalho pelo verbo postar); com sua existência: expressa no ato de indexá-la em uma dupla ordem identitária (através das performatividades corporais).

A **figuração** correspondente se dará pela *performatividade enquanto sujeito desejável*, contida no indexador (*hashtag*) que agrega todas as expressões desta formação fluida de grupo. Os indexadores são criados como elementos agregadores temporários que jogam um papel primordial na representação e rotulação dos actantes agregados por ele, se situam enquanto *figuração* da ação, ao mesmo tempo que como vínculo entre os actantes.

Ainda para a perspectiva de Latour (2005) as interações necessitam de uma demarcação temporal explícita, neste caso me centrei no recorte temporal que abarca o dia 15 de fevereiro de 2018 até o dia 08 de abril de 2018, no caso do primeiro indexador; e de 15 de fevereiro de 2018 até o dia 14 de abril de 2018, no segundo.

Busco, assim, realçar a vinculação entre fenômenos, acontecimentos e o tempo nos quais ocorrem. Trabalhando com a extensão paradoxal do grupo, que é expressa pela perda de calor em relação à distância temporal entre os actantes e o fenômeno que origina tal agrupamento.

Caracterizo na próxima seção o que foi encontrado na netnografia, a partir da cartografia dos *hashtags* elencados para a investigação, a partir destes reduzo um conjunto de imagens caracterizados como *corpus*.

2.1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Da coleta de dados proveniente dos dois indexadores elencados, começo demonstrando os dados coletados da *hashtag gaypuertorican* entre os dias 15 de fevereiro de 2018 até o dia 08 de abril de 2018. Ao todo foram contabilizadas 678 postagens, além de outras 12 repostagens e 24 vídeos, que de acordo com o objeto da investigação foram descartados. Das 678 postagens constatei a repetição de outras 12 imagens, que também foram excluídas. Das 664 postagens restantes, dos quais decorrem os seguintes dados. Identifico o seguinte volume total de postagens por tipo de conta:

Quadro 1 – Volume de postagens por tipo de conta no indexador *gaypuertorican*

Tipo de conta	Número de postagens
Pessoal	505
Comercial	109
Coletânea	54
Total	664

Fonte: o autor (2018).

Na *hashtag gaycuban*, a coleta deste indexador ocorreu entre os dias 15 de fevereiro de 2018 até o dia 15 de abril de 2018. Ao todo foram contabilizadas 221 postagens, além de outra (1) repostagem e 27 vídeos, que de acordo com o objeto da investigação foram descartados. Não houve ocorrência de fotos duplicadas, assim que das 221 encontrei os seguintes dados:

Quadro 2 – Volume de postagens por tipo de conta no indexador *gaycuban*

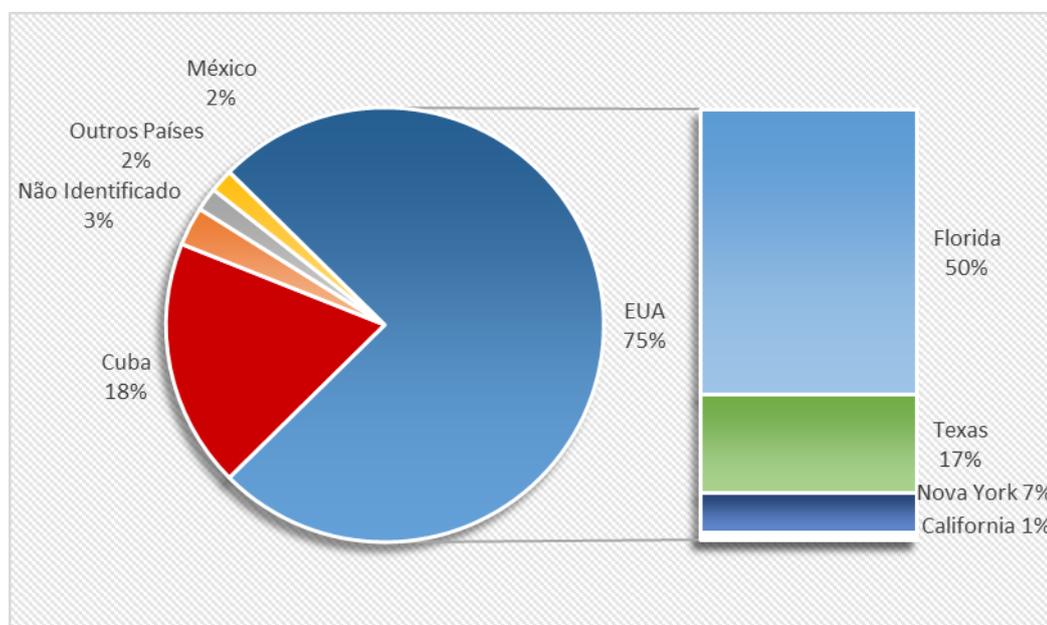
Tipo de conta	Número de postagens
Pessoal	194
Comercial	10
Coletânea	17
Total	221

Fonte: o autor (2018).

Quanto à localização das postagens, procurei nas publicações as localizações atribuídas, caso não estivessem definidas nas informações do perfil do usuário, quando também não expressa, em outras redes sociais dos usuários; em último caso se atribuiu a

categoria não identificada às imagens coletadas. Destes parâmetros, tracei o seguinte gráfico distribuindo o número de postagens por localidade descrita na *hashtag gaycuban*:

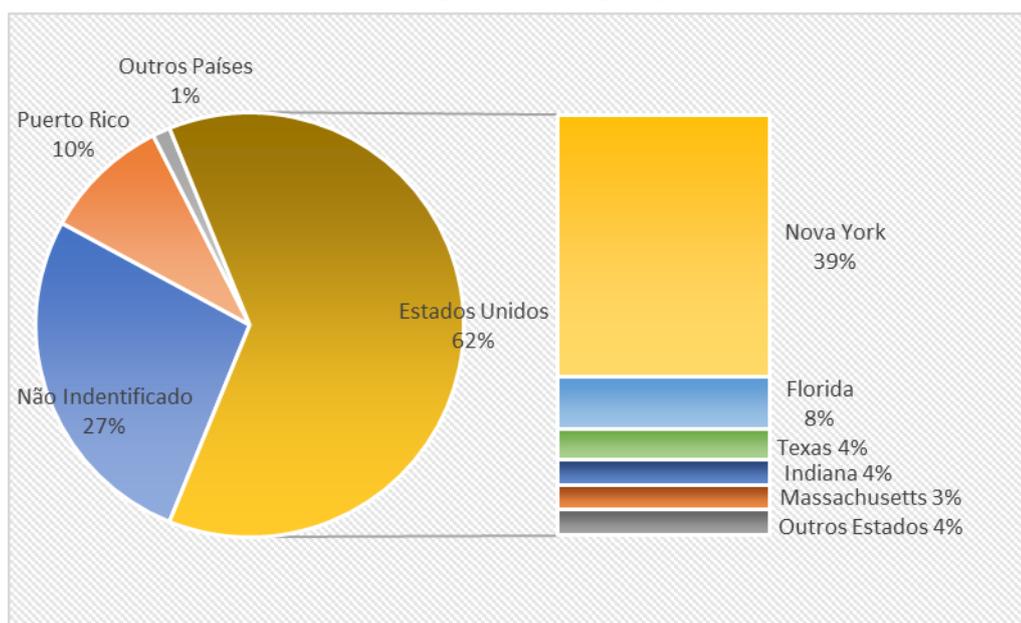
Gráfico 1 – Localização por percentual de postagens *gaycuban*



Fonte: o autor (2018).

No caso de Puerto Rico, temos:

Gráfico 2 – Localização por volume de postagem *gaypuertorican*



Fonte: o autor (2018).

A fim de estabelecer um recorte das postagens, para foco da análise, os Estados Unidos continentais serão representados pelas postagens oriundas do estado norte-americano da Flórida. Tal escolha se deve ao grande volume de postagens nesta localidade presentes em ambos os indexadores e pela região da cidade de Miami ser entendida como capital exógena da América Latina (MARTEL, 2012, p. 236). Elenquei postagens de perfis pessoais oriundas de Cuba, Puerto Rico e Flórida, afastando todos os tipos de conta não pessoais e localizadas fora destes espaços. As listas específicas das postagens por localidades elencadas se encontram nos apêndices A e B. Temos, assim, a seguinte composição das postagens:

Quadro 3 – Volume de Postagens por localização a partir do recorte

Local	Número Geral de Postagens
Cuba	37
Cubanos na Flórida	82
Puerto Rico	58
Puertorriqueños na Flórida	24
Total	200

Fonte: o autor (2018).

O uso de imagens produzidas pelos sujeitos pesquisados é apontado por Marcus Banks (2009) como uma corrente reconhecida da abordagem de dados visuais para a pesquisa qualitativa que gira em torno de sua coleta e interpretação. Em suas palavras, "O foco do projeto de pesquisa é mais obviamente visual, e os sujeitos de pesquisa têm, de forma mais evidente, uma conexão social e pessoal com as imagens" (BANKS, 2009, p. 27). Para o autor, na abordagem do campo o pesquisador "vai passar tempo com os sujeitos" observando as imagens que os mesmos produzem.

Dos conceitos elencados por Banks para a interpretação dos dados visuais, destaco a figura/fundo; o enquadramento/quadro; a perspectiva; e a representação. Na figura temos o "objeto principal" da imagem e no fundo "todo o resto". Menos literalmente temos a observação de uma relação "entre as coisas que parecem significativas e aquelas que parecem incidentais" (2009, p. 28).

No enquadramento ocorre a consideração sobre o que foi olhado para se produzir determinada imagem; aqui utilizo o conceito como um sinônimo para ênfase. Por quadro temos um conceito mais teórico e analítico, "o quadro indica os elementos gerais considerados pela pesquisa para agrupar, ou excluir, dados" (2009, p. 28).

O conceito de perspectiva denota um sentido duplo. Em um primeiro sentido uma regra de composição, alinhada aos enquadramentos, que demonstra o que fora privilegiado, ou não, na composição da imagem. Em nível analítico a perspectiva denota "um agente que sabe e que vê - alguém de cuja perspectiva de algo é observado" (2009, p.30).

Por fim, a representação, em um ponto de vista central aplicado à interpretação de dados visuais "é a coisa vista", ou "é a coisa por si só, não uma mera substituta para a coisa não vista, a coisa representada". Na leitura de Banks (2009), uma representação visual é dotada de três propriedades:

I – “sua forma não é ditada somente [...] pela coisa representada, mas por um conjunto de convenções ou códigos”;

II - ela refletirá, se constitui e é integrada pelos, e em meio aos, processos sociais, ou seja, é dotada de características adicionais das quais seu criador impôs;

III - "a representação tem algum tipo de força intencional por trás dela [actante] além de pressupor "alguém que vê ou um consumidor" (2009, p. 31).

Para Banks, as *etnometodologias* têm seu núcleo no “estudo de métodos corriqueiro por meio das quais as pessoas obtêm sucesso na interação social" (2009, p. 69), seu objetivo não será relativizar a ciência; antes disto pressupõe relativizar o positivismo científico, ao demonstrar que analisar experiências do mundo "constitui um conhecimento daquele mundo por meio de um processo interativo".

O autor salienta que "o objetivo da pesquisa social é aprender a respeito da sociedade, e os métodos visuais são um caminho para esse objetivo, não um fim em si mesmos" (2009, p. 70). A força das metodologias visuais reside na natureza aberta, inerente ao tipo de investigação proposto. “Resistindo a interpretações únicas, imagens podem fazer emergir todo um leque de caminhos alternativos de questionamentos” (2009, p. 82).

No contexto do uso de fotografias, o autor salienta que devemos lembrar do contexto em que elas forem encontradas. “Consequentemente pode-se dizer que tais objetos têm biografias (APPADURAI, 1986) no sentido de terem se emaranhado anteriormente com as vidas das pessoas”. Assim, as imagens poderão desempenhar um papel importante na vida em sociedade dos sujeitos pesquisados.

Dessa forma, fotografias representam uma parte finita da imensa possibilidade de fotografias possíveis “que poderiam ter sido tiradas naquela ocasião, e mesmo aquela parte finita é provavelmente apenas um subconjunto de todas as fotografias tiradas [...] e descartadas (2009, p. 83).

Quanto à ênfase do objeto fotografado, sua figura e enquadramento, corto os dados de acordo com as seguintes categorias: **selfies**, cujo foco incide sobre uma única pessoa, ou parte dela; as selfies aqui poderão assumir a seguinte forma:

Figura 2 - Exemplo de *selfie* para a investigação (1)



Fonte: Instagram.

Figura 3 - Exemplo de *selfie* para a investigação (2)



Fonte: Instagram.

Figura 4 - Exemplo de *selfie* para a investigação (3)



Fonte: Instagram.

Pode se perceber que para fins da formação do *corpus*, as **selfies** constituem uma categoria de imagem em que os usuários da aplicação estão representados sozinhos e sem adição de filtros além dos oferecidos pela aplicação.

As demais fotos foram agrupadas nas seguintes categorias: **misto**, mais de uma pessoa na imagem; **virtual**, imagem gerada artificialmente apenas; **montagem**, imagens fotografadas com adição explícita de elementos virtuais que a distorcem, ou criam a sobreposição de imagens em um mesmo arquivo (não incluem filtros ou funcionalidades da *Instagram*); **paisagem**, sem humanos, ou partes destes, na imagem; **objeto** ou **animal**, igualmente sem humanos, ou partes, na imagem, incidindo seu foco sobre objetos ou animais. Todas elas constituem o que chamei de **não-selfies**. Como exemplos, temos:

Figura 5 - Exemplo de não-selfie (1)



Fonte: Instagram.

Figura 6 - Exemplo de não-selfie (2)



Fonte: Instagram.

Figura 7 - Exemplo de não-selfie (3)

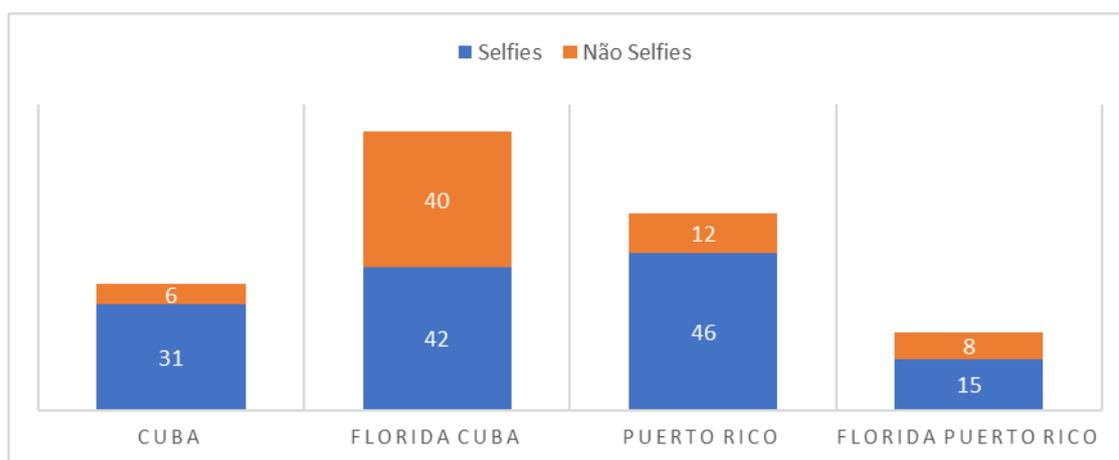


Fonte: Instagram.

Figura 8 - Exemplo de não-selfie (4)

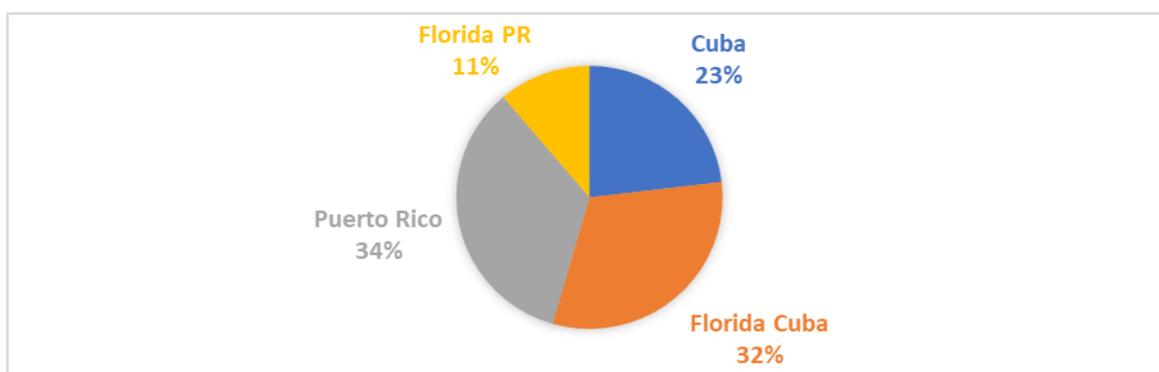
Fonte: Instagram.

As **não-selfies** são assim caracterizadas independentemente do modo como a fotografia foi tomada, mas de acordo com as categorias demonstradas acima. Em uma distribuição entre **selfies** e **não-selfies** presentes nas imagens localizadas em Cuba, Puerto Rico e Flórida teremos:

Gráfico 3 – Distribuição de *selfies* e não-*selfies* por localidade

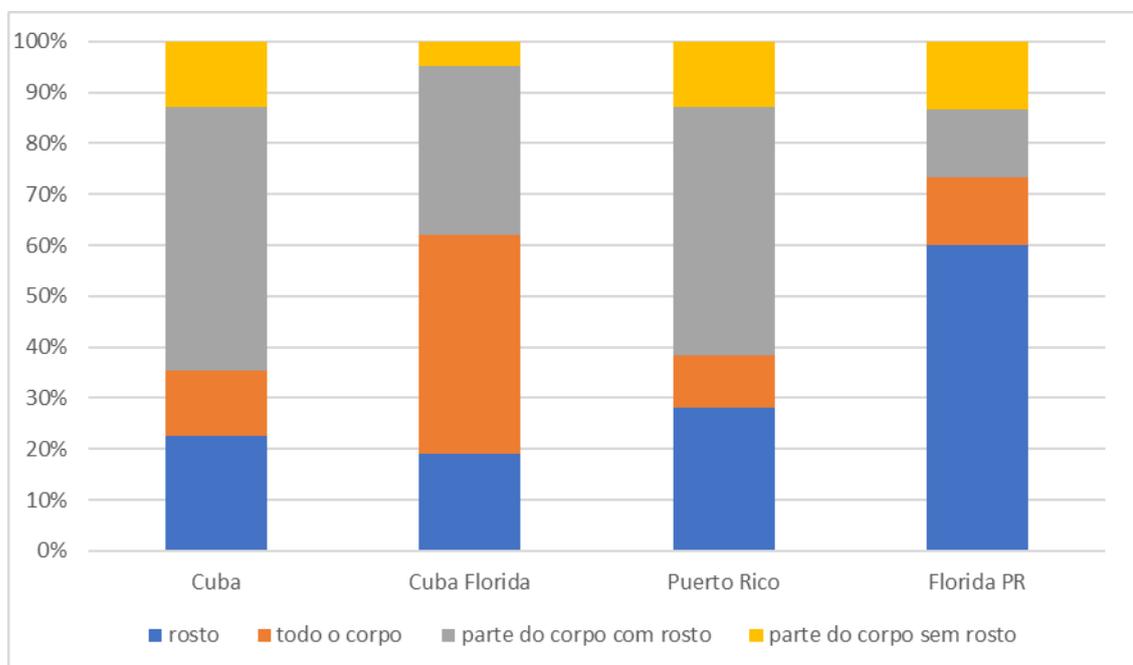
Fonte: o autor (2018).

Teremos, assim, das 200 postagens que cumpriam com o requisito de serem oriundas das localidades elencadas ao recorte de 66 não selfies, totalizando na amostra analisada 134 imagens, que distribuídas percentualmente geram a seguinte composição:

Gráfico 4 – Percentual de selfies por localidade, ambos indexadores

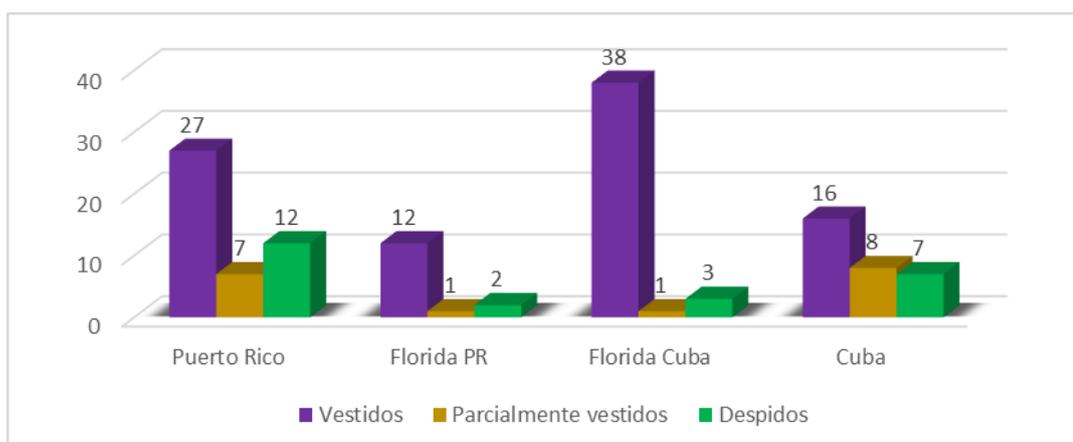
Fonte: o autor (2018).

Retomando a ideia de representação de Marcus Banks (2009), as selfies do *corpus* serão classificadas dentro de três categorias distintas. Na primeira delas encontra-se a divisão de acordo com a ênfase sobre o corpo fotografado distribuídas em quatro possíveis categorias: parte do corpo sem rosto, parte do corpo com rosto, rosto e todo o corpo, chegando a seguinte composição:

Gráfico 5 – Percentual ênfase sobre o corpo fotografado por localidade

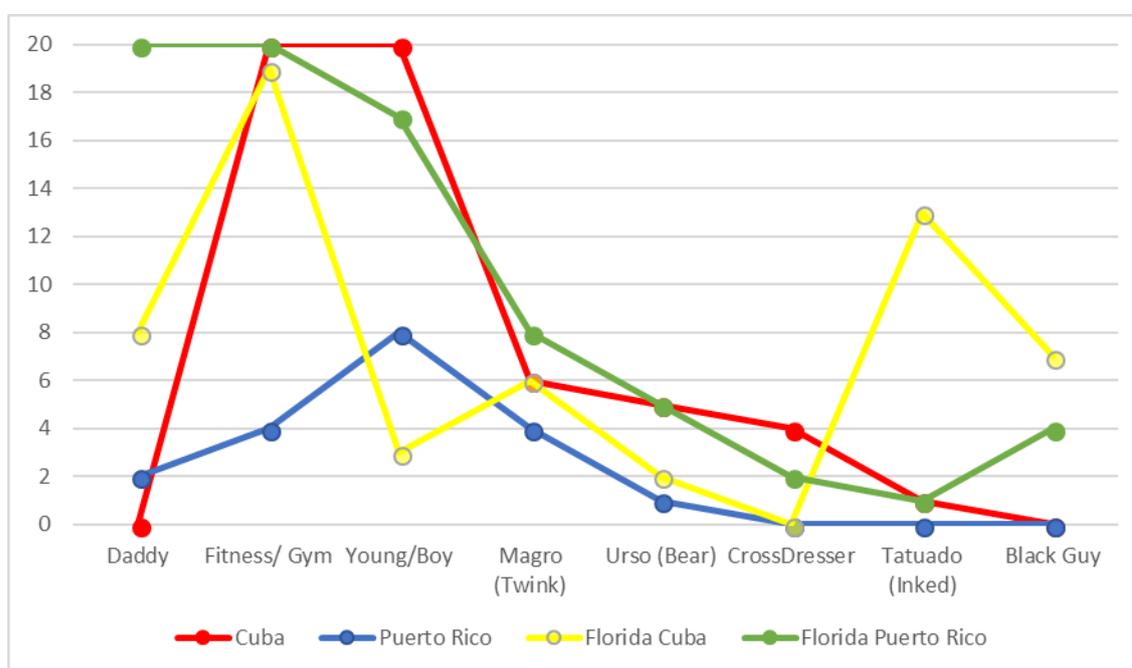
Fonte: o autor (2018).

Em um segundo desdobramento, organizo as postagens de acordo com o modo como os interlocutores estavam vestidos, ou não, em síntese encontrei:

Gráfico 6 – Valores totais de postagem por tipo de vestimenta

Fonte: o autor (2018).

No último desdobramento agrupo as postagens de acordo com os marcadores identitários atribuídos pelos próprios usuários às suas fotos a fim de compor um quadro de representações por tribos com as quais os mesmos se identificavam:

Gráfico 7 – Representações por tribos

Fonte: o autor (2018).

As representações não correspondem ao número total de fotos, elas o excedem, já que uma mesma foto pode ser categorizada em mais de uma representação, ao mesmo tempo em que uma identificação pode não ser a mesma definição padrão de dita tribo. As considerações

do autor com base no que as imagens dizem são de respeito da análise iconográfica, desenvolvida na próxima seção. Aqui coube trazer o modo como os próprios usuários se caracterizam por meio dos indexadores correlatos, dos quais se serviram para categorizar suas postagens.

O desdobramento das fotografias nos demonstrou as linhas gerais pelas quais os usuários se representam na rede social, pode-se ler por meio das tabulações que este *ethos* começa a se desenhar sendo o de um homem jovem, atlético, no caso das postagens oriundas de Cuba e Puerto Rico; e de um homem mais velho no caso da Flórida. Contudo, até agora seguiu um caminho quantitativo das metodologias, descrevendo o *corpus* por meio de estratificações. Na próxima seção exploro as imagens postadas de modo qualitativo, evidenciando as controvérsias entre estas e os indexadores correlatos.

2.2 UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA

A tradição da representação elencada como instrumento indissociável da análise iconográfica se dará em conjunto com as análises das fotografias destacadas nesta seção. Panofsky (1986) define a iconografia como um ramo da história da arte que trata das mensagens contidas em uma obra de arte, em oposição à análise de sua forma. Para o autor é necessária a distinção entre tema e significado, de um lado, e da forma, de outro, a fim de identificar os significados contidos em dado produto visual.

Em sua proposta, o significado de uma imagem se desdobra em três níveis. Em um primeiro, o significado fatural que “é apreendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objetos que já conheço por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações ou fatos” (1986, p. 47) será o significado percebido. O segundo nível, o significado expressional, está contido nas nuances psicológicas de determinado objeto analisado, difere do primeiro por ser um significado aprendido não apenas pela identificação de seus elementos, mas por derivar da “empatia”. “Para compreendê-lo preciso de uma certa sensibilidade” (1986, p. 48). Ambos os significados podem ser classificados conjuntamente: “constituem a classe dos significados primários ou naturais”.

A correta aplicação de uma interpretação iconológica necessita de uma utilização de elementos próprios da iconografia como etapas anteriores ao processo analítico. Sendo assim, Panofsky elenca três etapas para a correta aplicação do método.

Em um primeiro momento de aplicação do método, demonstro a descrição pré-iconográfica, que se mantém dentro dos limites do mundo dos motivos. Os objetos e eventos, cuja representação por linhas, cores e volumes constituem o mundo dos motivos, devem, assim, ser identificados. Co-partícipe deste processo, a experiência prática do pesquisador é indispensável como um material básico para a descrição pré-iconográfica. Poderei apresentar como formas de descrição pré-iconográfica das representações por tribos criadas pelos usuários dos indexadores as seguintes:

Figuras 9 - Exemplo de postagem agrupada na categoria *Crossdresser*



Fonte: Instagram.

Figura 10 – Exemplo de postagem agrupada na categoria *Young*



Fonte: Instagram.

Figura 11 - Exemplo de postagem agrupada na categoria *Black*



Fonte: Instagram.

Figura 12 - Exemplo de postagem agrupada na categoria *Tatuado*



Fonte: Instagram.

Figura 13 - Exemplo de postagem agrupada na categoria *Daddy*



Fonte: Instagram.

Figura 14 - Exemplo de postagem agrupada na categoria *Bear*



Fonte: Instagram.

Percebe-se que nas figuras acima percebo a coincidência entre a imagem postada e as tribos atribuídas pelos usuários às suas expressões imagéticas e identitárias; em termos pré-

iconográficos vejo a coincidência entre os motivos e a forma gerando significado. Quando interpreto um fato reconheço nele um segundo significado, o secundário, ou convencional; “difere do primário ou natural por duas razões: em primeiro lugar, por ser inteligível em vez de sensível e, em segundo, por ter sido conscientemente conferido à ação prática pela qual é veiculado” (1986, p. 48).

O segundo momento de aplicação do método, a análise iconográfica, trata das imagens, contextos e “alegorias” ao invés dos motivos; ela pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos relacionados ao objeto analisado. Nas palavras de Panofsky (1986, p. 62)

Quando desejamos nos assenhorear desses princípios básicos que norteiam a escolha e apresentação dos motivos, bem como da produção e interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido até aos arranjos formais e aos processos técnicos empregados, não podemos esperar encontrar um texto que se ajuste a esses princípios básicos.

O autor salienta a necessidade em conhecer tanto a história do estilo, quanto do tipo de representação; tal compreensão é decorrente da própria revisão teórica a respeito, quanto da experiência em lidar com determinado objeto de investigação.

Para o autor, nossas identificações e interpretações “dependerão de nosso equipamento subjetivo”, e por essa mesma razão “terão de ser suplementados e corrigidos por uma compreensão dos processos históricos cuja soma total pode denominar-se tradição” (1986, p. 66). Pois será por meio da pesquisa dos significados intrínsecos que os campos de estudo nas ciências humanas encontram seu plano comum, ao invés de servirem de “criadas umas das outras”.

Figura 15 - Exemplo para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (1)



Fonte: Instagram.

Figura 16 - Exemplos para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (2)



Fonte: Instagram.

Figura 17 - Exemplos para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (3)



Fonte: Instagram.

Figura 18 - Exemplos para contradição entre tribos atribuída pelos usuários e identificações do autor (4)



Fonte: Instagram.

As figuras acima ilustram as contradições presentes no *corpus* entre a tribo atribuída pelo usuário e as definições oriundas do equipamento subjetivo do autor. Na figura catorze, o usuário atribui a si a categoria *Young boy*, mesmo não sendo mais um adolescente. Na figura 15, o usuário atribui a si a categoria *gayboy*, mesmo que não seja possível afirmar qual seja

sua idade a partir da foto. Na figura 16, o usuário atribui a si a categoria *black*, apesar de vestir um *body*, não se indexando como *crossdresser*. Na figura 17, o usuário se atribui a categoria tatuado, apesar de não retratar especificamente nenhuma tatuagem em seu corpo.

Panofsky fala de uma intuição sintética, a ser desenvolvida em quem se debruça sobre este objetivo analítico. “Se nossa experiência prática e nosso conhecimento das fontes literárias podem nos transviar quando aplicados, indiscriminadamente, às obras de arte, quão mais perigoso não seria confiar em nossa intuição pura e simples!” (1986, p. 63).

A ação de retratar revelará tudo aquilo que entra na composição de uma 'personalidade'. Nas palavras de Panofsky,

Não podemos construir o retrato mental de um homem com base nesta ação isolada, e sim coordenando um grande número de observações similares e interpretando-as no contexto de novas informações gerais quanto à sua época nacionalidade, classe social, tradições intelectuais e assim por diante” é, portanto, uma interpretação sociológica (1986, p. 50).

Temos, assim, o terceiro nível, no qual o significado *intrínseco* ou *de conteúdo*, definido como "um princípio unificador que sublinha e explica os acontecimentos visíveis e sua significação inteligível e que determina até a forma sob a qual o acontecimento visível se manifesta" (1986, p. 50).

Ao perceber as formas puras, os motivos, as imagens, seus contextos e alegorias, como expressões de princípios básicos e gerais, explica-se todos os elementos como sendo o que Ernst Cassirer chamou de valores "simbólicos", "tratamos a obra de arte como tal e interpretamos suas características composicionais iconográficas como qualificações e propriedades a ela inerentes" (1986, p. 53).

A descoberta e interpretação desses valores "simbólicos" que são desconhecidos pelo próprio usuário e podem divergir do que ele conscientemente tentou expressar, é o objeto do que se poderia designar "iconologia" em oposição a "iconografia".

Na concepção do autor, a iconografia considera unicamente uma parte dos elementos que constituem o conteúdo de uma imagem “e que precisam tornar-se explícitos se se quiser que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável” (1986, p. 54).

A Iconologia constitui um método de interpretação que se origina na síntese, mais que da análise, da identificação dos motivos. Atentar aos motivos é o “requisito básico de uma correta análise iconográfica”, a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o “requisito essencial para uma correta interpretação iconológica” (1986, p. 54). Ao olhar o *corpus* imagético ficou claro o modo como, em certos casos, destoa a caracterização dos actantes

com as definições atribuídas culturalmente às categorias às quais fazem referência para indexarem suas postagens como parte de determinada tribo.

Sendo assim, qual o caminho que poderei trilhar? O pesquisador poderia se arvorar como detentor das definições e atribuir categorias às postagens, ignorando o modo como os actantes se caracterizam? Ou devo guiar a caracterização pelo modo como estes se indexam? Optei pelo segundo movimento, no qual as formas como os usuários se caracterizaram via indexadores é lida atrelada ao que percebo em suas postagens. Quando vistas em conjunto, tais formulações foram determinantes para perceber o *ethos* que os próprios usuários construíram para si, revelando nuances dessas representações ao mesmo tempo em que respostas às controvérsias em relação às nacionalidades e à hierarquia entre estas, questões que atravessam a própria vivência de suas sexualidades em rede, bem como a percepção de suas nacionalidades dentro da economia política do desejo.

No próximo capítulo abordo os contextos que subsidiam as identidades que a investigação procura interpretar. O contexto teórico da investigação em sua perspectiva pós-moderna, as conceptualizações em torno da Internet e o nosso primeiro actante, a rede social *Instagram*.

3 EPISTEMOLOGIAS PARA OBJETOS VIRTUAIS

No capítulo dois, caracterizo o marco teórico da investigação, sobre a fotografia e suas estruturas enquanto representação ao massivo compartilhamento digital; parto de uma definição da pós-modernidade até à definição do modo como identidades e valores culturais são entendidas coletivamente no presente. Chego ao primeiro actante não-humano, a rede social *Instagram*.

3.1 A CONSCIÊNCIA TEÓRICA DO OLHAR

A separação entre o *que* se enxerga e *quem* observa está embutida nas falácias sobre as fotografias apontadas por Peter Loizos (GASKELL e BAUER, 2009, cap. 6, p. 137), e são estas: I - “a câmera não mente”, ou seja, toda imagem constitui a expressão mais próxima de uma realidade objetiva; II - A fotografia “é simplesmente e universalmente acessível a qualquer um do mesmo modo”, opera, assim, “transculturalmente, independente de contextos sociais, de tal modo que todos verão e entenderão o mesmo conteúdo na mesma fotografia” (2009, p. 140).

Ambas as atitudes frente a determinado objeto fotografado derivam de duas crenças: no primeiro caso, a crença na ideia de uma verdade universalizante, cuja realidade pode ser acessada pela aplicação de metodologias e procedimentos técnicos científicos; e no segundo, a crença na existência de uma substância pensante, transcendente e assentada na racionalidade do sujeito que observa; além da dicotomia entre o sujeito e o objeto de sua atenção.

Estão apontadas no projeto da modernidade, nas palavras de Habermas (1992, p. 162-63)

O projeto de modernidade formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo consiste num desenvolvimento implacável das ciências objetivas, das bases universalizantes da moralidade e da lei e de uma arte autônoma consoante a lógica interna delas, constituindo ao mesmo tempo, porém, uma libertação dos potenciais cognitivos acumulados em decorrência de suas altas formas esotéricas e de sua utilização na práxis: isto é, na organização racional das condições de vida e das relações sociais. Os proponentes do Iluminismo [...] cultivavam ainda a expectativa extravagante de que as artes e as ciências não somente aperfeiçoariam o controle das forças da natureza, como também a compreensão do ser e do mundo, o progresso moral, a justiça nas instituições sociais e até mesmo a felicidade humana.

A modernidade está assentada em uma primeira verdade, a existência de um ser que pensa; de Santo Agostinho até Descartes, o ser humano é dotado de uma consciência racional transcendente, que não pode ser negada pela dúvida. Penso, logo existirei.

Todas as metodologias decorrentes desta assertiva constituem a crença na capacidade racional humana em domar seu mundo, "o conhecimento não somente é exato, como também objetivo" (GRENZ, 2006, p. 16); assim acesso o conhecimento de modo desapaixonado por meio dos aplicadores racionais do rigoroso método científico, os "observadores imparciais - isto é, contemplam o mundo de uma posição estratégica situada fora do fluxo da história" (GRENZ, 2006, p. 16).

O produto da aplicação de uma racionalidade alinhada à leitura empirista do mundo dito externo gera a segunda suposição Iluminista, a existência de uma verdade pura baseada na racionalidade.

De ambas decorrem o ideal realista, no qual "supomos que o mundo é objetivamente real, que ele manifesta uma ordem inerente a si mesmo e independente da atividade humana" (GRENZ, 2008, p. 65). O saber, nos termos realistas, supõe que a mente humana seja capaz de refletir a realidade além do humano; supõe também que as linguagens, como produto da racionalidade humana, constituem veículo apropriado para informar a todos o que descobrimos sobre o mundo.

A dimensão racional do intelecto humano será, aqui, em consonância com a produção teórica pós-moderna precedente, destituída de sua posição como julgadora da verdade. Existem caminhos apropriados ao conhecer além da razão que, acertadamente, incluem outras dimensões do intelecto, tais quais as emoções e a intuição.

Na definição de Stanley J. Grenz (2008, p. 15) "o conhecimento não pode ser meramente objetivo", como pronunciam os pós-modernistas, bem como o universo não é "mecanicista" e nem "dualista", ele é "histórico", passível de relacionamento pessoal." [...] assim a "realidade é relativa, indeterminada e participável".

Para o autor, o termo pós-modernismo alude à "rejeição da atitude mental moderna" para compreender seus postulados, foi preciso definir acima seus pressupostos principais para que, a partir deles, e como tudo que o pós-modernismo propõe, os saberes nascerem de uma base relacional, por isto, para entendê-lo e aplicá-lo foi necessário conceituar o moderno "que o deu à luz, e ao qual ele se opõe" (GRENZ, 2008, p. 15).

No empreendimento de definir a atitude pós-moderna frente aos saberes é preciso elencar seus pressupostos, que equivalem ao esgotamento do pensamento moderno e à falência da razão como condutoras do progresso das gentes.

Na definição de Lyotard, o termo pós-moderno expressa a incredulidade frente às chamadas metanarrativas.

Usarei o termo moderno para designar qualquer ciência que se legitima a si mesma em relação a um metadiscurso deste tipo por meio de um apelo explícito a alguma metanarrativa grandiosa, tal como a dialética do Espírito, a hermenêutica do significado, a emancipação do racional ou do sujeito operante, ou a criação da riqueza. Por exemplo, a regra do consenso entre o transmissor e o destinatário com referência a uma afirmação de valor de verdade é considerada aceitável se elaborada como uma possível unanimidade entre as mentes racionais: essa é a narrativa do Iluminismo, em que o herói do conhecimento trabalha em prol de um fim ético-político - a paz universal... (1984, p. 25-26)

Desafiando as descrições definitivas, o pós-modernismo sugere a rejeição radical da consciência intelectual moderna, nega-se a realidade de um mundo unificado perceptível como um objeto e redutível à interpretação racional. Abandona a possibilidade da construção de uma cosmovisão única exata que se satisfaz em falar das muitas visões, de modo que o conhecimento é suplantado pela interpretação.

Em sua primeira formulação, a perspectiva pós-moderna aparece como

O pós-modernismo sinaliza a morte de tais 'metanarrativas', cuja função terrorista secreta consiste em fundamentar e legitimar a ilusão de uma história humana 'universal'. Estamos agora no processo de despertar do pesadelo da modernidade, com sua razão manipuladora e seu fetiche de totalidade, rumo ao pluralismo descontraído da pós-modernidade, com seu espectro heterogêneo de estilos de vida e de jogos linguísticos que renunciaram à necessidade nostálgica da totalização e da própria legitimação... A ciência e a filosofia precisam pôr de lado suas grandiosas reivindicações metafísicas e devem refletir sobre si mesmas com mais modéstia, tão-somente como mais um conjunto de narrativas. (EAGLETON, 1984, p.194 *apud* GRENZ, 2008, p. 76)

Na interpretação de Grenz (2008, p. 69), a perspectiva está dotada de duas suposições basilares, são estas: I – o dito real é uma construção útil, não verdadeira; II – não há construção fora do que cada um concebe por realidade. Sendo assim,

A adesão a um conjunto de procedimentos aceito pela comunidade científica pode nos garantir uma objetividade *relativa* da parte do observador, mas nenhum relato experimental é capaz de produzir uma observação *puramente* objetiva e sem envolvimento... não podemos separar nitidamente o objeto observado do sujeito que o observa.

Com isto, cai a suposição moderna dos fatos externos, constituintes da natureza e que são independentes de um sujeito observador racional. Insiste em uma participação co-criadora, nos termos de Giddens, para além da posição de espectador contemplativo do dito real. O pós-modernismo surge como produto filosófico e crítico às mudanças culturais e econômicas fruto do período pós-guerra, entre 1960 e 1990. Jeremy Rifkin (2001, cap. 2) assinala a mudança do que chama era industrial baseada em mercados para a era pós-industrial baseada em redes. Rifkin e Grenz concordam ao assinalar que a era pós-industrial valoriza a produção de informações. Para o último, "estamos testemunhando a transição de

uma sociedade industrial para uma sociedade de informação, cujo símbolo é o computador" (2008, p. 33).

3.2 A ERA DO ACESSO

O que seria uma ideia utópica para uma pessoa muitas vezes é um pesadelo inimaginável para outra. Imagine acordar um dia e descobrir que todos os aspectos de seu ser tornaram-se sujeitos à compra, que sua vida em si se tornou a melhor experiência de compra.

RIFKIN, Jeremy. (2001, p. 79)

O economista Jeremy Rifkin buscou descrever em “A era do acesso: A transição de mercados convencionais para *networks* e o nascimento de uma nova economia” (2001), como as bases pelas quais a economia capitalista está passando por sua mais recente mutação sistêmica. Sua hipótese central consiste na assertiva: a economia capitalista que era assentada na permuta de bens materiais, as propriedades, intermediada pelos mercados, está se convertendo em redes de utilização dos mesmos bens materiais pautadas pela ideia de contratar a participação, ou partilha, o chamado acesso.

Em sua leitura, não significa dizer que as relações comerciais baseadas na permuta de posses se extinguirão; elas apenas vêm deixando de ser atividade mercadológica principal, para assumir uma posição secundária.

A compra e venda de experiências imersas no modo de produção contínuo, vinculante e horizontalizada, toma a posição de principal troca econômica da anterior, organizada processualmente; não vinculante e sob uma lógica produtiva fordista. No novo cenário, quem melhor possibilitar a distribuição de um conteúdo em menor tempo e com maior abrangência, controlará seu acesso e dominará o sistema.

Ao longo da primeira parte do livro o autor demonstra como esfera a política – participação; e a esfera cultural - signos eficazes no intercâmbio de sentidos e circulação de conceitos socialmente explicativos, tornam-se os ativos que uma companhia comercializa. Nos dizeres do autor, “quando o pensamento humano se torna uma *commodity* tão importante, o que acontece com as ideias que, embora importantes, podem não ser atraentes comercialmente?” (2001, p. 46).

A organização das economias em rede significa dizer que “ideias na forma de patentes, direitos autorais, marcas registradas, segredos comerciais e relacionamentos - estão sendo usadas para forjar um novo tipo de poder econômico composto por megaforneecedores (*sic*) no controle de redes expandidas de usuários” (2001, p. 47). Por mega forneecedores

entende-se desde as redes de compras globais como *Walmart* até às redes sociais como *Facebook*.

A identificação do conjunto de bens como um todo ao qual temos acesso, e não um conjunto de objetos “individualizados” ao longo do tempo levará aos coletivos perceberem a vida econômica “mais em termos do acesso a serviços e a experiências e menos em termos da posse de bens, marcando o final da era da propriedade e o começo da Era do Acesso” (2001, p. 63)

Nesta era, *agenciada maquinalmente*, organizada por um modo de economia *ciberespacial*, “a transformação de bens e serviços em *commodities* torna-se secundária em relação à transformação das relações humanas” (2001, p. 79). Será imprescindível, na nova organização, “manter a atenção” dos desenvolvedores e dos clientes, pois isto significa controlar ao máximo o tempo de produção e da experiência dos usuários finais.

A transformação das relações humanas em *commodities* é realizar a distopia de acordar um dia e “descobrir que todos os aspectos de seu ser tornaram-se (*sic*) sujeitos à compra, que sua vida em si se tornou a melhor experiência de compra” (RIFKIN, 2001, p. 79).

A nova economia cultural do capitalismo é uma nova cosmologia de mundo e organização ontológica do real, em que “símbolos, *webs* e laços de *feedback*, conectividade e interatividade, em que os limites e as fronteiras se tornam indistinguíveis”, uma vez que, “depois de centenas de anos convertendo os recursos materiais em bens adquiridos, agora estamos transformando cada vez mais os recursos culturais em experiências e entretenimento pagos” (RIFKIN, 2001, p. 111).

A nova economia cultural é uma economia digitalmente comunicada. A dimensão comunicativa digital é “meio pelo qual os seres humanos encontram significado comum e partilham o mundo por eles criado”, converter em *commodity* todas as formas de comunicação digital equivale a “transformar em *commodity* muitos relacionamentos que compõem a experiência vivida - a vida cultural - do indivíduo e da comunidade” (RIFKIN, 2001, p. 112).

A primeira questão, então, está expressa nos conceitos utilizados para inter-relacionar comunicação, em seu sentido na área de computação e engenharia de informação, com o sentido que se dota ao conceito em sua relação com a cultura.

Em sua leitura da antropologia de Clifford Geertz, Rifkin assinala que cultura “são as redes de significado comunicados, por meio das ferramentas empregadas pelos seres humanos para interpretar, reproduzir, manter e transformar essas redes de significado” (2001, p. 112).

Da leitura do teórico de mídia Lee Thayer, Rifkin conclui o argumento ao dizer que **“ser humano” é “estar em comunicação com alguma cultura humana”** (grifo nosso).

A oposição fica na ordem de que, entre programadores, as comunicações significam eficiência na troca de mensagens. O foco do conhecimento obtido na área estará assentado no enunciado de que “como emissores e receptores codificam e usam canais efetivamente, com a mínima quantidade de ruído” (RIFKIN, 2001, p.113).

Por oposição, na escola antropológica, a comunicação é “geração de significados sociais por meio de transmissão de textos” (RIFKIN, 2001, p.113), sendo textos mais abrangentes que apenas mensagens. A semiótica de Ferdinand de Saussure e Charles Saunders Pierce, segundo Rifkin, ocupa-se de “estudar como as comunicações estabelecem significado, reproduzem valores comuns e ligam pessoas em relacionamentos sociais” (RIFKIN, 2001, p.113).

A dita vida cultural, como experiência compartilhada entre sujeitos, tem o seu centro entre relações de adesão e exclusão. “Ou se é membro de uma comunidade e cultura e, portanto, se aproveita do acesso a suas redes compartilhadas de significado e experiência, ou se é excluído” (RIFKIN, 2001, p. 114). A partir desta leitura, posso concluir que a conversão da cultura em mercado de mídia subordina toda a forma de circulação de sentidos sociais e culturais sob uma lógica econômica.

Na sequência, Rifkin (2001, p. 115) aborda o modo como ocorre a ascensão do modo de produção cultural. Para tanto, o autor parte da distinção de Daniel Bell entre as três esferas da civilização moderna, a saber: econômica, política e cultural. Os princípios essenciais de todas serão, respectivamente: economia de recursos; participação; e, realização e engrandecimento do *self*. Ao longo do século XX, os valores essenciais das esferas política e cultural foram dragados pela esfera econômica.

Para Rifkin, “As noções de participação democrática e de direitos individuais encontram seu caminho até o mercado, onde renasceram à guisa da soberania do consumo e dos direitos do consumidor” (2001, p. 115); comprar e fazer parte do ciclo de consumo de mercadorias, ou americanização conforme Lindgren Alves (2003), tornou-se mais importante que a participação política, ou mesmo o direito ao voto, na democracia norte-americana.

Por outro lado, complementa o autor, a dita cultura figurou por um longo período como esfera questionadora deste processo. Românticos e boêmios “procuravam a autorrealização na natureza e nas artes, esperando encontrar uma via não-materialista para o progresso” (RIFKIN, 2001, p. 115).

A força que une “ética do consumo” com a “ética da auto-realização” foi a arte, “o comunicador principal das normas culturais”. Rifkin argumenta que “as artes organizam e comunicam a experiência social”, ou seja, arte expressa os sentidos mais profundos de uma cultura. Assim, há um poder nas artes em “transmitir significado social e criar uma noção de valores partilhados” (RIFKIN, 2001, p. 115).

Artistas expressavam, segundo o autor, “o desejo de cada indivíduo de encontrar a auto expressão e a realização pessoais em um mundo atolado na produção de massa e perdido no anonimato de massa” (RIFKIN, 2001, p. 115).

Esta postura de oposição, assumida na década de 1920, era uma contestação à ética protestante que doutrinava como valores estéticos o “auto sacrifício”, o “trabalho árduo” e a “sublimação” dos prazeres do corpo e as emoções.

Esses novos artistas “comemoravam viver o momento, o hedonismo, a auto expressão, a beleza do corpo, o paganismo, a liberdade das obrigações sociais, o exotismo de lugares distantes, o cultivo de um estilo e da formação de um estilo de vida” (FEARTHERSTONE, 1991, p. 114 *apud* RIFKIN, 2001, p, 116).

Rifkin sustenta que diferente do capitalismo orientado à produção, o capitalismo voltado ao consumo se utilizaria das artes para ajudar a libertar estas necessidades psicológicas do humano, atrelando-as à cultura do consumo.

De tal modo, as artes impulsionam o consumo na crise da superprodução, vendem um “modo de vida” que atrela o valor utilitário de um bem, ou serviço; tornaram-se tangenciais ao seu valor psicológico, como instrumento da realização pessoal.

A cultura pode ser atada aos nascentes meios eletrônicos de comunicação massiva, pode difundir tipos “simulados de experiências culturais partilhadas que, embora menos íntimas, muitas vezes foram sedutoras e divertidas. A arte e cultura locais eram pressionadas para competir com formas de arte geradas eletronicamente, como filmes e rádio” (RIFKIN, 2001, p. 116).

Em tal configuração, de modo correlato, nacionalismos e universalismo de valores cresceram, enquanto as formas interpretativas das quais a cultura dotava a sociabilidade foram colonizados pela esfera econômica, tornando o hibridismo dos valores de consumo como modo de realização pessoal à forma corrente para interpretação do social. Ou, como diz o autor “A arte, que se opunha aos valores de mercado, passou a ser o seu maior apóstolo e o principal comunicador de seus valores” (RIFKIN, 2001, p. 116).

Norman Denzin (1991, p. 44) escreve que “A experiência vivida é o último estágio de reificação da *commodity*. Em outras palavras, a experiência vivida [...] tornou-se a *commodity*

final da circulação de capital”. Ascende assim um novo dogma: a paixão consumível, alinhada à ideia de *ethos* econômico de Bauman. Rifkin complementa este pensamento, ao colocar que “a indústria da experiência relaciona-se [sic] à comercialização do que faz o coração bater mais rápido” (RIFKIN, 2001, p. 117).

As empresas, assim como os grupos e as redes, não fabricam mais bens, antes passaram a produzir as chamadas lembranças: emotivamente negociadas, transitórias, consumíveis e geolocalizadas.

3.3 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Da leitura de Rifkin pode se perceber que a sociedade pós-industrial, ou da informação, opera baseada em redes de comunicação organizadas que abrangem a totalidade do globo terrestre.

Para Grenz (2008, p. 35), “o advento da sociedade da informação pós-industrial como sucessora da sociedade industrial moderna contribui para com o fundamento do espírito pós-moderno”, uma vez que “a vida na aldeia global imbui seus cidadãos de uma consciência vívida da diversidade cultural de nosso planeta - uma consciência que parece estar nos encorajando a adotar uma nova atitude mental mais pluralista”. Essa mentalidade nova entende a “tolerância por outras práticas e pontos de vista: ela afirma e celebra a diversidade. A celebração da diversidade cultural, por sua vez, requer um novo estilo - o ecletismo - o estilo da pós-modernidade”.

Para Connor (1989, p. 9), a condição pós-moderna “manifesta-se na multiplicação dos centros de poder e na atividade e dissolução de todo tipo de narrativa totalizante que reivindica o governo da totalidade do campo complexo da atividade e da representação social.”

A sociedade, como um conglomerado totalizante, tal qual os postulados da sociologia em sua forma clássica, destinada por uma autoridade política a procurar sua coesão, nos termos de Durkheim, se dissolve. Em seu lugar temos o advento da leitura do social como um conglomerado não-linear de sociedades e suas formas de sociabilidade, conforme Bruno Latour (2005).

Toda verdade está condicionada socialmente, e por social leia-se potencialidade não uniforme de conexões, nos ensina Latour, cujas contribuições serão melhor exploradas em uma próxima seção. Pelo momento, cabe destacar seu resgate ao pensamento de Gabriel Tarde em sua formulação dos deveres da ciência social, ao definir que o dito ‘social’ não

constitui um “domínio especial da realidade”, é, sim, um princípio de conexões” (2005, p. 33); em sua perspectiva o social é uma forma de “interpsicologia”.

Bruno Latour define o social como um movimento “peculiar de reassociação e reagregação” (2005, p. 25), tenta reassumir as formas mais antigas de compreensão do que dizer social significa. Sintetiza sua percepção ao apontar que “ser social já não é uma propriedade segura e simples, é um movimento que às vezes não consegue traçar uma nova conexão e redesenhar um conjunto bem formado” (2005, p. 26).

Chegamos, assim, a sua proposta metodológica expressa no acrônimo ANT (Actor-Network Theory), visto como adequado para descrever a postura segundo a qual um observador utilizando de tal instrumentação teórica deveria seguir. Nos dizeres do autor, este é o relato perfeito para definir um viajante “cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário. Uma formiga (ANT) escrevendo para outras formigas” (2005, p. 28).

Para o autor, qualquer observação derivada da teoria atribui aos não-humanos o status de actantes e não “meras projeções simbólicas” (2005, p. 29). Por derivação assinala que “qualquer estudo que atribua a não humanos um tipo de ação mais aberto que a tradicional causalidade natural - e mais eficiente que a simbólica - pode pertencer ao nosso *corpus*” (2005, p. 29-30).

De suas assertivas, em consonância com o dito por Rifkin, chego ao status hoje dotado aos meios de comunicação virtual. Para Grenz (2008, p. 59) "o advento da 'tela' - seja no cinema, na televisão ou no computador - sintetiza como o pós-modernismo embaralha o contraste tradicional entre o eu subjetivo e o mundo objetivo”. Complementa ao afirmar que

Viver na era pós-moderna significa habitar um mundo criado pela justaposição de diversas imagens. O mundo da tela confunde as imagens indistintas num presente fragmentado; os pós-modernos comprometidos com esse mundo continuam na dúvida se não seria ele nada mais do que imagens difusas.

A própria ideia de interface, no campo da comunicação, embute o sentido de unidades, espaços, faces que aparentemente não se comunicam, mas só aparentemente, ou em uma concepção moderna da comunicação. Quando nomeados a condição de actante, as telas ganham um novo sentido, proporcionado pela consciência pós-moderna.

Deleuze e Guattari em *Mil platôs volume um* (1995) definem o que aqui chamei por rede como o rizoma, uma estrutura biológica que terá múltiplos eixos a partir da mesma base, de dinâmica horizontal, sem hierarquia e que se perpetua ao longo do tempo. Em análise de rede, qualquer pedaço me leva a compreendê-la em linhas gerais. Suas redes são sistemas

complexos marcados pelo processo de mimese. De sua leitura percebemos que muitos fenômenos na sociedade se caracterizam pela sobreposição, arranjos misturados: a ancoragem social. O rizoma pode ser resumido como sistema que conecta um ponto qualquer comum a todos os outros pontos.

Cada perfil tem seu círculo de contatos, você poderá expandir o círculo, mesmo assim cada usuário terá seu meio que não abrange todo o conteúdo da rede, o conjunto dos usuários somam várias bolhas dispersos na rede. Sendo assim, a organização das redes se dá por afetos,

Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17).

Tais rupturas demonstram que as redes têm sido palco também do contrário, da intolerância com o diverso, embora o diverso esteja cada vez mais presente, sem se configurar como opostos, antes disso são parte de um mesmo processo, conforme exposto acima. Deleuze e Guattari (1995, p. 17) falam da ruptura a-significante, para os autores, a rede possui uma configuração horizontal, análoga ao rizoma, que pode

ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas [...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar.

Por mais que a rede seja digital os sujeitos se movem por afetos, uma rede é tão forte quanto à qualidade e intensidade dos fluxos que a atravessam e os processos de ruptura a-significante que, ao contrário de enfraquecê-la, abrem novas linhas de contato, espaço para novas possibilidades de alcance das conexões na rede.

Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito — tudo o que se quiser, desde as ressurgências edipianas até as concreções fascistas (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17).

Com discussões cada vez mais acaloradas, o embate atual parece ser entre o liberalismo, iluminista, e os fascismos, defensores de um retorno ao pré-iluminismo. A rede possibilita tais trocas, linhas de contato e embate, mas o seu conteúdo ainda é fruto dos afetos, ou não-afetos, dos usuários. Afinal “Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização”, pois “o bom o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17).

Na seção intitulada “da aquisição de cultura ao entretenimento”, presente no capítulo 9 do livro de Jeremy Rifkin, a centralidade dos textos imagéticos, ou visuais, é destacada. O

autor parte de uma revisão bibliográfica para afirmar que “muitos historiadores datam o início da economia do entretenimento quando da revolução gráfica da segunda metade do século XIX” (RIFKIN, 2001, p. 130). Neste período, “As impressoras começaram a produzir cromolitografias de alta qualidade [...] criando, pela primeira vez, um mercado de massa para as imagens visuais”.

Em fins do século XIX, com o surgimento dos primeiros filmes que serão, segundo Rifkin, a força que estabelecerá no centro da vida social norte-americana o entretenimento comercial como elemento constitutivo do mercado capitalista. Em suas palavras, “com o filme, a cultura popular e a alta cultura se tornaram ‘cultura de consumo’, e o capitalismo cultural nasceu” (RIFKIN, 2001, p. 131).

O cinema era um verdadeiro canalizador de desejos: introduziu os imigrantes em uma versão “idealizada do que a América deveria ser”. O visual se colocava, assim, como um primeiro convite e apresentação de uma identidade nacional norte-americana. “Ir ao cinema era tanto uma questão de escape quanto uma experiência de aprendizado cultural” (RIFKIN, 2001, p. 131).

Agindo em relação aos desejos, a tela se converte em uma substituta de vitrines, “do outro lado está um mundo de pessoas bonitas rodeadas de todo conforto e luxo; todas as coisas a desejar e que se espera comprar na nova cultura do consumo” (RIFKIN, 2001, p. 132). O cinema oferece experiências que são compartilhadas “por toda nação, naturalizando todo espectador como cidadão do país da imaginação que acabaria rejeitando e devorando o país do material” (GABLER, 1998, p. 57 *apud* RIFKIN, 2001, p. 132).

Para Kim Campbell, ex-primeira ministra canadense, “As imagens da América são tão difundidas nesta vila global que é quase como se em vez de o mundo imigrar para a América, a América tivesse imigrado para o mundo, permitindo às pessoas aspirar a ser americanas mesmo em seus países distantes” (BARTH, 1998, p. 43 *apud* RIFKIN, 2001, p. 134).

Quando garimpo a paisagem cultural expressa nas comunicações eletrônicas percebo que estes são âmbitos simulados de mídia cujo sentido do ser está em criar um ambiente verossímil. “Telefones, filmes, rádio e televisão devem enganar, iludir nossos sentidos”. Trazendo a etimologia de *phony*, teremos “falso, fingido” que se torna popular no século XX como um modo de fazer referência a vozes que “não são reais”, sendo assim, não são confiáveis. Em um recorrido histórico similar ao de Rifkin, Grenz (2008, p. 56) nos demonstra o modo como as mídias atuam e propiciam conexões em sua interação com os humanos.

Viver numa sociedade pós-moderna significa habitar um mundo semelhante ao do cinema - um reino em que a verdade e a ficção se fundem. Olhamos para o mundo do mesmo modo que assistimos aos filmes, com a suspeita de que o que vemos à nossa volta talvez seja, na verdade, ilusório.

O autor exemplifica a sua assertiva ao analisar um telejornal típico, cuja forma literalmente bombardeia seu espectador em uma série sucessiva de imagens desconexas. Tal colagem é espaçada por anúncios de todo tipo; assim “a televisão torna difusa a fronteira entre verdade e ficção” (RIFKIN, 2001, p. 56). Ademais, atribui ao que for exposto por essa tela, o status de realidade, e o que “não passar pelo 'teste ontológico' de ser levado ao ar pela televisão é relegado à periferia da vida na sociedade contemporânea”.

Conclui sua observação ao apontar que

Ao proporcionar essa colagem de imagens, a televisão, sem querer, coloca lado a lado o irreconciliável. Além disso, oblitera a distinção entre o espacial e o temporal. Fundem-se, assim, o passado e o presente, o distante e o local, unindo-se todas as coisas numa perpétua *presentificação*. - o 'presente' do telespectador (RIFKIN, 2001, p. 56).

As tecnologias de comunicação eletrônica, e o ciberespaço nos conduziram a um decurso de locais mediados tecnologicamente, cada um dos quais sendo capaz de conceber formas aparentadas da sensação de realidade.

Para Rifkin (2001, p. 138), as “novas” ferramentas de comunicação “poderosas destilam a essência simbólica da experiência cultural e transformam-na digitalmente em imagens de faz-de-conta que, ao serem comunicadas, parecem ainda mais vívidas e reais que os fenômenos originais”. Conclui-se que as experiências digitais se tornam a experiência em si.

Trazendo o pensamento de Manuel Castells, ao captar os efeitos da revolução digital sobre a cultura, Rifkin comenta que “todas as mensagens de todos os tipos se tornam englobadas no meio, porque este se torna tão abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto multimídia toda experiência humana, passada, presente e futura” (2001, p. 138).

Especificando como performa o usuário, Rifkin salienta que “no ciberespaço, entretanto, vai-se de espectador a protagonista” (2001, p. 138). Retoma o pensamento de Randall Walser, ao observar que:

Enquanto o filme é usado para mostrar uma realidade para um público, o ciberespaço é usado para dar um corpo virtual, e um papel, a todos no público. A imprensa e o rádio dizem; o palco e o filme mostram; o ciberespaço incorpora [...] enquanto o dramaturgo e o produtor cinematográfico tentam a idéia de uma experiência, o produtor ciberespecial tenta comunicar a experiência em si. Um

produtor ciberespacial monta um mundo para um público atuar diretamente dentro dele, e o público não apenas pode imaginar que está vivenciando uma realidade interessante, mas pode vivenciá-la diretamente. (WALSER, 1990 *apud* RIFKIN, 2001, p. 139)

Ingressando no virtual, convém aqui delimitar as distinções entre os conceitos de ciberespaço e cibercultura, tema da próxima seção.

3.4 VIRTUAL E BIG DATA

Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, que reunidos e dispersos, vivem capturados, esquarterados nesse imenso acontecimento do mundo que não cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são jogados vivos no virtual, que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção a nascente do fluxo do ser, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão. Vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano. Bem-vindos aos caminhos do virtual!
(LÉVY, 2005, p. 103)

A capacidade da humanidade de gerar informação a respeito do que a cerca é um dos atributos que nos identificam como espécie. O *homo sapiens* produz cultura e é produzido pela interpretação da própria cultura (GEERTZ, 1989). Pode-se chamar, isoladamente, cada um destes processos culturais de informação (seja ela sobre seu emissor, sobre o entorno do mesmo, ou metafísicas). Quando atreladas a um entorno que a dota de sentido, sua interpretação ocorre de modo fluido, naturalizado, a dita "eficácia simbólica" (LÉVI-STRAUSS, 1975).

O acúmulo das informações, facilitado por meios com maior capacidade de armazenamento, aumenta o volume de conteúdos compartilhados (SIEGEL, 2016). Os agenciamentos virtuais, providos pela rede mundial de computadores, fazem com que sejam necessárias ampliações nos modos pelos quais determinado conjunto similar de informações venha a ser interpretado, em uma função que expanda tal capacidade interpretativa. O desafio consiste em converter tais dados em informação organizada e potencialmente explorável.

Encontro assim, o chamado *Big Data*, definido como um grande depósito de conhecimento útil, contudo disperso (SIEGEL, 2016). A capacidade de sistematização aplicada à conversão dessas informações dispersas em uma interpretação técnica e lógica e, por conseguinte, automatizada, servirá à redução de tal conjunto disperso de informações em um útil produto interpretativo coletivamente construído; que possibilita o desenvolvimento de determinada ferramenta socialmente relevante. Além de dispersas, as informações reunidas são obtidas mediante uma troca desigual, por meio da qual o serviço oferecido gratuitamente é pago, assim por dizer, através do oferecimento de informações relevantes para o prestador do acesso.

A questão que urge na produção de conhecimento, em todas as áreas para as quais tenha aproveitamento a interpretação de dados *online*, com base na leitura de Tsvetvotat e Kouznetsov (2011), será: quanto mais dados forem coletados, mais padrões de comportamento humanos podem ser descobertos. Chegamos, assim, a compreender que dada aplicação metodológica a interpretação do *Big Data* visa produzir "compreensão" e "representação" de determinado "fenômeno cultural" observado na *Internet*" (KOZINETS, 2010, p. 203)

De acordo com o pensamento de Pierre Lévy (2005, p. 5), o virtual não está oposto ao real, mas ao dito atual. Ao contrário do "possível, estático e já constituído", o virtual é "como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer". Sendo assim, o virtual exerce força gravitacional, invoca um "processo de resolução: a atualização". Conclui destacando que "esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore" (2005, p. 5). Posso complementar afirmando que o virtual é a possibilidade do ser em transcendência no tempo e no real, pela via simbólico-imagética.

Em outro trabalho, Pierre Levy (2001, p. 7) propõe em seu livro "pensar a cibercultura". Para tal, o autor assinala a necessidade de distinguir dois fatos: I- "o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos impõem"; para posteriormente reconhecer que: II - vivemos "a abertura de um novo espaço para a comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (2001, p. 7).

O autor problematiza a questão demonstrando uma preocupação de cunho ético ao observar que devo que tentar entendê-la, afinal a questão não está em ser contra ou a favor da mesma, antes disso reside em reconhecer "as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural (2001, p. 8).

A hipótese do livro é: a cibercultura "expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer" (2001, p. 11)

Levy caracteriza uma distinção fundamental entre os termos. Em sua conceptualização, "o ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores" (2001, p. 13). Para o

autor, o conceito abrange não apenas “a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (2001, p. 13).

Por 'cibercultura', termo cunhado pelo mesmo autor, “especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (2001, p. 13).

Em seu pensamento, as atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, três polos interativos entre: “- pessoas vivas e pensantes, - entidades materiais naturais e artificiais, - ideias e representações” (2001, p. 17).

Esta caracterização é importante, pois dota sua construção argumentativa de elementos que afastam o autor da escola de Frankfurt, notadamente de Habermas, que tendiam a interpretar as entidades artificiais como colonizadoras do pensamento e produção de conhecimento humano, em um contexto de comunicação de massa.

Problematizando a escola de Frankfurt e o postulado de que a técnica se encontra sempre ao lado da 'razão instrumental', Levy assinala que

seria legítimo colocar no mesmo plano a energia nuclear e a eletrônica? A primeira leva em geral a organizações centralizadas, controladas por especialistas, impõe normas de segurança bastante estritas, requer escolhas de prazo muito longo etc. Por outro lado, a eletrônica, muito mais versátil, serve tão bem a organizações piramidais quanto à distribuição mais ampla do poder, obedece a ciclos tecnocômicos muito menores etc. (2001, p. 18)

Contrariando os postulados da escola de Frankfurt, Levy nos ensina que “dizer que a técnica condiciona [determina de ser e agir] significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença” (2001, p. 20). Neste sentido, “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transição, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (2001, p. 27).

Comentando o papel da comunicação para a sociabilidade humana, Levy reconhece o doloroso processo que a imposição da escrita alfabética trouxe para a humanidade, salientando que por meio da cibercultura uma nova forma de comunicação surge, resgatando, em certa dimensão, as possibilidades da comunicação oral

[...] algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que seja o contexto (o lugar, à época) de recepção: são as mensagens 'universais' (ciência, religiões do livro, direitos do homem etc.). Esta universalidade adquirida graças à escrita estática, só pode ser construída, portanto, ao custo de uma certa redução ou fixação do sentido: é um universal 'totalizante' (2001, p. 28)

A hipótese que levantará será a de que a cibercultura induz a uma co-presença das mensagens de volta ao seu contexto do mesmo modo como acontecia nas sociedades orais, entretanto, em distinta escala, em uma trajetória diversa. A nova universalidade não está sujeita mais à autossuficiência dos textos, de uma fixação de uma independência dos sentidos. “Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais de criação que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente” (2001, p. 26).

Nestes termos, o ciberespaço propicia à humanidade uma nova possibilidade interativa; “as telecomunicações são de fato responsáveis por estender de uma ponta à outra do mundo as possibilidades de contato amigável, de transações contratuais, de transmissões de saber, de trocas de conhecimentos, de descoberta pacífica das diferenças” (2001, p. 10).

Comentando sobre as relações entre a estrutura mundial de poder, nos termos em que Quijano (2000) define o capitalismo global, Levy traz observações interessantes; na primeira delas, a forma acrítica que as leituras com respeito às análises sobre a cibercultura podem ser interpretadas.

Qualquer esforço de apreciar a cibercultura coloca você automaticamente ao lado da IBM, do capitalismo financeiro internacional, do governo americano, tornando-o um apóstolo do neoliberalismo selvagem duro com os pobres, um arauto da globalização escondido sob a máscara do humanismo. (2001, p. 8)

O autor esclarece que em sua perspectiva “não há sentido em opor o comércio, de um lado, e a dinâmica libertária e comunitária que comandou o crescimento da Internet, de outro. Os dois são complementares, para desgosto dos maniqueístas” (2001, p. 9). Ao fim saliento a definição de mundo virtual em seu sentido de dispositivo informacional em que “a mensagem é um espaço de interação por proximidade dentro do qual o explorador pode controlar diretamente uma representação de si mesmo” (2001, p. 69).

Percebo o aspecto relacional comunitário intrínseco ao virtual, pode-se dizer que estar comunitário é uma marca distintiva da sociedade pós-industrial. Temos na cibercultura a sobreposição de tradições e novas formas de comunicação para além da linguagem escrita. De certo modo dialoga com o que Jencks (1984, p. 21) postula

O pós-modernismo é, fundamentalmente, a mistura eclética de uma tradição qualquer com a tradição do passado imediato: é, a um só tempo, a continuação do modernismo e sua transcendência. Suas melhores obras têm como característica a duplicidade de códigos e a ironia, a padronização de um amplo espectro de opções, o conflito e a descontinuidade das tradições, porque é a heterogeneidade que capta com maior clareza nosso pluralismo.

Significados dependem da interpretação sobre a qual quem interage, ou quem recebe, a atribui, assim “o que quer que aceitemos como verdade, e até mesmo o modo como a vemos, depende da comunidade da qual participamos” (GRENZ, 2008, p. 21). Será próprio da chamada cosmovisão pós-moderna afirmar que “essa relatividade se estende para além de nossas *percepções* da verdade e atinge sua essência: não existe verdade absoluta; pelo contrário, a verdade é relativa à comunidade da qual participamos”. Tendendo a ser comunitária, a sociedade pós-moderna intermediada pela cibercultura atribui à verdade o “status de regras fundamentais que promovem o bem-estar” da comunidade da qual se participa”.

3.5 ESTABELECENDO ACTANTES NÃO-HUMANOS

Em *Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory*, Venturini (2005) expõe os principais elementos para proceder a uma cartografia de controvérsias. Em princípio, o autor coloca o método como uma forma de observação que **demandam atenção redobrada ao que os atores cujas relações serão observadas** dizem sobre seus próprios atos. A cartografia é um método de observar e descrever debates sociais em torno de questões tecnológicas.

Para o autor, as controvérsias apresentam cinco características gerais, a primeira delas é “As controvérsias envolvem todos os tipos de atores” (2005, p. 5), em nosso caso envolvem relações entre humanos e não-humanos, sintetizados entre usuários da rede social *Instagram*; a própria rede social, e as nações cubana e porto-riquenha e o império norte-americano como agentes não-humanos.

A segunda, “As controvérsias exibem o social em sua forma mais dinâmica” (2005, p. 6) quando desdobrada indica que qualquer ator pode ser agrupado em rede, e toda rede pode ser desdobrada em atores; no presente caso, as nações podem ser desdobradas em um conjunto de instituições; relações simbólicas atreladas a agências múltiplas de desejos; bem como o conjunto de actantes vinculados pelo indexador (*hashtag*) lidos como um ator que se atribui sentidos de desejo a ser parte de dada nacionalidade.

Com base na terceira, “As controvérsias são resistentes à redução”; e na quarta, “As controvérsias são debatidas” (2005, p. 7), percebe-se que controvérsias são discussões, nem sempre verbais, em que se está em jogo o constante desacordo entre os actantes. No presente caso, representa a variedade de representações visuais das identidades sexuais e nacionais presentes nos indexadores, bem como as controvérsias em torno das identidades presentes nas

nações opostas em torno da fronteira imperial. (em algum momento será importante conceituar fronteira imperial – certo, acho que fiz isso no próximo capítulo)

Ao fim, a quinta, que expressa “As controvérsias são conflitos”, sendo assim “As controvérsias decidem e são decididas pela distribuição do poder” por mais triviais que suas formulações sejam. Em nosso caso, o conflito aparece de modo disperso, entre os modos de representação de si fornecidos na rede, bem como na geopolítica que jogam as sexualidades, quando vinculadas a identidades nacionais, no contexto de fronteira.

3.5.1 O que é mídia social?

Alex Primo (2012) tentou, por meio de uma genealogia e posterior aplicação da ANT responder esta pergunta, para o autor a pergunta pode parecer auto evidente, contemplando dois tipos de respostas iniciais, para alguns “são aquelas mídias através das quais as pessoas podem conversar na internet. Para outros, “a rigor mídias seriam sociais, pois são criadas e mantidas no seio da sociedade” (2012, p. 12).

O autor assim propõe que se faça uma genealogia dos termos que precedem mídia social a fim de estabelecer relações entre estes, essa análise poderá demonstrar o modo como não estão como sinônimos, apesar da tentativa de se referirem ao mesmo objeto.

O primeiro deles *groupware* foi criado em 1978 por Peter e Trudy Johnson-Lenz, referindo-se à “...combinação de procedimentos e processos grupais escolhidos intencionalmente mais os programas de computador que lhes dão suporte” (Johnson-Lenz e Johnson-Lenz, 1989, online). Para Primo (2010) o *groupware* é a corporificação da empresa social (especificamente times, grupos e cultura organizacional) no ciberespaço.

No mesmo período a ideia de *groupware* era utilizado na descrição de programas, enquanto que a sigla CSCW (*Computer-Supported Collaborative Work*) definia o conjunto de pesquisas sobre os processos de colaboração intermediada por computadores, atendo-se às questões psicológicas e organizacionais deste uso.

Enquanto *groupware* teve seu sentido esvaziado pelo uso massivo dos grandes produtores de software, o termo *social software* ao longo dos anos 1990 até o ano de 2002 (quando o uso se torna corrente) passa a ganhar hegemonia para a descrição destas formas de interação. Sua ascensão se deve ao fato de *groupware* ser utilizado cada vez mais como sinônimo de produtos corporativos e da generalidade de outro termo, o da comunicação mediada por computador, que englobava qualquer interação, não necessariamente de grupo.

Ainda assim, a estratégia corrente para definição destas aplicações é o destaque para as suas funcionalidades técnicas. O conceito passa a abarcar conjuntos, sempre instáveis, de aplicativos mais utilizados. Para Lampe et al (2011, p. 2) “O termo ‘mídias sociais’ inclui uma variedade de ferramentas e serviços que viabilizam interação direta do usuário em ambientes mediados por computador”.

De outro lado, poderia utilizar um viés mercadológico, no qual o “conteúdo gerado pelo consumidor” seria seu caráter distintivo. Nesta perspectiva, “Lim, Chung e Weaver destacam algumas atividades que caracterizam o uso de mídias sociais através de verbos e neologismos como: postar, blogar, taggear” (2012, p. 3).

A partir da segunda década do século XXI, temos cada vez mais tentativas de delimitar o que mídias sociais supõem designar. Para Kaplan e Haelen (2010, p. 61) “...Mídias Sociais são um grupo de aplicativos baseados na Internet construídos a partir das fundações ideológicas e tecnológicas da Web 2.0, e que permitem a criação e intercâmbio de Conteúdo Gerado pelo Usuário”.

Lariscy et al. (2009) adicionam previamente que “através de mídias sociais pessoas comuns podem circular instantaneamente relatos testemunhais, inclusive em eventos nos quais a imprensa não estava presente. Contudo, estas abordagens parecem buscar um ideal de espontaneidade e autenticidade (atividades *grassroots*)” como se tais mídias fossem um espaço para rivalizar com meios de comunicação massiva anteriores, inspirando o uso do termo mídia cidadã, como se todos fossem cidadãos à exceção dos jornalistas profissionais.

Há, assim, um conjunto de modos de perceber estes artefatos que partem de uma definição prototípica, interessada em exemplificar o que os artefatos digitais são, ou preocupada com suas funcionalidades. Ainda assim persiste a indefinição acerca do que estes são. A Teoria Ator-Rede (ANT) é importante para uma definição do que são mídias sociais por duas razões; na primeira o que ela entende por social e na segunda sua definição de actantes.

Para a ANT, o social é um efeito de associações, não a sua explicação. Conforme resume Latour (2005, p. 16), “Antes de ser uma substância estável, o social é isto que só se torna visível quando novas associações são fabricadas.”. Em outros termos, ao negar o social como uma força comandante ou um domínio da realidade, a ANT observa as interações em sua curta vida enquanto as associações momentâneas estão ocorrendo. Latour (2005, p. 65) descreve assim o social: “É uma associação entre entidades que não são de nenhuma forma reconhecíveis como sendo sociais na maneira comum, exceto durante o breve momento em que estão rearranjando.”

De acordo com Latour, nenhum laço é durável. Portanto, a premissa de que “existem interações” não deve ser ligada à conclusão de que “existe uma força unificadora”. Como sinaliza Primo (2012, p. 12), unicamente em sociedades não-humanas “— como aquelas de formigas e macacos — o social poderia ser observado a partir de um emaranhado de interações. Somente nestes casos o “social” poderia ser visto como algo que foi já reunido de antemão”.

Para a Sociologia das Associações (ou Sociologia da Tradução), portanto, a sociedade não existe! Nem tampouco um domínio social ou laços sociais. Distante de tamanha estabilidade, a ANT defende que o que existem são traduções entre mediadores, cujas associações deixam rastros que podem ser observados pelo investigador, para aí sim reconhecer se o social ali se mostra. O slogan deste novo sociólogo passa a ser “Siga os atores” (2012, p. 12).

Disforme, não-linear e momentânea, é assim que uma mídia social começa a ser definida, cabe ainda caracterizá-la não como um meio técnico estanque, antes disto as mídias sociais atuam.

O segundo ataque da ANT se debruça sobre a concepção humanista da sociologia. Nela, um ator faz diferença na ação em andamento; “é aquele (ou aquilo!) que age em função de muitos outros atores”. Conforme demarcou Lemos (2012, p. 3-4), “Se não há relação, não há ator, não há nada. Um actante é o que modifica, transforma, o que perturba ou cria”.

Considerando que o social não é uma produção exclusiva de humanos, a ANT defende que a observação precisa incorporar todos os actantes (humanos e não-humanos) que de algum modo interatuam. O curso das ações normalmente flui através da interatuação dos actantes. “O social, portanto, não pode ser localizado em algum lugar específico, uma propriedade que diz respeito aos humanos ou um material como outros tantos” (2005, p. 107). O social é movimento circular que conecta coisas “que não são sociais em si mesmas”.

A partir da obra e dos conceitos desenvolvidos por Bruno Latour, deve-se distinguir que meios de comunicação, como um perfil na *Instagram* (pessoal, coletânea ou mesmo comercial), não são apenas “intermediários” que inscrevem e compartilham dados. Admitindo-se os princípios da Teoria Ator-Rede, um meio virtual precisa ser visto como um “mediador” ao arranjar diferentes associações. Uma conversa entre dois colegas de trabalho através do e-mail seria diferente se fosse mantida via *Instagram*. “E também não seria a mesma se ocorresse através de comentários em um blog de acesso público. Como se pode observar, a mídia nestes casos não é um mero condutor de dados” (PRIMO, p. 16).

A exemplo da *Instagram*, sua interface faz diferença nas associações quando estas acontecem por meio dela. Ademais, como mostrou Parisier (2011), “os algoritmos utilizados

por esse site de rede social filtram o que supõem ser mais relevante para a pessoa que lá navega” — seguindo parâmetros de sua programação e segundo interações registradas. Ou seja, a Instagram precisa ser percebida pelo investigador como uma mediadora.

Percebo que a definição de mídia social precisa abarcar sua dimensão como co-partícipe no processo comunicativo, não se trata aqui de apenas um mediador. Ela atua e condiciona o modo de comunicação que acontece intermediado por ela, ao mesmo tempo seleciona, por meio das linhas do tempo o modo como os seus usuários interatuam por meio da mesma.

Primo salienta que não há nada de errado em utilizar-se “mídias sociais” como um termo “guarda-chuva” para representar um certo conjunto de meios digitais, adotando assim definições prototípicas. Contudo, “é preciso estar alerta e não tomar a referência ao social como uma explicação determinística. Seria como tomar um mapa artístico como o próprio território e as associações que lá ocorrem”.

Latour (2005) reconhece que noções como “capital social”, “socialização”, “construção social” podem ser úteis como atalhos convenientes em certos debates. Só não se pode perder de vista que a Sociologia do Social não consegue rastrear todos os atores enquanto se associam, devido ao seu caráter antropocêntrico.

Primo (2012, p. 19) salienta que um termo mais próximo seria o de mídia participativa. Apesar de seus problemas, o termo poderia referir-se também à *mídia que participa*. “Tomada assim como actante, não apenas como meio de comunicação, o termo deixa de considerar a mídia como mero transmissor nem a relega ao exterior da ação”.

3.5.2 A Instagram

A *Instagram*, com os seus modos específicos de produção fotográfica, é vista aqui como primeiro actante. A aplicação, apesar das suas recorrentes referências à cultura do *snapshot*, identifica-se mais como herdeira da tecnologia das máquinas *Polaroid*, “como se pode denotar na escolha do prefixo “insta” para nomear a aplicação que alude de modo direto à fotografia instantânea, mas também na escolha inicial do ícone da *app* que emula a imagem da *Polaroid Land Camera 1000*, ligando ambos os produtos semioticamente” (MCCUNE, 2011, p. 22). Atualmente o ícone da *Instagram* apresenta um design mais estilizado, já não faz uma referência direta à sua antecessora, porém continua mantendo elementos visuais que remetem à famosa câmara instantânea.

A ênfase da aplicação está na produção e compartilhamento de fotografias, ao mesmo tempo em que permite localizá-las espacialmente e marcar as publicações por meio de indexadores de busca, as *hashtags*. A popularidade da aplicação, desde sua criação em 2010 até 2018 a faz ser a sexta rede social mais utilizada no mundo, a primeira em termos de sua ênfase em objetos visuais (WE ARE SOCIAL, 2017).

Em uma descrição de suas funcionalidades estão a presença de compartilhamento das fotografias, vídeos curtos, mensagens, *Stories* (vídeos e fotos que duram 24 horas). Devido a suas características de foco no perfil de seus usuários, possibilita a construção de narrativas visuais, bem como a exposição de produtos, convertendo-se em uma plataforma lida como potencialmente capaz de agenciar trocas comerciais tanto no sentido de mercadorias como no sentido de valores culturais.

De acordo com o foco da investigação, as funcionalidades elencadas para a pesquisa foram: Compartilhamento de fotos, indexação das mesmas por meio de agrupamentos realizados pelas *hashtags*, geolocalização. Para delimitação do corpus as funções de vídeos e *Stories* foram afastadas.

Conforme sintetizam Mota e Almeida (2014); Coelho (2016); Hariki (2016), a rede social possibilita afirmação e reforço de identidades, principalmente nacional, devido a sua função de compartilhamento de postagens com as mais variadas redes sociais é um importante elemento formulador de identidade de seus usuários, pois as postagens oriundas da plataforma reverberam em outras tantas redes sociais nas quais os usuários fazem parte, constituindo uma aplicação centralizadora no processo de criação e expressão do *ethos* imagético de seus usuários por meio de redes sociais.

Compartilhar fotografias de si ou sobre seu cotidiano constitui uma fórmula que possibilita a divulgação de um estilo de vida, de preferências de todo o tipo em relação ao ambiente ao qual se vive, ou se almeja pertencer, ao mesmo tempo em que possibilita aos seus usuários instrumentos para que gerem relatos sobre sua percepção de mundo e contexto ao qual estão inseridos. Deste modo, acredito que a escolha da Instagram como *actante* para a pesquisa é acertada do ponto de vista da investigação, com foco nos processos de construção e reprodução das subjetividades de seus interlocutores.

Como actantes não humanos dentro desta relação ainda há as definições de nação e nacionalidades em Cuba, Puerto Rico e nos Estados Unidos, representado enquanto império pelo estado da Flórida, de acordo com o recorte do *corpus* descrito no capítulo anterior.

4 GEOPOLÍTICA DAS IDENTIDADES NACIONAIS E SEXUAIS

Os demais actantes são descritos neste capítulo, suas caracterizações são atravessadas pelo conceito de fronteira imperial. Não foi adotado uma distinção fixa entre os actantes, preferi abordar de acordo com as temáticas as três localidades definidas no recorte do *corpus*.

Em um primeiro momento descrevo o modo como a nacionalidade é lida como conceito, posteriormente traço uma reconstrução histórica da formação das identidades nacionais no Caribe de acordo com a perspectiva de Juan Bosch (1970), culminando na sua ideia de fronteira imperial. Em um segundo momento, elenco a formação da indústria cultural latina, atravessando todos os actantes da região seguindo o trabalho investigativo de Frédéric Martel (2012). Em um terceiro, a questão da evolução dos direitos LGBT na região, que termina com um quadro comparativo dos direitos destes coletivos entre as três localidades.

4.1 NACIONALISMO

Os estados nacionais, segundo conceitualização de Benedict Anderson (2005) e Eric Hobsbawn (1990), são entidades coletivas abstratas e imaginadas. Ao reconstruírem o modo como os nacionalismos se forjam ao longo da Idade Moderna, ambos os autores situaram a escolha política, dirigida de cima para baixo, e da linguagem, como parte indissociável de um conjunto de atributos dos quais um povo poderia ser identificado com uma nação neste período.

O nascimento da imprensa e das formas modernas de circulação de informações baseados na escrita alfabética, bem como a escolarização das massas foram elementos pelos quais determinada forma de língua se tornaria hegemônica em determinado território de um estado. Neste sentido, estes autores atribuem à linguagem e à língua escolhidas uma forma de expressão da nacionalidade de um povo.

Formam, assim, parte de um conjunto de elementos que caracterizam esta dita identidade comum, cuja expansão sob dado território, bem como o conjunto de atributos que a caracteriza, são frutos de uma matriz cultural estabelecida politicamente e dirigida com vistas a ser hegemônica e assimilationista. Visa, portanto, a exclusão sócio-política de suas alteridades, os estrangeiros.

Alejandro Grimson (2007), doutor em antropologia pela Universidade de Brasília, ao caracterizar sentimentos nacionais, os situa como cultural e sociologicamente construídos,

infeere que existem três grandes formas de representar a nação, construídas historicamente. Para o autor, a primeira delas é classificada como primordialista e essencialista, nela encontra-se a perfeita relação simétrica entre a nação, a cultura, a identidade e o território de determinada unidade soberana expressa no estado. Em sua leitura,

las naciones existen por hechos objetivos: se trataría de una comunidad que comparte una lengua, una religión, una forma de ser, cierto origen étnico, un sistema de gobierno o, al menos, algunos de estos aspectos (2007, p. 15)

Em sua interpretação, tal perspectiva teórica expressa a existência de um ser nacional uno, regido por um sistema de regras comuns e coerentes, expressando uma única personalidade nacional. Na segunda perspectiva teórica, apontada por Grimson (2007) como construtivista, os traços objetivos de uma cultura que formam esta personalidade nacional comum são rejeitados, tal comunidade será imaginária, sendo sua criação e reprodução atribuídas ao estado.

los constructivistas muestran empíricamente que las naciones fueron construidas por Estados a través de diferentes dispositivos que incluyen la educación, los símbolos nacionales, los mapas, los censos, los mitos, los rituales y establecimiento de derechos (2007, p. 16).

A terceira perspectiva, classificada por Grimson (2007) como existencialista concorda com a segunda ao afirmar a construção da ideia da identificação nacional como um processo histórico e político dirigido por um ator social relevante.

Contudo, a perspectiva também aponta à multiplicidade de forças simbólicas interagindo para formar tal identificação e “la sedimentación de esos procesos en la configuración de dispositivos culturales y políticos relevantes” (2007, p.16). A perspectiva construtivista trouxe uma compreensão de nações e nacionalismos enquanto processos dirigidos. Para o autor

La nación fue desnaturalizada, abandonando las definiciones de la nación en función de rasgos objetivos. El constructivismo concentro su trabajo en los mecanismos a través de los cuales desde las elites o desde el Estado se planificó y se llevó a cabo esa fabricación de la nación (2007, p. 19).

Sendo assim, o existencialismo expande a concepção construtivista ao admitir que mesmo o estado, a nação, e/ou a identificação nacional são frutos da realidade vivida em uma conjunção de diferentes forças simbólicas que interagindo em diversas dimensões, indo do local ao global, formam tal consciência, no que Willians (1980 *apud* GRIMSON 2007, p.16) chama de “processo social total”.

Ao observar as formas como a antropologia e as Relações Internacionais conceituariam o sentido de ser nacional, Grimson (2007) postula, a partir de premissas pós-modernas, que será relevante “definir socio genéticamente los núcleos culturales e ideológicos

de una sociedad. Núcleos históricamente determinados y determinantes” (2007, p. 22). Para o autor, os núcleos que se podem encontrar nas sociedades nacionais são *constituintes de uma determinada forma de identificação*, ao mesmo tempo que consequência de uma história e de uma tradição anteriores.

Neste momento fica evidente a relação da percepção de nacionalidade com traços culturais fundantes. Grimson remonta ao pensamento de Ortner (1999) para esclarecer que cultura significa a compreensão de um mundo imaginativo, em que atores operam por meio de formas de poder e agência capazes de condicionar os tipos desejados dentro do coletivo. Para o autor

Cultura, dice Ortner, es tanto la base de la acción como aquello que la acción arriesga. La gente siempre busca hacer sentido de sus vidas, siempre fabrica tramas de significados y lo hace de maneras diversas. La cuestión de la fabricación de significados es central para el análisis del poder y sus efectos, justamente porque la ‘identidad’ integra allí donde la cultura más en un sistema integrado, es una combinación peculiar (GRIMSON, 2007, p. 27).

Os estados e suas elites fundaram ao longo do tempo as representações e tradições que foram interpretadas como convenientes aos seus discursos políticos, forjando uma representação cultural de sua nacionalidade. O autor afirma existirem três possibilidades dentro deste jogo de representações, as possíveis, as impossíveis e as que se tornaram hegemônicas.

Dentro desta fundação tradicional e de formas para rememorar a ancestralidade nacional despontaram as interpretações hegemônicas que geraram representações de identidade e alteridades, tanto internas, vinculadas aos momentos históricos, quanto externas, expressas na figura do outro estrangeiro, que também são constituintes da ideia nacional dos países. Atravessam ambas o processo que hoje se conhece por globalização.

Parto agora para uma reconstrução histórica dos nacionalismos em Cuba e Puerto Rico, seguindo a ideia deste processo como uma formulação existencialista. Na seção seguinte abordo os referentes culturais contemporâneos que atravessam a região por meio da globalização.

4.2 AS LUTAS NACIONALISTAS NO CARIBE

Para Siba N. Grovogui (2007), situar os conceitos de nacionalidade e da autenticidade das culturas como elementos fixos nas análises possibilita a apropriação da historicidade das identidades de determinado contexto. Traçando tais contornos, a análise se aproxima dos papéis desempenhados pelas nações enquanto coparticipes dos processos de produções

identitárias de determinado contexto, como o elencado como recorte da investigação, em que ocorre a influência direta de impérios sobre a formação das identidades culturais locais. Além disso, a perspectiva pós-colonialista tenta desvencilhar-se das noções imperialistas de identidade e cultura, que são vistas, em sentido teórico hegemônico, como dominantes. Segundo o autor (GROVOGUI, 2007), perceber as nações elencadas no recorte como frutos de um processo de disputa nos permitirá adotar conceitos mais condizentes com a realidade “terceiro-mundista” do recorte ontológico analisado.

Tal conceptualização está balizada no caráter essencialista das noções de cultura e identidade presentes nas narrativas colonialistas. Grovogui (2007) demonstra que a ideia de que identidades e cultura têm suas características engessadas e não-atravesáveis umas pelas outras, tal caracterização possibilitou o “mapeamento etnográfico” que hierarquiza a humanidade entre raças as organizando de acordo com distintos temperamentos, capacidades, valores morais e coletivos. Servindo para justificar conquistas coloniais, criação de impérios e a subalternidade de povos não-europeus frente aos europeus e, posteriormente, ocidentais. Em resumo, a atribuição de sentidos negativos a determinadas condutas de determinados coletivos não-europeus é diretamente vinculada a necessidade de sua conquista e civilização. A conquista como imperativo ético (GROVOGUI, 2007).

As questões de identidade e poder são importantes ao repensar as principais dinâmicas da história sob uma interpretação pós-colonial. Grovogui (2007) explica como o conceito de nação, em nossa realidade, foi formado por meio de disputas simbólicas entre os povos originários, os descendentes dos colonizadores europeus e da diáspora africana; processos de auto invenção e autodeterminação que produzem sentidos dos processos de formação e desenvolvimento das entidades nacionais latino-americanas (GROVOGUI, 2007).

Na interpretação de Edward Said (1978) as justificativas dos atores que tentam subverter os demais residem no conhecimento que estes detêm sobre os colonizados. Ao determinar quais capacidades de ação determinada civilização possui reforça a autoridade sobre o dominado. Nas relações de colonização e imperialismo, possuir autoridade significa negar autodeterminação, haja vista que aos olhos do colonizador tal civilização só existe como ele a concebe (SAID, 1978).

O Orientalismo é considerado por Said, na leitura de Grovogui (2007), como metodologia de poder fundamentada na linguagem e em artifícios de significação das identidades, das culturas e da religião aplicadas pelo conjunto de países dominantes no Sistema Internacional para criar e reforçar as caricaturas produzidas pelo centro sobre os países periféricos. Já as lentes teóricas pós-coloniais se propõem ao contrário: avaliar como

são atribuídas nacionalidades e culturas oriundas do saber produzidos nos países da periferia do Sistema Internacional, trançando um modo de serem elencadas como fonte de poder frente às potências dominantes. A análise das práticas culturais e de afirmação da nacionalidade em Cuba - e sua posição como campo de conflito no período da Guerra Fria, decorrentes da Revolução Cubana e da Crise dos Mísseis em 1962 - se mostra como um local de redefinição de identidades e novas estratégias de projeção internacional no período pós Revolução Cubana pelo país face a sua posição fronteiriça ante ao império norte-americano.

Ao trazer a leitura local sobre os processos, remonto o pensamento de Juan Bosch (1970, p. 61) que em sua revisão historiográfica parte de uma definição do Caribe como um dos lugares no globo terrestre que se destina a ser disputado, seja por sua posição geográfica, seja por sua natureza privilegiada, uma espécie de fronteira entre impérios.

Em uma revisão historiográfica aponta que

Decíamos que España llegó al Caribe; tras España llegaron Francia, Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Escocia, Suecia, Estados Unidos, y trataron de llegar los latvios; y fueron llevados negros africanos; y los indios araucos, los ciguayos, los siboneyes, los guanatahibes y tantos otros de los que habitaban las grandes Antillas fueron exterminados; y los caribes pelearon de isla en isla, a partir de Puerto Rico hacia el sur, con tanto denuedo y tesón que todavía en 1797 atacaban los ingleses en San Vicente. En el siglo XIX se llevaron a Cuba, como semiesclavos, indios mayas de Yucatán, chinos de las colonias portuguesas y Asia; a Trinidad y a otras islas inglesas llegaron miles de chinos y hindúes (BOSCH, 1970, p. 66).

Para o autor, ademais das características naturais, essa combinação de destruição e mistura de povos e culturas, “con sus lenguas y sus hábitos y tradiciones y medidas políticas” (1970, p. 66) produzem a tensão inerente ao contexto caribenho contemporâneo, em suas palavras “un espejo de revueltas, inestabilidad y escaso desarrollo general”.

O autor assinala uma distinção entre os países estáveis da região, como a Costa Rica, com uma de nossas localidades, Puerto Rico, sobre o fato da primeira nunca ter sido palco de uma intervenção militar direta, enquanto que na segunda:

Puerto Rico no se rebeló contra España. En 1898, Puerto Rico pasó a poder de Estados Unidos sin que su pueblo hiciera ningún esfuerzo ni por seguir siendo español ni por ayudar a la derrota de los españoles. La isla pasó de un imperio a otro como si a su pueblo le tuviera sin cuidado ese cambio. Sin embargo, en Puerto Rico había habido conspiraciones contra el poder español, aunque no pasaron de ser obra de grupos muy pequeños; y ha habido luchas contra los Estados Unidos, pero también llevadas a efecto por sectores pequeños y tardíamente, cuando ya era imposible desafiar con probabilidades de éxito el poderío imperial norteamericano (BOSCH, 1970, p. 67).

A formação da colônia em Porto Rico se dá como uma posição militar estratégica em relação aos domínios sobre a região caribenha. A nação é fundada sob a lógica de fortificação militar, além da constante presença militarista na ilha. Neste contexto, é difícil imaginar qualquer insurgência local que se coloque contra poderes imperiais instalados no local.

Apesar disto, a partir da invasão norte-americana, Puerto Rico conserva sua língua e seus hábitos como povo diferente dos norte-americanos, mantém certa personalidade nacional independente, o que é complexo para qualquer analista descrever o porquê desta independência. Para Bosch (1970, p. 68)

Es como si los puertorriqueños se hubieran planteado ante sí mismos el problema de su supervivencia como pueblo y hubieran resuelto que ni aún todo el poder de Norteamérica, el más grande que ha conocido la historia humana, podrá hacerles cambiar su naturaleza nacional.

O autor contextualiza o desenvolvimento das nações caribenhas ao longo de 470 anos de sua invasão, conquista e independências. Bosch demonstra como o Caribe é um espaço naturalmente organizado em territórios ilhados, cuja característica sugere uma vocação, a de ser uma fronteira entre dois ou mais impérios. Em sua perspectiva, a região Caribe está composta por todas as porções insulares de terra que se estendem do istmo de Yucatán, no atual México, até a foz do rio Orinoco, na Venezuela. Sendo assim, sua leitura exclui o território da península da Flórida e o arquipélago das Bahamas, suas fronteiras naturais e políticas.

No século XV a invasão espanhola operou em meio a disputas com os povos originários presentes nas ilhas por meio de incursões patrocinadas pelo modo de organização política do reino de Castilla. Sendo uma sociedade feudal, os navios e povoadores que chegavam à região recebiam direitos de exploração e títulos aristocráticos sobre as possessões, ao mesmo tempo em que enfrentavam desafiantes holandeses, franceses e ingleses para manutenção de seus poderios.

Neste contexto, Santo Domingo assumira a função de capital militar do território, ao mesmo tempo em que Porto Rico se converteu em uma fortaleza de entrada, cujas características de forte avançado são mantidas até hoje. A ilha de Cuba se tornou um polo econômico local, ao mesmo tempo em que o porto de Habana, por sua posição de passagem entre a Espanha e o México, figurava como importante entreposto comercial.

Ao longo de 130 anos, a Espanha foi hegemônica sobre a região, contudo tal situação não se manteve no século XVI. O avanço da Inglaterra, que ocupou a Jamaica, e a formação sde *La Tortuga*, posto pirata acima da ilha *Hispaniola*, formaram polos de poder militar que desafiaram a soberania espanhola sobre a região.

Ao longo do século XVI, a atuação dos corsários e piratas foi um desafio constante ao domínio espanhol. Aos poucos estes grupos, que eram formados por nacionais de diversas partes e só serviam ao seu próprio código de conduta, o *chasse-partie*, foram cooptados pelos poderes metropolitanos que desafiavam o domínio da Espanha sobre o Caribe. Durante este

período *Port Royal*, na Jamaica, e *La Tortuga*, agora sob influência francesa, passaram a disputar, em nome de interesses imperiais ingleses e franceses, respectivamente, a hegemonia sobre a região.

Tal situação se manteve ao longo do século XVII, ao mesmo tempo em que todas as frotas piratas passaram a ser diretamente controladas por governadores locais vinculados a potências imperiais desafiantes. As histórias dos ataques piratas na região são muitas e só confirmam a decadência do domínio espanhol na região frente aos seus desafiantes ingleses, franceses e holandeses. A constante violência dos ataques, saques e execuções são apontadas por Bosch (1970) como motivo pelo qual se tornou tão difícil para as nações caribenhas conseguirem, mesmo hoje, superar problemas internos e a dependência dos impérios coloniais no nível externo.

O século XVIII trouxe consigo as revoluções burguesas e o nascimento dos Estados Unidos. Paralelamente, trouxe a revolução haitiana e o recrudescimento do controle imperial sobre os territórios locais. Neste mesmo século, as disputas entre Inglaterra e Espanha, com a ascensão do poder marítimo da primeira, causaram a invasão da Flórida e de Cuba, por parte dos ingleses. Situação que só virá a ser desfeita por meio dos tratados de paz entre os países promovidos anos depois.

No século XIX, os Estados Unidos compraram a Flórida da Espanha; segundo Bosch (1970) a situação da Espanha era desfavorável para manter as posições na América do Norte, ao mesmo tempo em que enfrentava as independências de suas colônias em todos os territórios continentais na América Central e do Sul. A Espanha chegará a finais do século destituída de sua posição enquanto império, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos no pós-guerra civil reúnem as condições materiais e políticas para se estabelecerem como novo império a disputar espaço no Caribe. Essa disputa entre Espanha e Estados Unidos passa por Cuba e Puerto Rico.

Bosch (1970, p. 653) diz que nenhum outro país no Caribe teve um histórico de independência parecido ao de Cuba. Foram quase 70 anos de luta de independência que só se concretizou após a interferência norte-americana. Para o autor diversos aspectos foram determinantes para tal situação,

El desarrollo de Cuba, en todos los órdenes, estuvo determinado por el desarrollo de su industria azucarera y ésta progresó de manera constante a partir del momento en que quedó destruida la de Haití. Históricamente, pues, Cuba pasó a ser un producto de la revolución haitiana. (BOSCH, 1970, p. 653).

Diferentemente do processo haitiano, a experiência cubana se produziu independentemente do contexto de sua metrópole. Para o autor tal situação se explica porque

“Cuba se convirtió en la fuente de sus propios hechos históricos, cosa singular en el Caribe” (BOSCH, 1970, p. 654).

Se explica porque para 1868, año en que comenzó su revolución, en Cuba se daban simultáneamente numerosas contradicciones. Por ejemplo, Cuba era un país más desarrollado económicamente que España y, sin embargo, dependía políticamente de ésta; el mercado del 80 por ciento de la producción cubana era Estados Unidos, con lo que recibía dólares que representaban para España su mejor fuente de divisas. España extraía indirectamente esas divisas de Cuba por medio de los impuestos y a través de lo que vendía en Cuba, que era tres veces más de lo que compraba. Económicamente, pues, Cuba era la porción más rica de España y, sin embargo, políticamente estaba gobernada no como una parte del país, sino como un territorio militar, al extremo de que los gobernantes de Cuba eran siempre tenientes generales, y éstos tenían poderes de excepción (BOSCH, 1970, p. 654).

Não bastasse o protagonismo económico, “Cuba, más avanzada en el orden económico que España, tenía una composición social más atrasada en un aspecto, puesto que descansaba en la esclavitud” (BOSCH, 1970, p. 655) Possuía uma pequena burguesia *criolla* melhor desenvolvida que a da metrópole espanhola, com o despontar a crise econômica mundial, estas contradições ficaram ainda mais evidentes.

Ya desde principios de 1868 la situación económica de Cuba era desesperada. En las ciudades y en los campos se cerraban los comercios, los dueños de ingenios pequeños y anticuados no podían producir porque no tenían capacidad para competir con los ingenios de vapor; los esclavos de esos dueños de ingenios pequeños y anticuados se convertían en cargas insostenibles; los terratenientes hipotecaban sus fincas. Como España estaba también afectada por la crisis, aumentó los impuestos que pagaban los cubanos. Ese estado de cosas favorecía la conspiración, que se extendía por todas partes, pero que se producía de manera casi espontánea en Camagüey y en la región oriental, donde la crisis era más intensa que en Occidente debido a que en ese último lugar la modernización de la industria azucarera había alcanzado a la mayoría de las fábricas y, por tanto, podían seguir produciendo a precios de mercado sin arruinarse (BOSCH, 1970, p. 656).

A revolução independentista cubana é dividida em duas fases; na primeira, o levante de grandes proprietários da região oriental da ilha que se levantaram em armas devido às consequências da crise mundial de 1868. Após dez anos são derrotados, contudo, a revolução resultou na desorganização completa da economia da ilha ao mesmo tempo em que gerou um êxodo massivo de cubanos.

Al terminar la guerra, media isla de Cuba estaba devastada. En Camagüey, por ejemplo, quedaron sólo dos ingenios de azúcar, dos potreros y unas 200 reses, y en la capital del departamento, llamada entonces Puerto Príncipe, había más de 1,000 casas vacías. La clase social que inició y encabezó la revolución quedó liquidada, lo mismo en Oriente que en Camagüey; los que salvaron la vida no salvaron los bienes. Las mujeres de las familias que habían vivido en la esplendidez cosían, lavaban, y planchaban en la emigración. Había millares y millares de cubanos establecidos en Norteamérica, en todo el Caribe y hasta en España (BOSCH, 1970, p. 671).

Em decorrência do grande número de cubanos em diáspora, uma nova organização independentista surge no exterior, de onde se organizam recursos e se parte para uma nova aventura revolucionária, em 1879:

Miles de cubanos, en la emigración y dentro del país, soñaban con volver a la guerra, y Calixto García, con su fama de guerrero esforzado, con su cicatriz en la frente, encarnó esos deseos. Así, al comenzar el año de 1879 ya había cubanos recogiendo dinero en la emigración para comprar armas con que reemprender la lucha bajo el mando de Calixto García (BOSCH, 1970, p. 672).

Deste período surge um dos próceres do nacionalismo cubano, José Martí, o líder civil do processo revolucionário “abogado pobre, hijo de un funcionario español de ínfima categoría ... A los hombres de ese estrato social iba a tocarles organizar, dirigir y hacer la guerra quince años después”. Calixto García, tinha uma posição secundária; para Bosch “las grandes figuras militares serían Máximo Gómez y Antonio Maceo; la gran figura civil sería José Martí.”

José Martí es la personalidad más sugestiva y atrayente que ha producido no sólo el Caribe, sino toda la América española. Tenía a un mismo tiempo, y en todos los casos en un grado exaltado, inteligencia y sensibilidad, dulzura y energía, bondad y pasión. Poeta finísimo, fue el iniciador del movimiento modernista en lengua española.

Viajó sin descanso por todo el Caribe y por los lugares de Estados Unidos donde había núcleos de emigrados. Como era un orador excepcional, los cubanos se agolpaban para oírle y él iba formando clubs o centros a los cuales coordinó al fin en el Partido Revolucionario Cubano, fundado al comenzar el año de 1892. En marzo empezó a publicar el periódico *Patria*; en abril el partido lo eligió delegado, que equivalía a la más alta autoridad de la organización, e inmediatamente se lanzó a preparar la guerra dentro de Cuba y la aportación de hombres y armas desde el exterior (BOSCH, 1970, p. 673).

Em 1894, o Partido Revolucionário Cubano, dirigido por José Martí, começa a nova guerra da independência. Um ano depois foi assassinado em combate. Gomez segue o levante e invade o ocidente cubano; na Espanha há revolta, uma vez que Cuba e Puerto Rico do século XIX eram duas colônias espanholas, sobretudo Cuba, devido a sua posição econômica e cultural - a “flor do império espanhol” e milhões de espanhóis tinham consciência disto. Em razão desta situação, a Espanha começou a enfrentar com maior firmeza os revolucionários na ilha, o que levou à interferência dos Estados Unidos no conflito. “En abril de 1896 el gobierno norteamericano del presidente Cleveland insinuaba a España que debía modificar su política en Cuba” (BOSCH, 1970, p. 678).

A imprensa norte-americana começou uma campanha de denúncias às violações espanholas no conflito, respondendo a um sentimento recorrente no mundo ocidental. Ao mesmo tempo em que atendia a uma finalidade política, a intromissão do poderio militar norte-americano no conflito.

El 25 de noviembre de 1897 se había publicado el real decreto que ordenaba establecer el régimen autonomista en Cuba a partir del 1 de enero de 1898. Pues bien, un mes después, el 24 de diciembre, el subsecretario de la Guerra de Estados Unidos, J.M. Breackseason, enviaba al teniente general Nelson A. Miles una carta que ha sido publicada varias veces y nunca ha sido desmentida; y se trata de una carta que habla por sí sola, dado que fue escrita un mes y tres semanas antes de que se produjera la explosión del crucero *Maine*, hecho que se presenta como el punto de partida de la llamada guerra hispanoamericana (BOSCH, 1970, p. 683).

A entrada dos Estados Unidos no conflito de independência cubana se deu por meio da chamada guerra hispano-americana. Começou com a explosão do encouraçado *Maine*, segundo Bosch (1970, p. 685)

En cuanto a la llamada visita del *Maine* a La Habana, no fue una visita; el buque fue enviado a petición del cónsul norteamericano en la capital de la isla, el señor Fitzhugh Lee [...] el cónsul [...] pidió a su gobierno que enviara a La Habana un buque de guerra para “proteger la vida y las propiedades de los ciudadanos norteamericanos”.

Debido a esa solicitud se dio orden de enviar a la capital cubana el *Maine*, que llegó al puerto habanero el día 24 de enero (1898). Si se hubiera tratado de una visita, el *Maine* habría estado en La Habana dos o tres días, y tal vez una semana, aunque esto hubiera sido mucho tiempo. Pero el *Maine* se estableció en la bahía de la capital cubana hasta que voló a efectos de una explosión el 15 de febrero en la noche, es decir, 23 días después de haber echado anclas en el puerto. Uno tiene necesariamente que preguntarse qué hubiera hecho Estados Unidos con ese buque si no hubiera volado esa noche, puesto que hubiera sido una provocación inexplicable mantenerlo más tiempo en La Habana. La explosión del *Maine* causó la muerte de 280 de sus tripulantes.

Devido à explosão, os Estados Unidos deram um ultimato ao governo espanhol para que a situação em Cuba se normalizasse. Contudo, nunca houve menção aparente à situação de Porto Rico, apesar da intensa circulação interna no governo norte-americano, que antevia a invasão da ilha. Para Bosch (1970, p. 687) Puerto Rico era a carta escondida na manga.

A guerra entre Espanha e Estados Unidos ocorreu entre os meses de abril a novembro de 1898 e reproduziu a tendência geopolítica dos norte-americanos no século XIX; ou seja, conquistar e comprar territórios para ampliar suas fronteiras. Segundo Bosch (1970, p. 696)

Al tomar el general Brooke el mando de Puerto Rico el 18 de octubre de 1898, había comenzado en el Caribe el siglo del imperio norteamericano, y ese hecho quedó confirmado cuando el mismo general Brooke tomó el mando de Cuba el 1 de enero de 1899.

Los intentos de penetración de Estados Unidos en el Caribe habían comenzado hacía muchos años y habían pasado por numerosas fases. De esos intentos, los más importantes, entre los que había hecho el gobierno norteamericano directamente, no a través de personas privadas o de empresas comerciales, habían sido el de comprar la bahía de Samaná, en la República Dominicana, en 1866; el de comprar a Dinamarca las islas de Saint Thomas y Saint John por 7,500,000 dólares en 1867; el de anexarse la República Dominicana, un plan que estuvo prácticamente realizado hacia el 1870. La anexión de la República Dominicana fracasó debido a que encontró una fuerte oposición dentro de la República Dominicana y en el Senado norteamericano.

Após a independência de Cuba, seu governo não poderia consumir pactos internacionais nem contrair empréstimos sem o consentimento dos Estados Unidos. O império poderia intervir militarmente na ilha quando assim julgasse necessário, além de poder estabelecer em Cuba bases militares. Por meio da chamada emenda *Platt* o império norte-americano quem regulava as relações exteriores de Cuba e preservava o poder para interferir em seus assuntos internos, geralmente, via força militar.

Em 19 anos, os Estados Unidos reuniam forças militares em vários pontos do Caribe, do Panamá à Nicarágua, da base naval de Guantánamo a Puerto Rico. Para Bosch (1970, p. 700) “En diecinueve años habían pasado a dominar sobre más tierras y más habitantes que Gran Bretaña, Francia y Holanda, a pesar de que estos países tenían tres siglos en el mar de las Antillas” em fins de março de 1917 o Caribe “había pasado a ser un lago norteamericano”.

Esta situação provocou uma reação regional, por meio da Conferência Interamericana de Montevideu de 1933, com o estabelecimento de um princípio regional de não-intervenção. Para Bosch (1970), a situação só fez com que os Estados Unidos passassem a explorar outros agentes para efetivar sua influência e ingerência na região, sobretudo a CIA (Agência Central de Inteligência). No contexto cubano, assinala Bosch (1970, p. 744)

Las actividades de la CIA en Cuba habían comenzado en 1959, el mismo año de la victoria de Fidel Castro. Al principio esas actividades se limitaban a buscar información que le permitiera al gobierno de Estados Unidos hacerse una idea de hacia dónde era llevada la revolución; después se dedicó a dirigir una campaña de prensa destinada a presentar la revolución cubana como de tendencias comunistas; luego comenzó a dar facilidades para que salieran de la isla los cubanos enemigos de la revolución; más tarde se dispuso a adiestrar cubanos exiliados para que llevaran a cabo luchas clandestinas contra el gobierno de Fidel Castro, hasta que llegó el día en que pasó a organizar ataques que iban desde pequeños sabotajes hasta bombardeos de ingenios de azúcar hechos por aviones aislados, y cañoneos de puertos y refinerías de petróleo llevados a cabo por embarcaciones rápidas.

Devido às limitações da não-intervenção à reação norte-americana, a Revolução Cubana foi desenvolvida por meio de uma estratégia que consistia em não envolver tropas norte-americanas no conflito, terminando por sua derrota. Bosch destaca o pronunciamento do presidente Kennedy em relação as reações, segundo o autor (1970, p. 751)

Antes que nada, quiero decir que no habrá, bajo ninguna condición, una intervención en Cuba hecha por las fuerzas armadas de Estados Unidos. Este Gobierno hará lo que pueda, y pienso que él pueda cumplir sus obligaciones, para asegurar que no haya norteamericanos envueltos en ninguna acción dentro de Cuba”. Como se advierte, las palabras estaban cuidadosamente escogidas, pues era cierto que no había norteamericanos “envueltos en ninguna acción dentro de Cuba”, pero los había, y numerosos, fuera de Cuba; por otra parte, pronto iba a haberlos también dentro de la isla.

Para o autor, a operação fora desenvolvida em termos militares, e não políticos, ignorando o fato de que a revolução tinha importante respaldo popular.

Los líderes cubanos, en cambio, tenían bien presente el aspecto político del problema, y tan pronto como se produjeron los bombardeos del día 15, Fidel y Raúl Castro, y el Che Guevara se dirigieron por radio al país, denunciando la agresión y acusando a los Estados Unidos de haberla organizado y dirigido, cosa que sabían a fondo porque tenían información correcta de cada paso que daba la CIA, pero al mismo tiempo pusieron en acción los comités de vigilancia de toda la isla, que estaban preparados para actuar a la primera orden, y al cerrar el día no había en Cuba un hombre o una mujer sospechoso de hallarse a disgusto con el régimen que no estuviera detenido (BOSCH, 1970, p. 752).

A agressão norte-americana fez com que o regime castrista procurasse, dentro da ordem geopolítica vigente, o respaldo dos antagonistas, dentro do sistema internacional, ao poderio norte-americano; sendo assim, conduziu o regime ao comunismo soviético. Em suas palavras,

Eso es lo que no pueden perdonarnos, que estamos ahí, en sus narices, ¡y que hayamos hecho una revolución socialista en las propias narices de los Estados Unidos! ¡Y que esa revolución socialista la defendemos con esos fusiles! ¡Y que esa revolución socialista la defendemos con el valor con que ayer nuestros artilleros aéreos acribillaron a balazos a los aviones agresores!... Compañeros obreros y campesinos, ésta es la revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes.” Y, para terminar, ¡en la lista de los “Viva la clase obrera!” y “¡Vivan los campesinos!” apareció un “¡Viva la revolución socialista!” (BOSCH, 1970, p. 754).

A bem planejada operação da CIA lançou Cuba ao campo socialista do espectro geopolítico global. Em decorrência disto, a crise dos Mísseis de 62, e a instauração do bloqueio econômico em Cuba, que perdura até hoje, sem ter conseguido derrubar o regime comunista da ilha.

A aproximação com o regime soviético significou um recrudescimento das liberdades civis e políticas em Cuba, ao mesmo tempo o avanço da revolução significou melhores serviços de saúde, acesso universal à educação e uma agenda de política externa cubana pautada na autodeterminação dos povos e na valorização de programas e estratégias para a promoção do bem-estar comunitário, sobretudo via saúde.

O embargo comercial norte-americano e a política de acolhimento dos dissidentes cubanos nos Estados Unidos fez com que uma grande comunidade cubana se formasse na região de Miami; cubanos estes com representação nas esferas políticas, alto nível de educação e respeitabilidade dentro dos EUA como uma comunidade importante para o desenvolvimento nacional (FIU, 2011). Este respeito não é o mesmo que a comunidade porto-riquenha recebe nos Estados Unidos continentais.

Bosch (1970) conclui seu livro declarando que a história do Caribe possui uma coerência; a região está modelada pelo embate e confronto de ordem geopolítica de impérios “modelada por la violencia que la había convertido en una frontera imperial”, o único modo

de avançar na ruptura com a lógica imperial era respondendo às agressões imperiais com uma escalada revolucionária para “librarse de la opresión norteamericana, el camino de la revolución cubana era el del socialismo”.

Suas afirmações encontram eco no que hoje é o estado livre associado de Puerto Rico; a chegada dos Estados Unidos à ilha, decorrente da guerra hispano-americana, representou no imaginário local mais democracia e autoderminação no governo local, contudo o sentimento logo foi dissipado pela instauração de um regime militar.

Na década de 1920, a lei Jones, ou *John act*, proíbe que barcos de bandeira estrangeira circulem entre dois portos estadunidenses, o que bloqueia a entrega em Puerto Rico de produtos importados sem antes serem trocados por embarcações norte-americanas. Tal dispositivo, em vigor até hoje, gera atraso no desenvolvimento das colônias norte-americanas e um custo de vida maior que a média dos EUA (VISUALPOLITIK, 2016) provocados, principalmente, pelo elevado custo de transporte.

A lei Jones-Shafroth, ou *Puerto Rican Federal Relations Act of 1917*, institui uma isenção plena na cobrança de impostos sobre os cidadãos norte-americanos que comprassem títulos da dívida pública da ilha, o que culminou em uma sobre oferta de crédito aos agentes públicos, dinheiro fácil para políticos, o que conduz à condição de déficit crescente no orçamento público local, levando em 2017 à bancarrota do estado livre associado.

A seção 936 do código fiscal dos Estados Unidos permitia que os investidores em Puerto Rico repatriassem seus lucros sem a cobrança de impostos, o que gerou incremento na atividade econômica da ilha. Segundo a enciclopédia de Puerto Rico (MARTINEZ BORRAS, sem data), a medida foi instituída para reanimar a economia local e reduzir sua dependência dos recursos federais em 1976, “creó un incentivo para que estas corporaciones mantuvieran sus ganancias dentro de la economía estadounidense y no acabaran en bancos europeos, esquivando el pago de impuestos federales”. Contudo, esta seção foi revogada nos anos 1990, levando ao fechamento de várias plantas industriais na ilha e acelerando seu processo de crise.

O ingresso médio das famílias porto-riquenhas é de 20 mil dólares, metade do ingresso médio do Mississippi, o mais pobre estado dos Estados Unidos continental (VISUALPOLITIK, 2018). Ao mesmo tempo, o salário mínimo na ilha é, por lei, o federal que corresponde, na realidade, a uma distorção, pois apenas os funcionários públicos na ilha ganham o piso nacional; em média, os trabalhadores locais do setor privado ganham 77% do piso nacional.

O desaquecimento produtivo, custo de vida mais caro, alinhados a políticas econômicas prejudiciais ao desenvolvimento econômico, além da enorme dívida pública e

carência de serviços e oportunidades que dez anos de crise trouxeram a ilha fizeram com que, em 2006, houvessem mais porto-riquenhos nos Estados Unidos continentais que na ilha, com uma projeção de que nos próximos anos Puerto Rico perca outros 800.000 habitantes, só em 2018, 200 mil em decorrência da catástrofe do furacão María.

Em tal contexto, a fuga de jovens faz com que a situação econômica da ilha se torne ainda mais dramática. Mesmo com esta fuga, os porto-riquenhos não são bem vistos nos EUA, são taxados como imigrantes que pouco agregam à economia do país, recebem salários menores, têm subempregos, além de terem baixa escolaridade e ingresso médio menor que todos os outros grupos latinos imigrantes (HUNTER, 2017).

Dentro de Puerto Rico, em ocasião da celebração dos 100 anos de independência da Espanha, políticos locais destacaram que não têm moral para questionar o *status* da democracia em Cuba, ou de Fidel Castro (BORIKENTV, 2013), pois os porto-riquenhos não possuem direito ao voto ou participação relevante nas decisões políticas federais, nem a expressar opiniões críticas em relação à conquista norte-americana, ressaltam a presença de presos políticos independentistas, e asseveram os protestos contra o colonialismo e o imperialismo norte-americano.

Percebo aqui como a questão geopolítica tem importância central nas questões da própria vida dos habitantes das três localidades, um conjunto de valores intersubjetivos (RUGGIE, 2001) rege o jogo político entre entidades nacionais. A benesse ou o ostracismo do império pouco tem a ver com o desenvolvimento autônomo das Antilhas caribenhas elencadas, mas regem de modo central a percepção de suas populações dentro da economia norte-americana. Posso afirmar, enquanto objeto da dissertação que a geopolítica cultural em torno destas comunidades é basilar para determinar sua qualidade de vida e a liberdade para se apresentar como membros de uma comunidade nacional dentro do império. Abordo na próxima seção os elementos principais desta representação em termos de disputa cultural na fronteira imperial.

Noam Chomsky sobre o império americano amplia a compreensão a respeito do imperialismo na região como parte de uma estratégia imperial maior, como descrito pelo autor políticas externas são determinadas por estruturas institucionais de poder e dominação (2004, p. 317) no mundo unipolar pós-guerra fria a agenda de política externa norte-americana seguiu um plano de desenvolvimento do dito Terceiro Mundo pautada em políticas econômicas neoliberais, ao mesmo tempo em que apoiou governos conservadores e repressão violenta de movimentos de contestação de tais agendas. Como resultado, toda o continente

latino-americano vivenciou um período de retrocessos nas áreas sociais, concentração de renda, inflação e explosão de violência (CHOMSKY, 2004, cap. 2).

Os contornos da política externa norte-americana na região se constituíram ao longo do século XX, e estão bem assentados em torno de doutrinas específicas. Nos dizeres de Chomsky (2003, p. 17) a manutenção do mundo unipolar no qual “os Estados Unidos não tenham um competidor de igual estatura” constitui a finalidade última desta doutrina secular que “ignora o direito e as instituições internacionais e as considera de pouco valor”, sejam estas de natureza regional, a exemplo da OEA, seja o sistema ONU.

A meta da grandiosa estratégia imperial é impedir qualquer desafio ao "poder, posição e prestígio dos Estados Unidos", nas palavras de Dean Acheson, em 1963, ao justificar as ações americanas contra Cuba (CHOMSKY, 2003, p. 20). Na doutrina Acheson nenhuma questão jurídica pode ser arguida quando os Estados Unidos respondem a um desafio a seu "poder, posição e prestígio". Assim, a “assertiva fundamental” por trás da estratégia imperial, que em geral se considera desnecessário esclarecer por ser tão transparente é o “princípio norteador do idealismo wilsoniano: nós 'ao menos os círculos que proveem a liderança e as aconselham' somos bons e até mesmo nobres” (2003, p. 48). Ou seja, a intervenção dos chamados especialistas (CHOMSKY, 2004, p. 317), é necessária na execução.

Nas palavras do próprio Wilson temos "ideais nobres" e nos dedicamos a "estabilidade e justiça" sendo uma decorrência natural, como Wilson declarou para justificar a conquista das Filipinas, que "nosso interesse nos guie, embora sejamos altruístas: que as outras nações tratem de se manter a distância e não tentem nos deter" (CHOMSKY, 2003, p. 48).

O interesse nacional dos Estados Unidos em sua agenda de política externa, expressão de sua vocação enquanto império está na leitura do estado como vanguarda histórica, que funda uma nova ordem global, ao mesmo tempo em que realiza tal vocação, perpetua seu “próprio domínio” guiado pelo “imperativo da supremacia militar, perpetuamente mantida e globalmente planejada” (CHOMSKY, 2003, p. 49).

4.3 A DISPUTA CULTURAL

Frédéric Martel (2012) traz em seu livro *Mainstream* o cenário de disputa cultural contemporâneo entre as mídias e as culturas por meio da reunião de entrevistas ao redor do mundo com diversos interlocutores ligados à produção e ao consumo cultural. Em suas considerações o autor situa a posição entre Cuba, Puerto Rico e Miami neste contexto de disputa cultural. A relevância de seus postulados dialoga com o pensamento de Rifkin (2001),

apresentado no capítulo anterior. Além disso nos serve para pensar o modo contemporâneo em que as referências culturais do nacionalismo exposto por Grimson (2007) em sua noção de nacionalidade experimental se comportam no contexto fronteiriço observado quando intermediados por uma organização econômica pós-industrial cuja característica principal é o acesso às redes culturais (RIFKIN, 2001).

A gênese da indústria cultural e do entretenimento contemporâneos se encontra nos Estados Unidos, constitui parte indissociável do poder imperial norte-americano e se estabelece pelo que Martel (2012) define como *soft power* presente nas produções audiovisuais oriundas dos EUA. Para o autor, uma das características primordiais da hegemonia cultural norte-americana se assenta na forma como, desde os anos 1950, a indústria cultural se dinamizou, abarcando os mais diversos nichos de público, que se frutificam em decorrência da organização sociocultural norte-americana marcadamente difusa, segmentada e voltada ao consumo.

Após a segunda guerra, os Estados Unidos recebem um volume gigantesco de imigrantes que vão forjar uma população etnicamente eclética, se convertendo assim não mais em um país conforme o sentido do nacionalismo essencialista (GRIMSON, 2007); serão um “mundo em miniatura” (MARTEL, 2013, p. 151). O que confere ao império a possibilidade de se “arvorar a representar uma nação universal”, que explicará o “crescente domínio das indústrias criativas americanas no mundo, arte e entretenimento, *mainstream* e nichos ao mesmo tempo” (2013, p. 151). Deste modo a americanização cultural do mundo se traduziu como um monopólio crescente sobre as imagens e os sonhos propagados pela indústria cultural contemporânea.

Para Martel (2013, p. 328), o modelo norte-americano de produção de conteúdos se constitui por um “ecossistema particular” em que todos os protagonistas são independentes e interconectados, “muito embora as normas públicas de proteção da concorrência, quando existem, e as regulamentações coletivas, quando funcionam, tentem periodicamente corrigir seus excessos”.

O autor assinala ainda que o sistema norte-americano de produção de conteúdo é um modelo “complexo, produto de uma história, de um território imenso e de uma imigração de todos os países, todas as línguas e todas as culturas” (MARTEL, 2013, p. 336). Em sua origem, o sistema estimula a convergência entre pesquisa nas universidades, financiamentos públicos descentralizados, uma contracultura valorizada por seus focos e objetivos alternativos. Todas interconectadas pelo ideal nacional da ascensão social do *self made man*, que imbui aos artistas independentes e às comunidades étnicas um modelo integrativo que se

reagrupa em torno da defesa dos ideais da sociedade e na defesa da sua ‘diversidade cultural’ estratificada, americanizada.

A teoria do imperialismo cultural norte-americano pressupõe que a globalização cultural seja uma “americanização unilateral e unidirecional de uma ‘hiperpotência’ em relação aos países ‘dominados’”. Martel (2013, p. 325) descreve que a realidade é “ao mesmo tempo mais nuançada e mais complexa: existe ao mesmo tempo homogeneização e heterogeneização”. Isto faz com que as produções de conteúdo locais e regionais, bem como as culturas nacionais se reforcem pela lógica da alteridade, em que o ‘outro’ referencial, ou a ‘outra’ cultura seja a norte-americana.

Tal situação produz uma mistura cada vez mais acelerada, se em âmbito da produção independente são criadas cada vez mais narrativas e produtos de consumo cultural cujas formas são particularizadas, cada vez mais estes conteúdos difundem valores norte-americanos. Na gestão dos grandes produtores de mídia, o entretenimento norte-americano muitas vezes é “produzido por multinacionais europeias, japonesas e já agora também indianas, ao passo que as culturas locais são cada vez mais coproduzidas por Hollywood” (MARTEL, 2013, p. 335).

O objeto desta nova economia do acesso aos bens culturais (RIFKIN, 2001) passa pela conquista de nova influência através da cultura e da informação. A globalização não só “acelerou a americanização da cultura e o surgimento de novos países”, mas também promoveu “fluxos regionais de informação e cultura, não apenas globais, mas também transnacionais” (MARTEL, 2013, p. 243).

Foi declarada a guerra mundial de conteúdos. É uma batalha nos meios de comunicação pelo controle da informação, uma batalha internacional de troca de conteúdos pela Internet. Nessa guerra pelo *soft power* se opõem forças muito desiguais” (MARTEL, 2013, p. 243). Temos de reconhecer que quando se fala em cultura pop transnacional, comum aos diferentes países da América Latina, as pessoas só se lembram dos nomes dos latinos americanizados ou “miamizados” (MARTEL, 2013, p. 237 – 243).

Hoje, o *soft power* é medido pelo **entretenimento** e a **cultura pop** norte-americana ou americanizada assume o “papel de uma cultura comum na América Latina na esfera do entretenimento *mainstream*” (MARTEL, 2013, p. 243). A cultura na era da reprodução digital opera um conjunto de mudanças geopolíticas será amplificada pela desmaterialização dos conteúdos e a evolução para a era digital (MARVEL, 2013, p. 342).

Na organização deste poderio se encontra a posição de Miami enquanto “capital exógena da América Latina” (2013, p. 236). Historicamente, Miami sempre foi muito cubana. Aos poucos, “tornou-se uma cidade mais variada, com hispânicos de todas as nacionalidades e

todas as raças”. Para Gabriela Martinez, da Warner Music LA (MARTEL, 2013, p. 233) “A Flórida não é o mercado mais importante”, mas “Miami é o símbolo desse mercado, e também a cidade mais diversificada”, além do que, geograficamente, “permite mais fácil deslocamento para qualquer parte [...] A partir de Miami, toda a América Latina pode ser alcançada de avião”.

Quanto ao mercado audiovisual de Cuba, Martel (2013, p. 233) assinala que “a verdadeira música cubana não vende muito no exterior: não é suficientemente aberta aos novos estilos para obter amplo sucesso comercial no resto do mundo”. Ou seja, ela não é *mainstream*. “Ao mesmo tempo, também é mais pura” extremamente vinculada a vendas a determinados mercados europeus ocupados com estéticas *vintage*. Miami é a capital cultural exógena de Cuba. “A música cubana vendida no mundo inteiro muitas vezes é produzida e difundida por cubanos de Miami” (MARTEL, 2013, p. 233).

Ivan Alvarez, diretor da Universal Music Miami, está menos atento a Cuba que a Porto Rico. Pois foi lá que nasceu o gênero musical de que todo mundo fala na América Latina contemporânea: o “reggaetón”. Inicialmente, observa Martel (2013, p. 334) “essa música — um rap em espanhol com ritmos sincopados derivados das músicas do Caribe — vem de Puerto Rico”. Será difundida em território norte-americano pelas comunidades porto-riquenhas de Nova York e Orlando, na Flórida. Seu sucesso se explica por servir de elo “a segunda e a terceira gerações de hispânicos que vivem nos Estados Unidos com suas origens, as origens dos pais: estilo urbano do hip-hop representa o país onde eles vivem e o ritmo caribenho, suas raízes” (2013, p. 334).

O que é resumido assim pelo porto-riquenho Daddy Yankee: “A música permite à segunda geração sentir-se latina. O reggaetón une as massas latinas” (MARTEL, 2013, p. 334). Agressivamente sexual, portanto, “especialmente quando dançado corpo a corpo nos *dance-floors*, o reggaetón é um *gangsta rap* latino assumido — já que a língua espanhola, segundo seus defensores, permite mais audácia que o inglês em solo americano”. Esta percepção do reggaetón com uma estética *gangsta rap* é comumente percebida por meio do *ethos* dos cantores deste ritmo.

Figura 19 - Estética Reggaetón Nicky Jam



Fonte: Pinterest.

Figura 20 - Estética Reggaetón J Balvin (1)



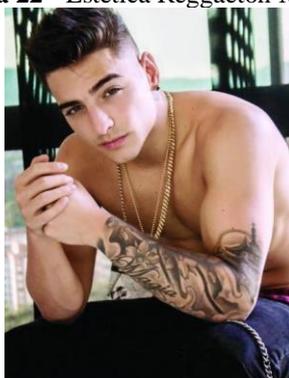
Fonte: Pinterest.

Figura 21 - Estética Reggaetón J Balvin (2)



Fonte: Pinterest.

Figura 22 - Estética Reggaetón Maluma



Fonte: Pinterest.

O ritmo reggaetón deriva seu nome da junção dos termos reggae e manatón, espécie de roda de rimas similares ao *rap*. Sua construção enquanto gênero musical recorre a ambas as fontes. Batidas caribenhas, ritmo de *rap*, combinadas a uma estética urbana e não-elitista. Daí a ênfase nos corpos, no estilo urbano das roupas e no uso de elementos como bonés de aba reta, tatuagens, colares e relógios pronunciados presentes na composição visual de seus cantores, conforme demonstrado nas figuras acima. Tal uso é um modo de direcionamento no *ethos* dos homens que querem ser lidos como desejáveis em um ambiente culturalmente influenciado por esse estilo tanto musical, quanto estético.

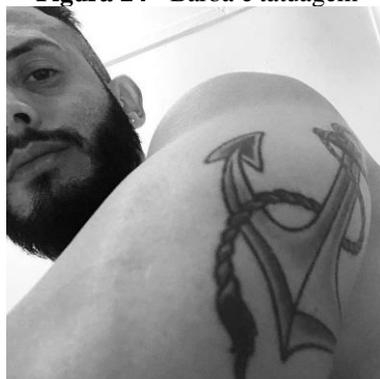
Percebo esta influência dentro do próprio *corpus*, seja por meio de *hashtags* como #inked #tattoo #gayswithtattoo #browear #gaybro, seja por meio das fotos que reproduzem essa estética a fim de fazer parte deste *ethos*, a exemplo das figuras abaixo:

Figura 23 - Boné aba reta e barba



Fonte: Instagram.

Figura 24 - Barba e tatuagem



Fonte: Instagram.

Figura 25 - Boné, óculos e barba



Fonte: Instagram.

Figura 26 - Boné, barba e ostentação



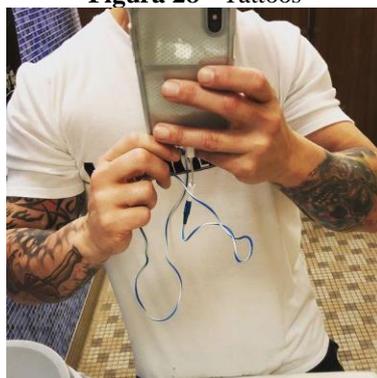
Fonte: Instagram.

Figura 27 - Estilo de vestuário urbano



Fonte: Instagram .

Figura 28 - Tattoos



Fonte: Instagram .

Tal estética é formada em Miami, e não haveria outro local para tal conjunção, mesmo *Los Angeles*. O papel jogado pela primeira na indústria fonográfica latina é tamanho que a cidade é vista como a América Latina em miniatura. Martel aponta que “só em Miami encontramos uma tal mistura étnica. Em nenhuma capital, nem em Buenos Aires, na Cidade do México, no Rio ou em São Paulo, existe tamanha diversidade” (2013, p. 336).

Ademais, Miami oferece um espaço aberto à diversidade, a la americana, também em relação à diversidade sexual. “Miami é uma capital gay assumida, visível, fator determinante para que os artistas se sintam bem”. O que faz com que Martel possa concluir que “Miami tornou-se a capital da América Latina na música, pois é a cidade da diversidade latino globalizada” (MARTEL, 2013, p. 336-7). Contudo, como tal processo de diversidade sexual ocorre, ou são generalizações a partir da bolha dos profissionais do entretenimento? É o que tento abarcar na próxima seção.

4.4 OS DIREITOS LGBT

Os discursos e intervenções sobre o corpo sexuado remontam ao final do século XIX, frutos da protossexologia que “advertia, portanto, contra os excessos que podiam esgotar o organismo e aconselhava uma sábia gestão espermática, mas não tinha objetivo terapêutico” (CORBIN et. al. 2011, p. 120).

Na mesma época surge na Alemanha e Inglaterra, em ambientes médicos e psiquiátricos, primeira “ciência sexual” 1886, com as publicações de *Psychopathia sexualis* de Richard von Krafft-Ebing, dos Estudos de psicologia sexual de Havelock Ellis e dos trabalhos de Magnus Hirschfeld. Tendiam a uma ‘tipologia científica’ dos comportamentos e das perversões, que já não toma como base o pecado, mas critérios de normalidade e anormalidade. Com respeito ao travestismo Krafft-Ebing o define então como “uma metamorfose sexual paranoica”, ao passo que Haverlock Ellis o interpreta como “uma identificação invertida no heterossexual” (CORBIN et. al., 2011, p. 128-29).

Sendo assim, da condição de doença e sofrimento na *Belle Époque*, a transexualidade se tornou uma reivindicação e contribuiu para ampliar o debate sobre a determinação de sexo, entre biologia, internalização das normas sociais e transformação radical do corpo sexuado (CORBIN et. al. 2011, p. 130).

A homossexualidade também se beneficiou com a liberação dos costumes e com o recuo da norma heterossexual, imposta pelo casamento. A trajetória histórica dos homossexuais não é linear, alterna avanços e recuos, da mesma forma que a repressão

continua na ordem do dia ao longo do século XX. A tolerância parece progredir a partir dos anos 1920. Está se torna mesmo um símbolo da modernidade entre intelectuais europeus. A homofobia continua forte entre a média burguesia e as classes populares. Na Inglaterra, "o amante operário se torna mesmo o ideal de muitos ingleses que aliam o fascínio pelo homem viril e defesa dos oprimidos" (CORBIN et. al. 2011, p. 148).

Na Alemanha, o avanço e recuo fica mais evidente no período entre guerras de aceitação a ascensão do nazismo que os vê como inimigos da nação foi sem dúvidas decisivas, a despeito da opinião pública que se via indiferente a eles.

a ditadura pode assim efetuar a castração dos homossexuais e depois prendê-los sem julgamento em campos de concentração, eliminá-los fisicamente, num crescendo que começa com a Noite dos longos punhais. Traço significativo, o estudo da perseguição contra eles só muito mais tarde havida de interessar os historiadores (CORBIN, et. al. 2011, p. 149).

O mesmo processo acontece nos Estados Unidos e na União Soviética. Impera neste período a lógica das sexualidades dissidentes como antipatrióticas. Depois da Segunda Guerra Mundial, a discriminação passa a ser científica. "Na classificação da OMS, adotada na França em 1968, a homossexualidade é definida como uma doença que os psiquiatras procuram curar recorrendo aos meios mais brutais: eletrochoque, e mesmo lobotomia" (CORBIN et. al. 2011, p. 149).

Será nos anos 1950 que o discurso científico começa a apresentar rupturas em relação ao tema, a sexologia moderna de Alfred Kinsey teve como projeto traçar um quadro das práticas comportamentais por meio de uma sondagem de 10.000 pessoas, interessada apenas no prazer, "pela produção de orgasmos e pelos meios de alcançá-los: sonhos eróticos, relações extraconjugais e homossexuais, relações com animais etc". Sob o rigor científico transparece uma liberdade sexual em contradição com o arsenal repressivo ainda em vigor nos Estados Unidos.

É em 1969, com os tumultos consecutivos a uma batida policial no *Stonewall Inn* em Nova York, um bar frequentado por homossexuais, que a questão gay se impõe a toda a sociedade. Em 1974, a Associação Americana de Psiquiatria exclui a homossexualidade da lista de doenças mentais. As saídas do armário (SEDGWICK, 2007) e as contribuições teóricas de Foucault (2003) com respeito à sexualidade são importantes para esta mudança de pensamento. "A liberdade sexual caminha, todavia, *pari passu* com um consentimento esclarecido" (CORBIN et. al. 2011 p. 150).

Em Cuba, os homossexuais foram levados aos campos de trabalhos forçados nos moldes da política stalinista da URSS. As discussões com respeito a igualdade no contexto

local ainda levariam décadas para mudar, apesar de que estes campos foram desativados cerca de três anos após sua implementação, o estigma em torno da homossexualidade seguiu.

Com o surgimento da Aids (SIDA), doença mortal, a sexualidade se torna de novo um problema de saúde pública “a erradicação da sífilis com o uso dos antibióticos havia levado ao mesmo tempo ao fim de uma obsessão burguesa secular e a um relaxamento na vigilância”. Com a AIDS, “os epidemiologistas se colocam, desta vez, na primeira linha. As grandes sondagens então lançadas para identificar os comportamentos de risco modificam o discurso sobre a sexualidade que, de hedonista, passa a ser sanitário”. Diante desse novo flagelo, “cada sociedade reviu à sua maneira e modulou uma própria política de prevenção em função de seus valores”. (CORBIN et. al. 2011, p.130).

Nos anos 1990, com a remoção da homossexualidade da lista de doenças da OMS, cada sociedade passou a adotar formas de combater a discriminação em seus termos. No caso norte-americano proliferam as ONGs que visavam o combate à homofobia. Em Cuba, o CENESEX, fundado em 1996, promove a igualdade de gênero e debates com respeito à incorporação dos coletivos LGBT na sociedade. O próprio Fidel Castro assume sua responsabilidade em relação à discriminação em relação às sexualidades não-hegemônicas em Cuba, ao mesmo tempo em que o papel do CENESEX aumenta no reconhecimento da normalidade das pessoas, seja por meio de iniciativas acadêmicas, ou políticas como as Paradas do Orgulho organizadas na ilha, o que é significativo, gritar não há algo em um regime tido como distanciado das liberdades de contestação civis (SALAS e ROJAS, 2018).

Independentemente do contexto os “homossexuais reivindicam agora a indiferença e recusam, em parte, a lógica separatista e consumista do 'gueto' à americana. Melhor, influenciam hoje a sociedade inteira” (CORBIN, et. al. 2011, p. 150). O site EQUALDEX, preocupado em comparar os direitos LGBT no mundo, elaborou uma série de dados para compreender o modo como as sociedades e instituições lidam com a temática, de seus dados pude extrair a seguinte tabela, que foi complementada ao contrastarmos com Informe da Anistia Internacional (2017) no caso porto-riquenho, que a partir de 2013 retrocedeu em diversas agendas de proteção aos coletivos LGBT na região.

Quadro 4 – Direitos LGBT por localidade

	CUBA	FLÓRIDA	PUERTO RICO
<i>Relações entre pessoas do mesmo sexo</i>	Legal	Legal	Legal
<i>Matrimônio</i>	Não-reconhecido (Autorizada via reforma Constitucional aprovada na Assembleia Nacional, Jul. -2018)	Legal	Legal
<i>Mudança de gênero</i>	Legal, sem necessidade de cirurgia	Requer cirurgia	Revogada (Informe Anistia Internacional 2017)
<i>Adoção</i>	Somente solteiros (aprovada via reforma constitucional, julho 2018)	Somente solteiros	Somente solteiros
<i>Discriminação</i>	Ilegal em determinados contextos	Não há proteção	Proteção revogada (Informe Anistia Internacional 2017)
<i>Discriminação no trabalho</i>	Ilegais	Não há proteção	Proteção revogada (Informe Anistia Internacional 2017)
<i>Discriminação no lar</i>	Orientação sexual e identidade de gênero protegidas	Não há proteção	Proteção revogada (Informe Anistia Internacional 2017)
<i>Forças armadas</i>	Legal	Legal	Legal
<i>Doar Sangue</i>	Legal	Banido	Revogado (Informe Anistia Internacional 2017)
<i>Idade para consentimento</i>	Igual	Igual	Igual
<i>Terapias de conversão</i>	Banidas	Permitidas	Permitidas

Fonte: Equaldex e Anistia Internacional.

Em relação ao estado da Flórida cabe adicionar que grande parte das legislações sofrem interferência municipal, sendo assim a região de Miami conta com determinada proteção contra a discriminação, mas não configura a regra do estado, em geral conservador, o que contrapõe os resultados defendidos por Martel (2012) no final da seção anterior.

A “banalização da homossexualidade” e a “liberalização dos costumes” favorecem comportamentos e representações 'não conformistas'. “O corpo masculino, por exemplo, sofre cada vez mais a influência das imagens sugeridas pelos *gays*”. Quando ousa provocar e

bancar “as grandes loucas’ para cobrir de ridículo as estigmatizações do homossexual efeminado [...] os gays também liberaram a componente feminina da masculinidade e a componente masculina da feminilidade” desestabilizando ao mesmo tempo as divisões clássicas de gêneros (CORBIN, et. al. 2011, p. 151).

Sobretudo quando pensamos em mulheres *trans* e nos *crossdressers* percebo as distinções entre Cuba e Puerto Rico de modo mais evidente, enquanto que nas ocorrências de *crossdresser* em Cuba o usuário mostra seu rosto e localiza suas fotos, o usuário porto-riquenho não mostra seu rosto e nem localiza suas postagens, descrevendo apenas como morando em Puerto Rico em seu perfil, ao mesmo tempo o segundo se coloca como acompanhante, o que não ocorre no caso cubano.

Figura 29 - Postagens de *crossdressers* comparadas (1)



Fonte: Instagram.

Figura 30 - Postagens de *crossdressers* comparadas (2)



Fonte: Instagram.

As fotos denotam a percepção de um sistema de garantias contra a discriminação pela performance de gênero em Cuba, bem como o respeito e acesso ao trabalho independente da identidade de gênero. Já no caso de Puerto Rico a marginalidade da vivência de sua identidade de gênero, ou performance de gênero, sugerem uma vivência da sexualidades não-binárias como atravessadas por preconceitos. A própria impessoalidade do fundo na segunda

foto contrasta com a da primeira, tomada em local público. Cabe aqui ressaltar também que não houve ocorrência, em ambos os indexadores, de *crossdressers* na Flórida.

O papel do CENESEX em Cuba também tem sido o de educar sua juventude em relação ao respeito às sexualidades não-hegemônicas, motivo pelo qual foi premiado pela ONU em 2017 (14YMEDIO, 2017). Cuba tem apostado em superar os problemas do passado por meio da educação para a diversidade de sua juventude, talvez por este motivo todos os usuários do indexador são jovens. Em oposição aos usuários cubanos na Flórida, compostos de homens mais velhos em sua maioria. Ao mesmo tempo percebo um contraste: há expressivo volume de postagens dos cubanos em espaços públicos, enquanto que as de porto-riquenhos acontecem em sua grande maioria em ambientes privados.

A relevância dos retratos para pesquisa em Direitos Humanos será abordada no próximo capítulo, em que descrevo o processo da identificação do *ethos* e a centralidade do corpo para a análise das selfies.

5 TRAÇANDO AS ETHÉ DOS ACTANTES HUMANOS

5.1 A EMPATIA E O OLHAR: UM CAMINHO PARA PESQUISA EM DIREITOS HUMANOS?

Segundo Boaventura (1994, p. 119) as “identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”. As identidades são forjadas pelas negociações de sentido, em constante transformação, as “identidades são identificações em curso”. Será crucial conhecer “quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados”.

Seguindo as reflexões do autor, posso apontar que em contextos fronteiriços ocorre a disponibilidade multicultural (SANTOS, 1994, p. 136), em suas palavras "a zona fronteiriça, tal como a descoberta, é uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas. E não nos esqueçamos que a metáfora é o forte da cultura de fronteira". O processo de descoberta é um caminho do conhecer que intercala sentidos, racionalidade e emotividade, em seu conjunto explora tanto dimensões sensoriais quanto intelectuais de quem se propõe a descobrir. Decorre daí o fio condutor da investigação, ao se permitirem fotografar, e marcarem suas postagens por meio de indexadores identificativos, nossos interlocutores reproduzem um processo secular que foi fundamental à invenção dos Direitos Humanos, pois, possibilitam um agenciamento de seus corpos por meio da representação, que gera como efeito a empatia.

Para Lynn Hunt (2009), o século XVIII possibilitou diversas transformações no processo social e cultural, que culminam na formulação dos Direitos Humanos. Em meio a uma sociedade que visa fazer nascer as inovações tecnológicas modernas, surgem “os retratos e as pinturas de gênero” que “desafiaram o predomínio das grandes telas mitológicas e históricas da pintura acadêmica” (HUNT, 2009, p. 28). As mudanças das quais este processo fez parte contribuem para uma “percepção da separação e do autocontrole dos corpos individuais, junto com a possibilidade de empatia com outros. As noções de integridade corporal e individualidade empática” (HUNT, 2009, p. 29) forjam a consciência da pessoa autônoma, base do pensamento para os Direitos Humanos.

Pode-se entender a consciência da pessoa autônoma como “o advento do indivíduo fechado em si mesmo, cujas fronteiras tinham de ser respeitadas na interação social. A postura e a autonomia requeriam uma crescente autodisciplina” (HUNT, 2009, p. 83). A autora situa a arte do retrato e sua popularização como uma das bases que condicionariam as

alterações decorrentes dessa consciência como uma condição de longo prazo. Na sua leitura essa nova experiência se mostrou crucial para o surgimento da sensibilidade em relação ao outro.

Os corpos sempre tinham sido centrais para a pintura europeia, mas antes do século XVII eram com muita frequência os corpos da Sagrada Família, dos santos católicos ou dos governantes e seus cortesãos. No século XVII e especialmente no XVIII, mais pessoas comuns começaram a encomendar pinturas de si mesmas e de suas famílias. Depois de 1750, as exposições públicas regulares — elas próprias uma nova característica da vida social — apresentavam números crescentes de retratos de pessoas comuns em Londres e Paris, mesmo que a pintura histórica ainda ocupasse oficialmente a posição de *premier genre*. Nas colônias britânicas na América do Norte, a arte do retrato dominava as artes visuais, em parte porque as tradições políticas e eclesiásticas europeias tinham menor peso. A importância dos retratos só fez crescer nas colônias no século XVIII: quatro vezes mais retratos foram pintados nas colônias entre 1750 e 1776 do que entre 1700 e 1750, e muitos desses retratos representavam cidadãos comuns e proprietários de terras. Quando a pintura histórica ganhou nova proeminência na França sob a Revolução e o Império Napoleônico, os retratos ainda constituíam uns 40% das pinturas apresentadas nos *Salons*. Os preços cobrados pelos pintores de retratos aumentaram nas últimas décadas do século XVIII, e as gravuras levaram os retratos a um público mais amplo do que os modelos originais e suas famílias (HUNT, 2009, p. 86-87).

Os retratos podiam transmitir algo completamente diferente em relação à individualidade. Da mesma forma em que hoje posso descrever o compartilhamento de fotos nas redes sociais como uma forma de exposição de si, mediado pela suposição de um *status* e movido por uma lógica narcisista e/ou consumista. Tal interpretação simplificadora foi adotada para descrever a pintura de retratos no século XVIII, com base em que Lynn Hunt (2009, p. 89) afirma que “As pessoas comuns não queriam parecer comuns nos seus retratos, e alguns pintores de retratos ganharam reputação mais por sua capacidade de pintar rendas, sedas e cetins do que faces”. Do mesmo modo que hoje em dia aplicações de edição de fotos e composições de quadro na fotografia contemporânea tendem à valorização de aspectos materiais do estilo de vida do fotografado; ao mesmo tempo em que temos tantas postagens que nem se ocupam de retratar o rosto de quem se fotografa.

Seguindo a caracterização da autora (HUNT, 2009, p. 89), “embora os retratos às vezes focalizassem representações de tipos ou alegorias de virtudes ou riqueza”, ao final do século XVIII “esses retratos diminuíram de importância quando os artistas e seus clientes começaram a preferir representar ações mais naturais da individualidade psicológica e fisionômica”. Tal qual se vivencia contemporaneamente, se em um primeiro momento as pessoas estavam mais preocupadas com as representações de beleza e riqueza, hoje ocorre o proliferar imagens e vídeos direcionados aos aspectos cotidianos do ser, a exemplo de postagens mais irreverentes em relação ao cotidiano e satíricas em relação aos valores do primeiro momento.

Conforme abordei no capítulo anterior ao descrever o ingresso médio dos porto-riquenhos e já antecipando a discussão ao redor da valorização da juventude e do corpo atlético, alguns de nossos interlocutores de pesquisa desafiam essas lógicas por meio da ironia. A exemplo das figuras abaixo:

Figura 31 – Desafio irônico (1)



Fonte: Instagram.

Figura 32 – Desafio irônico (2)



Fonte: Instagram.

Figura 33 – Desafio irônico (3)



Fonte: Instagram.

As postagens são de um usuário porto-riquenho que se indexa como atlético, jovem e rico, em suas postagens. Mesmo que não faça parte destes grupos, em uma definição generalizada, percebo sua criatividade ao lidar com estas categorias de maneira irônica. Reforçando sua individualidade frente a definições hegemônicas de beleza e do ser desejável.

Lynn Hunt (2009) assinala que é próprio da proliferação dos retratos individuais o estímulo à percepção da individualidade de cada ser humano. O que torna o seu uso no contexto do século XVIII como um processo singular. Contemporaneamente, em meio ao Big Data e à lógica oceânica da produção de conteúdo, os jogos entre o que representa determinada figura e os indexadores que estabelecem sentidos hegemônicos para os corpos que serão desejados é uma nova forma de reafirmar esta individualidade, situando cada emissor como alguém “separado, distinto e original, e assim é que devia ser representado” (HUNT, 2009, p. 89).

Em sua argumentação, Lynn Hunt busca demonstrar o modo como estruturas de pensamento se modificaram socialmente condicionando o advento dos Direitos Humanos. A dissertação aqui desenvolvida tende a buscar um caminho semelhante, por meio de outra abordagem. Após o século XX e suas máquinas de mídia unidirecionais e centralizadas formarem o modo como enxergo o outro e o desejo, temos, no século XXI, o desafio das Internets (MARTEL, 2015), que jogam sobre referentes culturais locais as formas de representação de si ainda fundadas em categorias pré-Web sendo desafiadas pelas milhões de postagens diárias promovidas por pessoas na(s) rede(s).

Tal qual ensinou Lynn Hunt (2009, p. 111-112)

Talvez pareça um tanto exagerado estabelecer uma ligação entre assoar o nariz com um lenço, escutar música, ler um romance ou encomendar um retrato e a abolição da tortura e a moderação do castigo cruel. Mas a tortura legalmente sancionada não terminou apenas porque os juízes desistiram desse expediente, ou porque os escritores do Iluminismo finalmente se opuseram a ela. A tortura terminou porque a estrutura tradicional da dor e da pessoa se desmantelou e foi substituída pouco a pouco por uma nova estrutura, na qual os indivíduos eram donos de seus corpos, tinham direitos relativos à individualidade e à inviolabilidade desses corpos, e reconheciam em outras pessoas as mesmas paixões, sentimentos e simpatias que viam em si mesmos.

Da mesma forma, pode-se perceber que as formas de representar a identidade contemporaneamente tendem a dizer empiricamente aquilo que Boaventura (1994) ensinou no começo desta seção, as identificações são em relação a alguém, ou algo, e respondem a processos difusos. A inconstância da identidade na pós-modernidade, e a sobreposição das categorias como antagônicas neste novo modo de ser indivíduo foram definidas por Stuart Hall (2006), para perceber o modo como o ser é transfigurado por categorias identificadoras, ao mesmo tempo em que as reagrupa sempre em função do local em que fala e a que público se direciona, configurando uma lição primordial para alcançar as *ethé* de cubanos e porto-riquenhos na fronteira imperial atravessada pelo agenciamento virtual de corpos que tentarei desdobrar nas próximas seções.

5.2 A PROVA DO ETHOS VIRTUAL

Segundo Maingueneau (2005), o interesse pelo *ethos* em estudos sobre a compreensão enunciativa e a análise do discurso renasce a partir dos anos 1980. O autor percebeu uma relação intrínseca entre o crescimento do interesse pelo *ethos* com o advento da comunicação de massa por meio de mídias audiovisuais. O objeto do seu trabalho está nas principais características do *ethos* retórico, decorrentes da problemática aristotélica; as dificuldades em estabilizar esta noção; e, ao final, sua concepção de *ethos*.

O autor salienta que o obstáculo para trabalhar a noção de *ethos* está em seu caráter intuitivo. Para ele, "a ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial" (MAINGUENEAU, 2005, p. 2). Devido a esta condição, para explorar o *ethos* é preciso vincular a análise com sua aplicação a determinada problemática específica, cujos aspectos dependem do *corpus* analisado e dos objetivos da pesquisa. "O importante, quando somos confrontados com essa noção, é definir por qual disciplina ela é mobilizada, no interior de que rede conceitual e com que olhar" (2005, p. 5).

Correspondendo a condutas, o *ethos* não age no primeiro plano, mas de maneira tangencial; ele alude a uma "experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário" (MAINGUENEAU, 2005, p. 4). O *ethos* está vinculado a ação enunciativa, "mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador **antes** mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*" (MAINGUENEAU, 2005, p. 6).

O complexo processo que mobiliza a afetividade do intérprete se embasa nas informações contextuais e do material comunicativo apresentado, elaborando o *ethos* que "por natureza é um *comportamento* que, como tal, articula verbal e não-verbal, provocando nos destinatários efeitos multi-sensoriais" (MAINGUENEAU, 2005, p. 6). Citando C. Kerbrat-Orecchioni, "é muito razoável supor que os **diferentes comportamentos de uma mesma comunidade obedecem a uma certa coerência profunda** e, então, esperar que sua descrição sistemática permita distinguir o 'perfil comunicativo', ou o *ethos*, dessa comunidade", ou seja, a maneira de se apresentar nas interações (1996, p. 78 *apud* MAINGUENEAU, 2005, p. 6).

A possibilidade levantada de poder acessar, por meio do estudo da *ethos* discursiva, o perfil comunicativo de uma comunidade perpassa as seguintes formas apontadas por Maingueneau (2005, p. 7).

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio histórica.

Tal leitura é importante para análises voltadas a objetos discursivos cuja possibilidade de serem ignorados está presente, tal qual a publicidade ou mesmo o *feed* de uma rede social. Optar por uma concepção “encarnada” do *ethos* é redescobri-lo como dotado de uma dimensão não só verbal, mas articulado com outras determinantes físicas e psíquicas, com grau de corporalidade variando de acordo com o texto, articuladas por meio de **representações coletivas estereotipadas**.

Neste trabalho encaro representações sociais e coletivas estereotípicas dos sujeitos de pesquisa, ou seja, do *gay* latino e do *gay* cubano ou porto riquenho. Sendo assim, o *ethos* implica a “maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento” (MAINGUENEAU, 2005, p. 8). A maneira como os destinatários se apropriam do *ethos* é caracterizada pelo conceito de **incorporação**. O destinatário identifica o caráter se apoiando em um “conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2005, p. 8), do mesmo modo em que demonstrei a incorporação da estética do reggaetón por interlocutores em Puerto Rico e na Flórida.

A ideia do *ethos* pré-discursivo, defendida por Maingueneau (2005) e Charaudeau (2008), atribui ao processo comunicativo a existência de elementos caracterizantes do enunciador prévios à comunicação, condicionando os modos como determinada audiência concebe a imagem de uma ideia apresentada. Tal processo está articulado em dois componentes; no primeiro, o sujeito mostra-se com sua identidade social de locutor; é ela que lhe dá direito à palavra e que funda sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2008, p. 115).

Incluí aqui, aplicados a investigação, o ser usuário, pertencer ao grupo étnico latino, descender de cubanos ou porto-riquenhos, é um processo auto afirmativo e identitário. No segundo componente temos

o sujeito constrói para si uma figura daquele que enuncia, uma identidade discursiva de enunciador que se atém aos papéis que ele se atribui em seu ato de enunciação, resultado das coerções da situação de comunicação que se impõe a ele e das estratégias que ele escolhe seguir (CHARAUDEAU, 2008, p. 115).

Estabelece os marcadores pelos quais o vão situar sócio culturalmente como membro de determinado grupo, sendo assim apto a representá-lo. Virtualmente, localizado por meio de indexadores, aparecem as *hashtags*.

Para Maingueneau (2005, p. 17) os “estereótipos de comportamento” foram antigamente acessíveis às elites “por meio do teatro e da leitura de textos literários [...] Hoje, diferentemente, esse papel é creditado às produções audiovisuais”. Na leitura de Charaudeau (2008, p. 51), a comunicação humana é ela própria como um teatro, “uma vasta cena na qual seres humanos representam, por meio de seus atos de linguagem, espetáculos relacionais diversos nos quais alguns papéis estão previstos e outros são improvisados”.

5.2.1 Aplicação virtual

Procurando traçar um *ethos* para o gay brasileiro por meio da leitura do blog da *Katylene*, Elisângela Viana (2012) propõe algumas estratégias interpretativas. Para a autora,

se pensarmos que cada ‘sujeito’ se constrói em função da relação que estabelece com os outros e com o discurso que ele elabora, assumindo assim um dado papel discursivo, o qual se manifesta, no blog analisado, por meio dos elementos multimodais que compõem a ambiência do site e por meio das gírias utilizadas por *Katylene* e seus seguidores.

A estratégia adotada por ela consistiu em observar o espaço de comunicação, o objeto da reflexão, as restrições temático-retóricas e a relação entre enunciadores e coenunciadores tendo por finalidade verificar a construção do *ethos* gay masculino no blog. Como estratégia, Viana usa conceitos oriundos da leitura de Maingueneau (1993) para compreender como os discursos se corporificam, o lugar em que foram proferidos visando caracterizar a cena enunciativa.

A segunda estratégia consistiu em elencar a chamada multimodalidade, definida por ela como “estratégia discursiva que objetiva” que oferece “condições de construção do sentido dos textos pelos atores da interação”. Em sua interpretação dos gêneros digitais, Viana observa que o aperfeiçoamento das páginas da web, possibilita maior integração “entre as semioses (imagem e escrita) e um constante aumento das possibilidades de usos de recursos multimodais”.

Em sua leitura,

com os surgimentos dos gêneros da web emerge uma nova realidade comunicativa que ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros multimodais tradicionais [...] cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis, pois cada forma semiótica é única, na medida em que agrega um conjunto de normas interpretativas e possibilidades de significado que lhe são particulares. (VIANA, 2012, p. 49)

Sendo assim, em gêneros digitais temos a comunhão de variadas modalidades, sendo advogado por determinados autores a contribuição das imagens na construção de sentido total do texto (KRESS, 1996; 2003; 2005 e GOMES, 2007), “os quais asseguram que a representação visual, atualmente, encontra-se no mesmo patamar de importância que o texto verbal” (VIANA, 2012, p. 50). A autora também salienta que existem autores cuja posição é mais radical, como Johnson (2001), “que privilegiam o uso da imagem em detrimento da escrita, considerando letras e palavras apenas como ‘coadjuvantes’ na construção do sentido, cujo brilho seria ofuscado pela complexidade imagética de significado”.

Em nossa leitura, quando Johnson (2001) assinalou que

Num mundo dominado por ícones e metáforas visuais, o papel do texto — letras e palavras, em vez de imagens e animações — ficou parecido com o de um acessório, um figurante obscuro num grande épico de Hollywood. As palavras, nesse paradigma manco, são sempre inferiores às imagens. Qualquer um que conheça um pouco da história dos sistemas de escrita — especialmente a passagem dos pictogramas, como os hieróglifos, para a grafia fonética — percebe algo de esquisito nessa hierarquia. Felizmente, o distorcido esquema de prioridades atual é desequilibrado demais para durar muito. A revolução textual poderá certamente ser o Grande Salto à Frente no design de interface do século XXI. (2001, p. 139)

O autor quis deixar claro que o desenvolvimento da web priorizou formas inventivas de compartilhamento e significados das imagens, de uma maneira que não foi acompanhada pelas práticas escritas. A proliferação de GIFs⁸, vídeos efêmeros e recursos de edição de imagens, em nossa perspectiva, confirmam os postulados do autor.

o que torna o mundo on-line tão revolucionário é que há de fato conexões entre as várias escalas que um itinerante da Web faz em sua jornada. Esses vários destinos não são fortuitos, mas ligados por vínculos de associação. Um surfista de canais fica saltando entre diferentes canais porque está entediado. Um surfista da Web clica num link porque está interessado. Isso por si só sugere um mundo de diferença entre os dois sentidos de "surfar" — uma diferença que os críticos de mídia contemporâneos fariam bem em reconhecer (JOHNSON, 2001, p. 200).

A questão da possibilidade de escolher o modo como irá interagir e até onde o usuário acessará define o modo e a importância que as formas discursivas assumirão em sua experiência online. No caso de Viana, a autora elencou ao seu objeto de investigação um contexto cujos aspectos textuais foram proeminentes. No caso desta dissertação, ao contrário, observo a maior rede de compartilhamento de fotos do mundo; sendo assim, acredito que a

⁸ Forma de imagens em movimento.

ênfase sobre a modalidade é circunstancial, depende invariavelmente sobre qual objeto *online* estou me debruçando.

5.3 A CENTRALIDADE DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DO ETHOS IMAGÉTICO VIRTUAL

Para Pascal Ory (CORBIN et. al. 2011, p. 155) “o ordinário dos corpos humanos acha-se, por definição - entenda-se, por delimitação -, submetido à influência do movimento geral das sociedades”. Esse movimento, ao longo do século XX, foi dominado “pelo recuo da configuração rural diante da urbana, um recuo que, no conjunto do período, pode ser assimilado a um desmoronamento”. O processo de mudanças de mentalidades foi acompanhado pelo advento da comunicação de massa, e teve sua gênese provocada pelas mídias voltadas à fisiologia e à psicologia do homem em fins do século XX.

Neste período, a apresentação e a representação das pessoas foram acompanhadas pela massificação e crescimento das tecnologias, conforme descrito no capítulo 2, que constituem um importante vetor da representação do sujeito por meio da fotografia, que ao longo do XX se transforma de registro de família no registro da própria identidade.

A mudança técnica foi menos causa do que um efeito, “quando muito um acelerador, é o que se pode constatar com a multiplicação no espaço privado, desses dispositivos mais ordinários [...] que são para começar o espelho” (CORBIN et. al. 2011, p. 168). Este espelho “inicialmente imobilizado na porta do armário” e, em seguida, fica “sempre mais móvel, afirma a sua presença no seio das sociedades modernas, enquanto continua sendo olhado com desconfiança por todo o tipo de puritanismos”. A verdadeira causa reside na autorização da atenção a si mesmo, “como o comprova - ao mesmo tempo em que a gera - a evolução dos meios de comunicação de massa”.

Para Courtine (CORBIN et. al. 2011, p. 7), nosso século apagou a distinção do 'corpo' e do 'espírito' ao encarar a vida humana como “espiritual e corpórea de ponta a ponta, sempre apoiada sobre o corpo [...] Para muitos pensadores, no final do século XIX, o corpo era um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos”. O século XX aprofundou a questão da carne, do corpo animado. Da psicanálise ao existencialismo: o inconsciente fala através do corpo. Husserl fazia do corpo humano o 'berço' original de toda a significação (fenomenologia). Maurice Merleau-Ponty apontava o corpo como 'encarnação da consciência', seu desdobramento no tempo e no espaço, como 'pivô do mundo'. Courtine denomina técnica corporal “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, de maneira tradicional, sabem servir-se do seu corpo” (CORBIN et. al. 2011, p. 8).

Nos anos 1960 o corpo político “se pôs a desempenhar os primeiros papéis nos movimentos individualistas e igualitaristas do protesto contra o peso das hierarquias culturais, políticas e sociais, herdadas do passado”. Nos anos 1970, as mulheres protestavam contra a proibição do aborto com um *slogan* que seria apropriado pelos movimentos LGBT tempos depois: “nosso corpo nos pertence!”. Para Courtine (2011, p. 9), “as minorias de raça, classe ou de gênero pensavam ter apenas o próprio corpo para opor ao discurso do poder, à linguagem como instrumento para impor o silêncio aos corpos”. Desta investidura advém a centralidade dos corpos enquanto lugar de “repressão, um instrumento crucial de libertação, a promessa de uma revolução”, toma seu lugar no coração dos debates culturais, se converte em objeto de reflexão, passa a carregar “as marcas de gênero, de classe ou de origem, e estas não podem ser mais apagadas”.

O propósito de “*envolver um corpo material*: corpo orgânico, de carne e sangue, como agente e instrumento de práticas sociais, corpo subjetivo, enfim, eu-pele, envoltório material das formas conscientes e das pulsões inconscientes” fez emergir o corpo como objeto da história das mentalidades, sua importância dentro do processo da modernidade haja visto que “a ênfase posta nos gestos, nas maneiras, nas sensibilidades, na intimidade, na investigação histórica atual refletem sem dúvida um eco de tudo isso” (CORBIN et. al. 2011, p. 10).

A política e a economia contemporâneas se realizam por meio dos corpos, aprofundam a exploração visual do ser vivo, programam a reprodução e sentido da vida, por meio da multiplicação da virtualidade do corpo. Anne-Marie Sohn (CORBIN et. al. 2011, p. 109) postula que o corpo está onipresente no espaço visual, ocupa igualmente um papel sempre maior nas representações tanto científicas como midiáticas.

Para a autora o lugar central dele no último quarto de século tende a fazer esquecer a história subterrânea da libertação do desejo até os anos de 1968 em que, pela primeira vez, práticas sexuais e discursos sobre a sexualidade se conjugam publicamente e impõem a irrupção da vida privada nas questões políticas.

Complementar a tal perspectiva estão as definições de Yves Michaud (CORBIN, et. al., 2011, p. 564) que percebe um movimento de reflexividade geral acompanhado de muitas incertezas em torno das identidades, sempre flexíveis e múltiplas. Contemporaneamente, com a multiplicação de câmeras, reconhecimento facial e uma lógica oceânica na produção de representações virtuais de si “nada mais é escondido”, o corpo figura, nestes termos, como o “último ponto de ancoragem a que é possível apegar-se”.

5.4 MANDA NUDES!

A erosão progressiva do pudor, ligado segundo Anne-Marie Sohn (CORBIN et. al. 2011, p. 111) à necessidade do casamento por amor, fez com que hoje os corpos nus fizessem parte de nosso cotidiano. Para a autora, “homens e mulheres, com efeito, são reduzidos a isso, para encontrarem sozinhos um parceiro que outrora a família e as relações tiravam do ninho, a jogarem com seus triunfos pessoais e, entre eles, o primeiro de todos: o físico”. Decorre disto o volume expressivo de postagens presentes no *corpus* entre postagens de semivestidos e sem roupa aparente presente em todas as localidades.

Figura 34 - Traje de banho

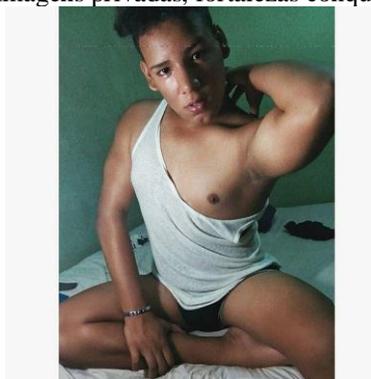


Fonte: Instagram.

Para Anne-Marie Sohn (CORBIN et. al. 2011, p. 110) o corpo foi “progressivamente se desvelar sob o efeito combinado da moda e do turismo balneário”. Com o advento dos trajes de banho na primeira e segunda metade do XX, “nada mais fica escondido na praia. Compreende-se então que a nudez tenha florescido nas representações, e sob formas sempre mais ousadas” (CORBIN et. al., 2011, p. 112).

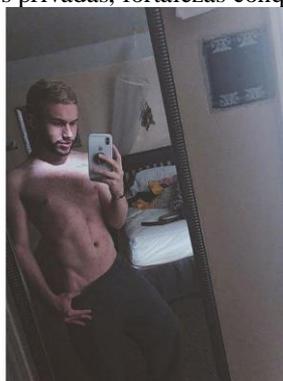
A presença de imagens privadas, sejam em frente ao espelho do banheiro, ou no quarto também remontam a elementos do desejo, se configuram como um convite a compartilhar de uma intimidade vetorizada pelo visual.

Figura 35 - Imagens privadas, fortalezas conquistadas, *cuban*



Fonte: Instagram.

Figura 36 - Imagens privadas, fortalezas conquistadas, *puertorican*



Fonte: Instagram.

Estas imagens remontam aos cartões postais, “um dos principais vetores da cultura de massa até a década de 1940”, enfiam-se na brecha dos postais, “Apontam em primeiro lugar no registro da alusão maliciosa, jogando com a retórica da 'fortaleza conquistada' pelo valente soldado, printando 'a frente' discretamente enamorada ou 'as costas' languidas até a cama desarrumada” (CORBIN et. al., 2011, p. 112). Nas postagens presentes no *corpus* percebi envolvidos elementos do convite, da sedução e do compartilhamento da intimidade, jogam neste sentido a cama desarrumada, os semitrajés, no primeiro exemplo a roupa desalinhada remete ao contato íntimo, no segundo o convite a uma cama desarrumada aparente. Para Sohn (CORBIN, et. al. 2011, p. 114) estas ocorrências remetem a um fenômeno mais amplo, o da “comercialização do corpo sexuado”.

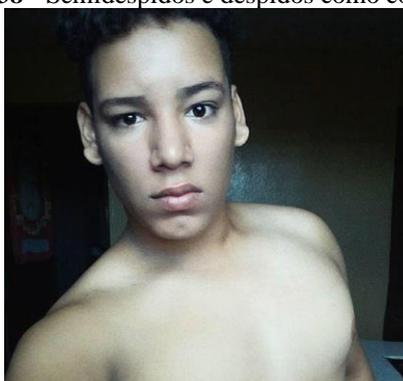
“Tanto o historiador como o sociólogo... Ignoram amplamente o impacto dos filmes pornô, que falam de 'sexo' e não de sexualidade, enquanto põe em cena corpos jovens, perfeitos, de libido inexaurível” (CORBIN, et. al. 2011, p. 114). A cada etapa, “o recuo do pudor e dos tabus visuais em matéria de sexualidade suscita interrogações sobre o futuro da sociedade e da moral”.

Figura 37 - Semidespidos e despidos como convite (1)



Fonte: Instagram.

Figura 38 - Semidespidos e despidos como convite (2)



Fonte: Instagram.

Figura 39 - Semidespidos e despidos como convite (3)



Fonte: Instagram.

“A imagem se torna, com efeito, o principal vetor da pornografia” (CORBIN, et. al. 2011, p. 115). Nos anos 1990, a pornografia passa a não ser nem transgressiva muito menos escondida. “Ela se expõe abertamente e propõe referências”. Para Machaud (CORBIN et. al. 2011, p. 556), depois de ter figurado na origem do modernismo artístico na forma do escândalo, depois de ter sido marca da transgressão antiburguesa, “a pornografia se acha por fim livre dos entraves à circulação e banalizada na arte e também na sociedade: torna-se uma das formas da arte, a da exibição da intimidade”. No *corpus* da investigação percebi sua ocorrência comum, ao representar corpos desejáveis dentro de sua estrutura de postagens

enquanto anúncio, no primeiro exemplo acima. Ou no cotidiano como no segundo. Ou mesmo na intimidade, velando assim também elementos do convite no terceiro em que um homem desnudo no banheiro olha a cortina do chuveiro.

A exibição da intimidade e da pornografia banal nas postagens dos usuários semivestidos é um elemento para levar em conta na popularização da pornografia, do exibicionismo e do *voyeurismo*. A partir dos anos 1980,

a abundância dos meios técnicos de produção de imagens e o caráter desde então privado da realização graças à supressão da etapa do desenvolvimento, da reprodução digital facilitada e, mais ainda, os poderosos meios de difusão das obras possibilitam uma pornografia popular até então limitada não só pela legislação, mas também, e mais ainda, pela dificuldade da reprodução e a presença indispensável de intermediários no circuito (CORBIN et. al. 2011, p. 541).

Este movimento foi estimulado pelas máquinas *polaroide*, ancestrais da *Instagram*, e teve com a massificação da *Internet* sua maior democratização. A pulsão do ver que constitui dimensão essencial da produção como do consumo destas imagens, encontra possibilidades de satisfação sempre novas dentro do imaginário social mais banal.

5.5 UMA QUESTÃO DE MÚSCULO

A estética do “homossexual viril, esportivo e musculoso, importado da Califórnia dos anos 1990, contaminou a moda e a publicidade”. A afirmação de Sohn (CORBIN et. al. 2011, p. 150) encontra total correspondência com o modo de se fotografar de nossos interlocutores. Para Georges Vigarello, ao longo do século XX o culto ao corpo por meio do treinamento mecanizado se populariza no Ocidente. Será a legitimidade do treinamento “que vai se impor com o século XX, com uma organização sempre mais exigente: seu desenvolvimento metódico, a ponto de se tornar a palavra-chave das pedagogias e das formações físicas” (CORBIN et. al., 2011, p. 197).

Um estudo conduzido por Wienke (1998 *apud* BEIRAS et. al. 2007) sobre a associação costumeira dos músculos como “representantes de masculinidade na cultura popular norte-americana” (a frase está sem conclusão refazer). O autor apontou que “quase todos os sujeitos pesquisados aspiravam possuir um corpo mesomórfico (ou seja, grande).

Georges Vigarello (CORBIN et. al. 2011, p. 250) descreve que o corpo masculino, atualmente, bem como seu treinamento acentuam de modo extremo uma dupla experiência da identidade, “uma dupla maneira também de ‘encontrar’ a si mesmo em uma sociedade que enaltece a realização pessoal. Buscar no primeiro caso o que constitui o potencial próprio de cada um, no segundo o que possibilita estender o território de si mesmo”. O pretendido

“desenvolvimento do corpo se tornou de fato para muitos, hoje, o coração de uma experiência íntima: o exemplo privilegiado de uma exploração da identidade”.

Tais caracterizações derivam da influência da cultura *mainstream*, sobretudo as estéticas de super-heróis das histórias em quadrinhos, conforme Beiras (2007) e Harris (2016), em diferentes contextos apontam. Talvez por estes motivos atrelados, o treinar como forma de validação social (Vigarello) atrelado (este verbo, usados aqui várias vezes, remete ao mundo rural, em que um animal se atrela a um meio mecânico, pode-se chamar de manadismo) a realização de uma masculinidade hegemônica reforçada pela indústria cultural leva tantos de nossos interlocutores se caracterizarem como as figuras abaixo:

Figura 40 - Representações dentro da categoria *Fitness gym* (1)



Fonte: Instagram.

Figura 41 - Representações dentro da categoria *Fitness gym* (2)



Fonte: Instagram.

Figura 42 - Representações dentro da categoria *Fitness gym* (3)



Fonte: Instagram.

Para Beiras et. al. (2007, s. p.) “Um corpo musculoso, forte e viril (tirado de academias, imagens publicitárias e veículos de entretenimento) vem historicamente se tornando o referencial de corporeidade masculina”, ao mesmo tempo em que os corpos que “desviam deste padrão são comumente satirizados ou mesmo excluídos da mídia. Segundo padrões normativos da atualidade, músculos são indicativos de masculinidade”, pois preenchem uma representação imagética de virilidade e forças potencializadas pela mídia sobre o imaginário das pessoas.

Conforme descrevi anteriormente, esta relação está diretamente vinculada a representações do corpo masculino presentes em narrativas heróicas próprias da cultura visual *mainstream* do século XX. Seja em filmes, HQs, desenhos animados ou seriados, “o alter ego heróico personifica a força, a confiança e o poder de um ideal máximo de masculinidade, a identidade secreta retém as vulnerabilidades, inseguranças e suavidades do ‘homem comum’”. É próprio a este processo dinâmico a fantasia, pois nas narrativas fantásticas, “percebe-se que as características ocultas são justamente aquelas que expressam vulnerabilidade, o que pode ser entendido como um reflexo do medo do não-masculino”. As revistas em quadrinhos encenaram, portanto, “uma ambivalência de masculinidade, vivida pelos super-heróis como uma máscara, levando-os a manter duplas identidades, a fim de ocultar certos atributos e expressar outros de forma enfática” (BEIRAS, et. al., 2011), principalmente por meio de seus corpos.

Cabe salientar que tais ocorrências não aconteceram nas postagens oriundas de Cuba, mas entre cubanos na Flórida percebi o maior volume de ocorrências. Isto implica dizer que os referentes culturais hegemônicos jogam um papel determinante na representação desejável enquanto praticante de exercícios físicos entre nossos interlocutores.

5.6 CONVITES VELADOS

Posso situar a beleza como elemento de convite ao contato íntimo quando agenciada por dispositivos fotográficos e artifícios de edição das imagens entre a fantasia, o sonho e o convite. Se tomo as condicionantes culturais expostas até agora, ficam mais claras as interpretações sobre as imagens presentes no *corpus* que estão por caracterizar.

A sedução, por meio de valores em torno do corpo definido enquanto belo, ou masculino, são ainda mais expressivas quando me deparo com as figuras abaixo. Elas demonstram o modo como os interlocutores convidam outros para sua intimidade seu auditório, permeiam, assim, suas postagens, com um jogo de sedução.

Figura 43 - Convites à intimidade, indexador *gaycuban* (1)



Fonte: Instagram.

Figura 44 - Convites à intimidade, indexador *gaycuban* (2)



Fonte: Instagram.

Figura 45 - Convites à intimidade, indexador *gaycuban* (3)



Fonte: Instagram.

Figura 46 - Convites à intimidade, indexador *gaycuban* (4)



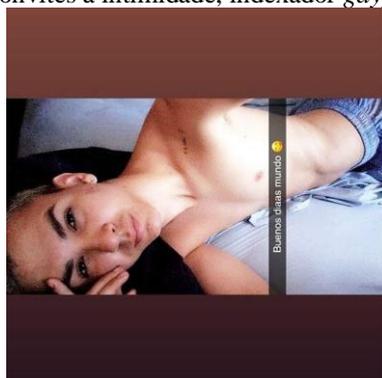
Fonte: Instagram.

Figura 47 - Convites à intimidade, indexador *gaypuertorican* (1)



Fonte: Instagram.

Figura 48 - Convites à intimidade, indexador *gaypuertorican* (2)



Fonte: Instagram.

Conforme explica Yves Michaud (CORBIN et. al. 2011, p. 557), em sua antiga significação “o privado era conceitualmente unido ao público”. Nada podia se tornar público a não ser “através de transgressões escandalosas” ou de “disposições jurídicas estudadas e negociadas”. No momento em que a categoria ‘privado’ é substituída pela categoria ‘íntimo’, suas fronteiras se dissipam, torna-se um jogo de “tudo ou nada: ele se esconde ou se exhibe, mas, quando se exhibe, sua aparição é bem um outro espetáculo, o espetáculo encurralado pelos meios de visão onipresentes e onipotentes”.

O processo dessas evoluções é que o corpo 'fim de século' é de agora em diante ao mesmo tempo sujeito e objeto do ato artístico, torna-se onipresente - onipresente nas imagens fotográficas e no vídeo. A partir dos anos 1990, 80%, ou até 90% da arte tomam o corpo como objeto (CORBIN et. al. 2011, p. 557).

A composição de fundo das imagens, a cama, o banheiro, a bancada da cozinha ou a parede do quarto, servem de fundo da composição da imagem e reforço ao convite à intimidade compartilhada, mas a centralidade das imagens será ocupada pelo corpo. Esta configuração escancara o convite para conhecer intimamente nossos interlocutores, em que as postagens são, principalmente, estratégias de sedução.

O moralismo e a correção foram superados pela estética e pelo prazer, que passam a ocupar o centro da vida social; “o belo toma a conotação do bem, inclusive sob a forma do valor que se reconhece ao hedonismo, e o bem deve então, para ser reconhecido e ter validade, assumir a figura do belo - e isto assume o rosto da ‘correção’ política e moral” (CORBIN et. al. 2011, p. 565).

Não se trata mais de novas representações do corpo, evaporou-se a dimensão simbólica e metafórica que permitia a representação, o distanciamento caiu por terra, configuram uma boa razão para entender que não existe mais a chamada representação absoluta; antes, a sobreposição de figurações que geram agenciamentos de corpos, direcionados à realização de desejos.

Na arte do século XXI, o corpo se torna um meio artístico por si: da posição de objeto retratável assume um papel como **sujeito** ativo dentro das **atividades**, artísticas e relacionais, **humanas**. Corpo e artista são uma entidade única, assim como a carne e o espírito; o reagregamento destas dimensões possibilita uma ampla gama de potenciais representações, atuações e performances. O corpo é agenciador, e meio ao mesmo tempo em que o produto da expressão identitária daquele que se pretende objetificar pelo desejar de seu auditório, será seu reconhecimento enquanto potencial amante.

Ao longo das últimas páginas descrevi o conjunto de postagens coletadas na netnografia das fotos oriundas de três localidades atravessadas por uma rivalidade histórica.

Para tanto, delimito o conjunto de postagens de acordo com as características definidas no capítulo 1. Posteriormente incluí as epistemes necessárias à compreensão de objetos virtuais (capítulo 2). Em um terceiro momento trouxe o contexto do sentimento nacionalista, dos direitos LGBT na região e a disputa cultural (capítulo 3). Ao final, tracei as linhas finais das *ethé* dos usuários da *Instagram* no contexto fronteiriço.

Compus um conjunto dessas representações virtuais evidenciando as controvérsias entre a performance identitária visual e a liberdade para assumi-las. Ficou demonstrado o modo como gays cubanos e porto-riquenhos se representam visualmente na rede quando articulam seu autorretrato (*selfie*) com um indexador identitário coletivo (as *hashtags*); as controvérsias presentes entre as postagens dos usuários quando agrupadas pelos postulantes em indexadores elencados por eles foram cartografadas, assim como os modos da liberdade das sexualidades não-hegemônicas nestes espaços são virtualmente representadas.

Retomando as perguntas norteadoras desta investigação, temos: jogam as identidades sexuais, no contexto da *Instagram* uma forma de viver a sexualidade que quando sobreposta à nacionalidade que externa maior liberdade? Acredito que não pude responder definitivamente quanto a questão da liberdade somente com as fotos, mas as formas representadas no geral denotaram mudanças nos contextos, sobretudo cubano, com uma juventude cada vez mais aberta a externar sua sexualidade. Foi possível afirmar, pelas fotos e indexadores, em suma, pela estrutura das postagens, que possuir a nacionalidade cubana ou porto-riquenha sejam sinônimos da maior liberdade para vivência da cidadania enquanto gays? No caso cubano entre jovens, sim; no caso porto-riquenho ficou evidente que há retrocessos entre o discurso oficial e as fotos publicadas.

As nacionalidades configuram potenciais elementos para serem desejáveis? Posso dizer que sim, quando expostas no ambiente digital, as nacionalidades hierarquizam desejos entre os usuários, seja pelo fetichismo étnico, seja pela americanização, ou guetização, das pessoas e comunidades. Para tal conclusão me amparo em um argumento lógico: se não fossem necessárias, ou não promovessem agências, as nacionalidades seriam ignoradas nas postagens, ou somente afirmadas em casos esporádicos, o que não foi o caso, haja vista que não só muitos usuários utilizavam de indexadores nacionais em variadas postagens, ao mesmo tempo em que reafirmavam em seus perfis.

Quando as postagens são vistas em conjunto: demonstraram leituras visuais coletivas do contexto cultural no qual os usuários estão inseridos? Demonstram tanto o contexto cultural quanto as relações geopolíticas dentro da região elencada, as estéticas atravessam fronteiras e reforçam o que Martel (2012) chamou de disputa cultural entre uma Miami que se

coloca como referência cultural latina e a reprodução destas formas, por meio de estéticas e modos de fotografar, em Puerto Rico e também em Cuba.

O parâmetro da investigação se assentou na percepção de tais identidades, quando atreladas aos indexadores elencados, demonstram uma dupla ordem identificativa que pode publicitar, em determinada medida, um ambiente propício para a vivência de ambas. No caso norte-americano percebo essa abertura à vivência como modo no qual regiões se tornam cosmopolitas e formas culturais encontram neste ambiente uma incubadora para que cresçam e se projetem em nível regional, ao mesmo tempo em que incorporam as comunidades distantes e as fazem compartilhar de seus ideais nacionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Responder o porquê de algo, em relação a pesquisas com humanos, constitui mais um caminho que uma chegada. Ao longo da coleta e análise, percebi que as perguntas de pesquisa não teriam resposta clara, por sorte, adotei uma abordagem que não se interessou em tanto pelos resultados, antes disto, seu foco sempre esteve no percurso. Apesar das críticas, não tão raras, as abordagens pós-modernas, encontrei nestas uma forma de produzir saberes que rompem com um paradigma presente na produção do conhecimento: a crença de que a racionalidade rigorosamente aplicada nos ajuda a encontrar soluções incontestáveis. Como humanos, constituídos também de instintos, culturas e simbologias, imbrincadas em “nossos” modos de responder aos estímulos de “nossos” contextos, a explicação moderna se mostra uma lente muito mais fraca daquela que o míope necessita para enxergar, percebo isso não só em relação ao que produzi como investigação na minha inicial vida acadêmica.

Como chamado “millennial”, pela sociologia do nosso tempo, minha sociabilidade sempre perpassou as redes, nos mais diversos tipos de fóruns e salas de bate-papo instantâneo da Web 1.0 voltadas ao público infantil que deste 1998 acessei; e as imagens, ainda adolescente criei minha conta no Fotolog.com em meados de 2005, local na web onde conheci as mais variadas pessoas e fiz todo tipo de amizade, em um contexto em que as redes ditas sociais ainda eram uma novidade. Encontro nessa lembrança uma reflexão com respeito ao modo de abordar a questão e ao meu interesse, enquanto pesquisador, em contextos de sociabilidade intermediada pela Internet. A vivência sempre me mostrou o virtual como algo multimodal, aleatório, cujos arranjos e elos se constituem em determinado período de tempo, tal vez por isso leituras como as dos autores Levy e Latour (2005) tenham adquirido tanta importância na investigação aqui descrita, o virtual é algo plástico, os contatos são temporários, e os programas e aplicativos são tão participantes de dado evento quanto os usuários e as instituições.

Convenções culturais, simbologias, formas de representar o ser, os coletivos, as hierarquias, o chamado belo, tópicos entrelaçados e que vejo perpetuassem a despeito da suposta novidade que o espaço virtual produziu são temas que cabem a tantas outras reflexões e genealogias ou arqueologias, abordadas por outros tantos pesquisadores, que em um grupo diminuto também abordei aqui. O interesse foi transversal, deste modo me desculpo se não foi suficiente, acredito que tais assuntos subsidiam a discussão, mas não formam seu cerne, muito mais voltado ao olhar para o outro que se diz algo em determinado aplicativo que molda o modo deste outro se mostrar como ser.

Contudo, como dito na introdução, meu interesse no campo de conhecimento no qual me formei se assenta em investigações em torno da nacionalidade, ou na crença de que algo me diferencia de outros humanos por conta do local aonde fui registrado como “proveniente”, ou a tarjeta de identificação criada no século XVIII para diferenciar quem é, ou não, parte da alucinação coletiva chamada estado nacional. Minhas opiniões a respeito da identidade nacional são bem próximas a identificação dela com uma psicopatia, de modo que julguei necessário me afastar da psicologia para explorar o objeto de estudo neste trabalho, quem sabe em um próximo.

De todo modo, o texto como um todo tenta demonstrar como, invariavelmente, nossos actantes humanos são aquilo que a categoria chama, ou seja, humanos. Condicionados por estruturas que não fazem parte, seja por vontade de ser desejado, seja pelo pesado vínculo jurídico com uma entidade nacional a qual, na grande maioria das situações, não fazem parte das decisões políticas relevantes. Porto-riquenhos não elegem representantes no congresso federal norte-americano, e mesmo se estão fora da ilha não votam nem no governo local, enquanto que os cubanos na Flórida são vistos como desertores em casa, ao mesmo tempo em que associações civis não são permitidas dentro de Cuba. O que, em todo caso, não nos afasta de modo geral, em quase a totalidade das sociedades contemporâneas, da relação que mantém com seus governantes, a aguda crise na representação política em todo mundo é o sintoma mais claro dessa dissociação entre o poder político institucional e a vida em esfera privada, para usar o termo de Nancy Fraser.

Como reagregar? Optei por buscar o que os unisse, ainda que de modo simbólico, a uma nacionalidade: sua expressão como gentílico, com uma identidade relacionada à sexualidade cujo uso percebo como fortemente vinculado a uma afirmação de sua vida privada. Ao utilizar tal estratégia me deparei com o volume de imagens levantado no capítulo 1, dos quais reduzi, a contragosto, mas por necessidade de recorte no escopo da pesquisa, as três localidades que dão título ao trabalho.

Das postagens pude perceber variados critérios que as agrupavam, ao mesmo tempo em que marcavam diferenças entre os interlocutores e as identidades que faziam referência. Na mesma medida percebi tensões entre suas imagens e seus indexadores. Pude perceber que as identidades elencadas moldavam mais elementos relacionados ao seu ser enquanto desejável que ao seu ser enquanto conivente com práticas presentes em suas sociedades e estados nacionais. A configuração do *ethos* dos usuários da Instagram indexados por meio das hashtags elencadas foi de certo modo semelhante, mesmo que oriundos de localidades

diferentes. Percebi uma marcada relação das postagens com elementos que tornem os usuários desejáveis, cada um com sua estratégia, que não variavam de modo abrupto entre si.

Algumas observações foram que entre os cubanos em Cuba temos perfis jovens, com muitas fotos em ambientes públicos, o que denotou o avanço de liberdades relacionadas as minorias sexuais como algo recente. Sobretudo quando comparado as postagens de cubanos na Flórida, em geral homens mais velhos e com maior número de postagens em ambientes privados.

Em relação aos usuários porto-riquenhos, independente da localidade, não percebo o contexto geracional presente nas postagens de cubanos. Contudo, percebi certas ironias, um dos interlocutores posta suas fotos e se indexa como jovem, sua estratégia me pareceu consistir em perceber a leitura de Puerto Rico como um espaço de realização de desejo, no qual se procura juventude em um ambiente paradisíaco para realizar tal desejo. Assim o interlocutor se indexou como jovem, adolescente por vezes, o que na minha interpretação foi uma estratégia para estar inserido naquilo que ele percebe como o objeto procurado quando se busca a homens gays em Puerto Rico.

Ademais, percebo uma profunda relação com o possuir condições materiais nas postagens em Flórida e Puerto Rico. Quase que em todas as ocorrências os usuários fizeram referências aos seus objetos ou condição material, seja de forma visual ou por meio dos indexadores correlatos. O ser desejável passou por elementos de possuir. O que não apareceu de modo tal incisivo nas postagens de cubanos em Cuba. Seja por não interessar, seja por não possuírem...

De modo geral, acredito que o corpus deixou vislumbrar uma ocorrência recente de liberdades aos gays cubanos, ao mesmo tempo em que demonstrou como o critério material marca o exercício destas liberdades no contexto da Flórida e de Porto Rico.

Ao final, coube remontar o que interessaria olhar a fotos em redes sociais à produção de saberes em Direitos Humanos, na qual me amparei no pensamento de Lynn Hunt, ao caracterizar por meio dos autorretratos de fins do século XVIII com o nascimento do “colocar-se em lugar do outro”. Se o outro tem um rosto e não é só um nome, ou um número distante, fica mais fácil perceber sua humanidade. De tal processo nasceram os Direitos Humanos, talvez agora, com a lógica oceânica da produção imagética, sejam ainda mais necessários, para lembrá-los.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Carla. **Sexualidades Desobedientes. Gêneros, Subjetividades e Identidades Não-Normativas nas Redes Sociais Virtuais**. Florianópolis: Fazendo Gênero 9. 2010.
- ALMEIDA, Marcos. **A internet, a informação e suas culturas: padronização ou apropriação?** In: CID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 218-222, mar./ago. 2016.
- ALVES, Felipe. **Nacionalidades como agentes de desejo virtualmente mediados em Buenos Aires**. Foz do Iguaçu: Unila, 2016.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Difusão da Nação**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ANISTIA INTERNACIONAL. **Cuba Información** extraída de nuestro Informe 2017/18.
- ANISTIA INTERNACIONAL. 2018a. Disponível em: <<https://www.es.amnesty.org/en-que-estamos/paises/pais/show/cuba>> Acesso em 6 de junho de 2018.
- _____. **Puerto Rico** Información extraída de nuestro Informe 2017/18.
- _____. 2018b. Disponível em: <<https://www.es.amnesty.org/en-que-estamos/paises/pais/show/puerto-rico>> Acesso em 6 de junho de 2018.
- APPADURAI, Arjun. **Introdução: mercadorias e a política de valor**. In: _____. *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 15-87.
- ARISTÓTELES. **A Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. ([1967] 1998, p. 49) Rhétorique. Trad.: M. Dufour. Paris: Les Belles Lettres [ed. BR. (1964). **Arte retórica, arte poética**. Trad.: A. Pinto de carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro].
- ASLAM, Salman. **Instagram by the Numbers: Stats, Demographics & Fun Facts**. OMNICORE. 2017. Disponível em: <<https://www.omnicoreagency.com/instagram-statistics/>> Acesso em 6 de junho de 2018.
- BANDEIRA, Jairo. **Selfie no Instagram: comunicação de moda e identidades**. Dissertação de mestrado. Santo Amaro: Unisa, 2015.
- BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Caleb Farias Alves: Porto Alegre, 2009.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, Jorge. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. São Paulo: Vozes, 2015.

BEIRAS, Adriano et al. **Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma.** *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 62-67, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de junho de 2018.

BORIKENTV. **1989 año que cambio la historia de Puerto Rico.** YouTube. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UemnDTGxYg0>> Acesso em 6 de junho de 2018.

BOSCH, Juan. **De Cristobal Colón a Fidel Castro: Caribe como Frontera Imperial.** Ciudad del México: Editora del Congreso Nacional, Ciudad del México, 1970.

BRAGA, Gibran Teixeira. “Não Sou nem Curto”: prazer e conflito no universo do homeorotismo virtual/ Gibran Teixeira Braga. Rio de Janeiro: UFRJ. IFCS, 2013.

BURMANN, Grazielle. **As fronteiras da mudança: um olhar retórico sobre discursos de campanha de Dilma e de Aécio.** Dissertação de mestrado. Unioeste: Foz do Iguaçu. 2016.

CENESEX. ¿Quiénes somos? CENESEX. Disponível em: <<http://www.cenesex.org/quienes-somos/>> Acesso em 6 de junho de 2018.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político.** São Paulo, SP: Contexto, 2008a.

_____. **Linguagem e Discurso: modelos de organização.** São Paulo: Contexto, 2008b.

CHOMSKY, Noam. **O império americano: hegemonia ou sobrevivência.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

_____. **Contendo a democracia.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

COELHO, Piero. **Fotos, Fachadas e Personas: A construção identitária por meio do uso do aplicativo Instagram.** Dissertação de mestrado. ESPM: São Paulo, 2016.

CNN Español. **El internet llega a los hogares de Cuba: es lento, limitado y muy costoso.**

CNN Espanol.2017. Disponível em: <<https://cnnespanol.cnn.com/2017/03/24/el-internet-llega-a-los-hogares-de-cuba-es-lento-limitado-y-muy-costoso/#0>> Acesso em: 6 de junho de 2018.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do Corpo 3. **As Mutações do Olhar: O século XX.** 4ª Ed. São Paulo: Vozes, 2008.

DELEUZE, Guiles. GUATARRI, Felix. **Mil Platôs.** Volume 1. São Paulo: Ed 34, 1994.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

EIRE, A. L. **Retórica y comunicación política.** Madrid: Cátedra, 2000a.

_____. **Esencia y objeto de la Retórica**. Salamanca: Editora da Universidade de Salamanca, 2000b.

EQUALDEX. **LGBT rights in Flórida**. EQUALDEX. Disponível em: <<http://www.equaldex.com/region/united-states/florida>> Acesso em 6 de junho de 2018.

FILASTÓ, Arturo. **La paradoja de Internet de Cuba**: El control y la censura de Internet hacen peligrar los logros de Cuba en materia de educación. Anistia Internacional. 2016. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/es/latest/news/2017/08/cubas-internet-paradox-how-controlled-and-censored-internet-risks-cubas-achievements-in-education/>> Acesso em: 6 de junho de 2018.

FIU. **La diáspora cubana en el siglo XXI**. Miami: Cuban Research Institute, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a analítica do poder**. Rio, 1982.

FUENTE, Álvaro. **La revolución de la comunidad gay en Cuba**. El País. 2016. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2017/05/08/planeta_futuro/1494257202_915266.html> Acesso em 6 de junho de 2018.

GALEANO, Eduardo. **Las Venas Abiertas de América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

GUERRA, Lisandra. **Donar sangre, no prejuicios**. Escambray. 2017. Disponível em: <<http://www.escambray.cu/2017/donar-sangre-no-prejuicios/>> Acesso em 6 de junho de 2017.

GUERRERO, Sigifredo Leal. **Cuerpos deseados/ machos representados. Aphrodisia, fórmulas representacionales y fotografía en la interacción homoerótica mediada por internet**. Scielo: Buenos Aires, 2013.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GROVOGUI, Siba N. Postcolonialism. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve (Org.). **International Relations Theories: Discipline and Diversity**. Oxford: Oxford Press, 2007. p. 238-256.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & amp; amp; A, 2006.

HARRIA, Chris. **How to look more muscular for the summer**. YouTube. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UPzqv0TRZxc&t>> Acesso em 6 de junho de 2018.

HARIKI, T. Identidades 2.0: análisis de perfiles de jóvenes en Instagram. Tese de doutorado. Universidad Nacional de Rosario, 2016.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito, realidade**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

INSTAGRAM. Busca Hashtags. 2018. Disponível em <<http://instagram.com>>. Acesso em 6 de junho de 2018.

JENCKS, Charles. **What is post-modernism?** New York: Saint Martin Press, 1984.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

LASÉN, Amparo. Autofotos; Subjetividades y medios sociales. In: GARCIA-CANCLINI, Nestór. Jovens, **Culturas Urbanas y redes digitais**. Prácticas emergentes em las artes, el campo editorial y la musica. Madrid: Ariel, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?**. São Paulo: Ed 34, 2006.

LINDGREN ALVES, José Augusto. **Os direitos humanos na pós-modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia e incorporação**. In: AMOSSY, R. Imagens de si no discurso: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 68-92.

MANZANEDA, José. Internet: **¿Cuál es la fuente para juzgar a Cuba?**. 2017. Disponível em: <<http://www.cubadebate.cu/opinion/2017/09/04/internet-cual-es-la-fuente-para-juzgar-a-cuba/>> Acesso em: 6 de junho de 2018.

MARTEL, Frédérick. **Smart Internet(S): La Investigación**. Taurus Pensamiento. 2012. Disponível em: <<http://www.elboomeran.com/upload/ficheros/obras/primeraspaginassmart.pdf>> Acesso em: 6 de junho de 2018.

_____. **Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Smart: on the internets**. São Paulo: Rumores, n(20), v.10 (jul-dez). 2015.

MELÉNDEZ, Edwin; VARGAS-RAMOS, Carlos. **State of Puerto Ricans 2017**. Nova York: Hunter, 2017.

MISKOLCI, Richard. **“San Francisco e a Nova Economia do Desejo”**. Lua Nova –Revista de Cultura e Política, nº 91, São Paulo, CEDEC, 2014a, pp.269-295

_____. **“Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online”** In: Revista Estudos Feministas.

Florianópolis: IEG-UFSC, v. 21, n. 1, pp. (no prelo), 2013.

_____. “**Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais**” In: Cronos. Natal: UFRN, v.12, pp. (no prelo), 2011.

_____. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012.

_____. “Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay.” In: **cadernos pagu.** Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-UNICAMP, n.28, pp.101-128, 2007.

MOTA, Célia. ALMEIDA, Paulo. **O brasileiro no Instagram: uma identidade globalizada.** Interfaces da Lusofonia. v. 21, n. 9, p. 245-256. Braga: CECS, 2014.

OONI. **Open Observatory of Network Interference.** Disponível em: <<https://ooni.torproject.org/>> Acesso em 6 de junho de 2018.

O'REILLY. Web 2.0. 2009. Disponível em: <<http://www.oreilly.com/lpt/a/1>> Acesso em 6 de junho de 2018.

PANOFSKY, E. "Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: **Significado nas Artes Visuais.** Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

PEDRAZA, Luis. **Teoría y metodología de la geopolítica: Hacia una geopolítica de la construcción de poder.** Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales, v. 5, n. 2, pp. 40-68. Ciudad del México, 2010.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação.** A nova retórica. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

PINTEREST. Busca por Imagens. 2018. Disponível em: <<http://pinterest.com>>. Acesso em 6 de junho de 2018.

PLANETROMEIO. **Gay happiness index.** 2015. Disponível em: <<https://www.planetromeio.com/pt/care/gay-happiness-index/>> Acesso em 6 de junho de 2018.

PRIMO, Alex. **O que há de social nas mídias sociais....** Contemporanea | comunicação e cultura. v.10. n.03: Porto Alegre: set-dez 2012. p. 618-641.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales.** Buenos Aires: CLACSO, 2000.

RAMOS, Jair de Souza. **Etnografia e Digitalização.** Montevideu: XI RAM, 2016.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. – São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1925].

RIFKIN, Jeremy. **A era do acesso**: A transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. São Paulo, MAKRON Books: 2001.

RIFIOTIS, Theophilos. **Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação**. Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), vol. 31, n.90, 85-98, fevereiro/2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v31n90/0102-6909-rbcsoc-31-90-0085.pdf>. Acessado em: 20/03/2017.

RIFIOTIS, Theophilos; SEGATA, Jean; SAEZ, Oscar Calávia. **Simetrização, hibridismo e agência na Antropologia**. Ilha – Revista de Antropologia, vol. 17, n. 2, 7-12, ago-dez/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/42439>. Acessado em: 20/03/2017.

RUGGIE, John Gerard. **Epistemología, ontología y el estudio de los regímenes internacionales**. Relaciones Internacionales, núm 12. GERI-UAM, 2009

RIVERA, Marcia. **Pobreza, desigualdad y violación de derechos humanos en la colonia de Puerto Rico**: el sustrato de la catástrofe. 80 grados. 2017. Disponível em: <http://www.80grados.net/pobreza-desigualdad-y-violacion-de-derechos-humanos-en-la-colonia-de-puerto-rico-el-sustrato-de-la-catastrofe/> Acesso em: 6 de junho de 2018.

SAADE, Carmen. **Soy el responsable de la persecución a homosexuales que hubo en Cuba**: Fidel Castro. La Jornada, México, 2010. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2010/08/31/mundo/026e1mun> Acesso em 6 de junho de 2018.

SAID, Edward W.. **Orientalismo**: O Oriente Como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1978. Tradução: Tomás Rosa Bueno.

SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice**: O Social e o Político na Pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1994.

SCRUFF. **Selfie pic nation**. Scrufftistic. Disponível em: <http://www.scruff.com/blog/2015/05/25/face-pic-worldwide-scrufftistics> Acesso em 6 de junho de 2018.

SEGATA, Jean. **A etnografia, o ciberespaço e algumas caixas pretas**. Revista Z Cultural. Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, ano X, n. 1, 1º semestre de 2015. Disponível em: <http://www.animatico.com.br/projetos/zcultural/a-etnografia-o-ciberespaco-e-algumas-caixas-pretas/>. Acessado em: 20/03/2017.

STATCOUNTER. **Browser Market Share Worldwide**. GLOBAL STATS. 2018. Disponível em: <http://gs.statcounter.com/> Acesso em: 6 de junho de 2018.

VENTURINI, Tommaso. **Diving in magma**: how to explore controversies with actor-network theory. Public Understanding of Science Vol 19, Issue 3, pp. 258 – 273. First published date: May-29-2009

VIANA, Elisângela Oliveira. **Estratégias de construção do ethos gay masculino no blog *Katylene.com***: um estudo da multimodalidade e das gírias gay. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2012.

VISUALPOLITIK. **¿Como EEUU arruinó a Puerto Rico?** YouTube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5LZfi4mLtns>> Acesso em 6 de junho de 2018.

VISUALPOLITIK. **¿Por qué Puerto Rico se está despoblando?** YouTube. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QU5pDnhWtOw>> Acesso em 6 de junho de 2018.

WEITEN, W. **Introdução à Psicologia: temas e variações** (versão abreviada). São Paulo: Cengage Learning, 2008, p. 278-307.

WESTEN, D. **O cérebro Político: o papel da emoção na decisão: o destino da nação**. Jundiaí: UniAnchieta, 2008.

14YMEDIO. **Naciones Unidas en Cuba premia al Cenesex por su contribución a los derechos de LGTBI**. 14yMedio, La Hábana. 2018a. disponível em: <http://www.14ymedio.com/sociedad/Naciones-Unidas-Cuba-Cenesex-LGTBI_0_1992400742.html> Acesso em 6 de junho de 2018.

14YMEDIO. **La policía reprocha a una víctima de un ataque homóforo de hablar con los medios**. 14yMedio, La Hábana. 2018b. Disponível em: <http://www.14ymedio.com/sociedad/Naciones-Unidas-Cuba-Cenesex-LGTBI_0_1992400742.html> Acesso em 6 de junho de 2018.

APÊNDICE A – LISTA DE USUÁRIOS NO INDEXADOR GAYPUERTORICAN POR LOCALIDADES ELENCADAS NO RECORTE

UserName	Localização	Número de Postagens	Hashtags mais utilizadas
jesanort	Puerto Rico	20	#justme #soloyo #man #hombre #gay #gayboy #hombregay #gayworld #gaymale #gayfitness#gayd #gaypuertorican #gaystagram #gaylife #gayman #gaymen #gayinstagrammers#puertoricogay #dude #gaydude #hombre #hombregay #handsomegay #gayboy #gaydaddy#gayfit #gaypic #gaylife #gaydude #gayfollowers #gymdone #gymclass
_flako_69_	Puerto Rico	6	#mivida #amistades #PuertoRico #Caminante #Unavida #muchagente #feliz#acompañante #vidalibre #aventura #ricatemperatura #gayaventurero #gay #gayboy #gaysexy #gaytopper2 #gaypuertorican #gaypuertorico #instagay #gaycute #gayfollow#encamino #metas #logros #enfocado #comienzodenuevasoportunidades #empanaditadequeso #mipingüinito
gaby6918	Puerto Rico	8	#happy #gay #gays#gaypuertorico #gaypuertorican #cute #gaysingle #gaystagram #gaysoltero #beards #gayguy#gayboy #gayboricua #puertorrican #tattoo #believe #believetattoo #equality #love #family#friends#sunday
luis_bravo	Puerto Rico	7	#gaysc #gaypuertorican #gayteen #gaysselfie #gay #gayboy
kevinneon17	Puerto Rico	1	#instagay #selfie #selca #gaymer #gaymers #gaynerd #greeneyes #puertorico#gaypuertorican #boricua #tumblr #kevinneonpictures #instagaymer #instagaymers#instagay #gaylatino #handsomemen #greyhair #bluehair
rodneyphoto1	Puerto Rico	3	#gay #gayhot #gayboy #gayworld #gayinsta #instagay #instahomo #gayinstagram #gayusa#gaylove #gaylife #gaylike #boygay #mengay #hombregay #gaylatino #gaylatin #gayboys#gaysselfie #gaysexy #gayproud #gaypuertorico #gaypuertorican #gayboricua #gaydude #gays#teamgay #teamhomo #gaypride #gaypic
oscar_jesuv	Puerto Rico	2	#gaypr #gay #gaybear #l4l #gym #gaygram #gayhot #gaypuertorico #gaymer #latinogay #gaypuertorican #gayguy #gayboy #gayarmpit #gayboricua #scruff #gaysingle #instagay#gayfallow #gayinked #gayisrael #gaygamer #gaysselfie #gaydude #gaybro #gaymen#gayshoutout #gaylike #gayeuropa #gayusa #gaycouple

bori.rey	Puerto Rico	3	#siblings #spaday #littlesister #vsco #vscocam #vscofilter #snapchat #gay #gaypuertorican#instagay #puertoricans #manipedi #21stbirthday #weabouttogetlit#thottypost #thirsttrap #confidence #snack #feelingmyself
sissy_karina	Puerto Rico	2	#sissy #crossdresser #sissyslut #cdgurl #cdboy #xdresser #crossdressing #travesti #fem#femboy #femboi #gay #gayboy #gaysissy #gaypuertorican #stockings #gstring #boytogirl#gaybooty #chicogay #forcedfeminization #instagay #feminization #girlyboy #girlyboi #gurl
c.a.casillas	Puerto Rico	1	#fitgay #scruff #grindr #sexygay #gay#gaypuertorican #gayboy #instagay
feliperodriguez83	Puerto Rico	12	#greatday #gayusa #gayproud #gayguy #gaypride #gaypr #gaypuertoricans#gaypuertorico #gaypuertorican #gayteenboy #gayteens #gayfriendship #gayfriends#gayfriend #gaylove #gaylatinos #gaylatino #instaboy #instagayguy #instagays #instagay#gaybear #gaybearslatinos #gaybears #instabearsgay#sunset
alejandros_1	Puerto Rico	1	#thursdaymotivation #instagay #instalike4like #instalike #gay #gaypuertorican
eusoj3	Flórida	4	#gayboy #gay #gayusa #gayproud #gayguy #gaypride #gaypr#gaypuertoricans #gaypuertorico #gaypuertorican #gayteenboy #gayteens #gayfriendship#gayfriends #gayfriend #gaylove #gaylatinos #gaylatino #instaboy #instagayguy #instagays#instagay #gaybear #gaybearslatinos #gaybears #instabearsgay #gayplaces #chasers
jaco0bbass	Flórida	1	#rate #puertorico #puertorican #gaypuertorican #like4like #likeforlike #gayguys #gayboys#gaylife #vacaciones #boyswillbeboys
astateoffrance	Flórida	1	#weho #gayorlando #smile #gayboy #gay #dimples #follow #gaypuertorican #boricua #springbreak #follow #love #nosepiercing #hashtag #bori
disney_serenader	Flórida	1	#instagay #gay #gaystagram #lgbtq #gayman #gaymen #gaypride #gaylatino #gayhispanic #gaypuertorican #gayboricua #smile #curls #curlyhair
gabyxonmua	Flórida	3	#LATEPOST #miamibeach #miamibound #miamigay #gaymiami #instaboy#instagay #instaboricua #boricua #GAYPRIDE #gaypuertorican #hairstylist #makeupartist#tropical #tropicalparadise #beachboy #Beach
eddiex_xo21	Flórida	3	#gay #gayboy #gayeaster #gayme #gaygay #gaydominican#gaypuertorican #instagay #gaysnap #gayhot #gaypic #gayboi #gayman #gaycute #gaydude#gaymale#gay #gayguys #gay#gaygay #gayme

			#gayus #gaycouple #gaysnap #gaydominican #gaypuertorican #instagay#gayman #gayhot #gaylife #gaydudes
gettystherealme	Flórida	9	#miamipride #Gettys #Gettystherealme #therealme #gay#gayboy #gayguy #gayman #gaydude #gayusa #gayfrench #gayswiss #gayeuropa#gaypuertorican #gaybrasil #gayaus #gayuk #gaynation #selfie #miami #miamibeach #pride #faenaforum
jose_tony_reyes	Flórida	1	#nojudgements #gay #latino #gaylatino#puertorican #gaypuertorican #boricua #single #handsome #gayselfie #gaystagram #instagay#gaysingle #followforfollow #drunk #orlando #gaydaddy

APÊNDICE B – LISTA DE USUÁRIOS NO INDEXADOR GAYCUBAN POR LOCALIDADES ELENCADAS NO RECORTE

Username	Tipo de Conta	Localização	Número de postagens	Hashtags mais usadas
itsjesuslinares	Pessoal	Cuba	4	#tattoo #cuba #cubanboy #great #monday #mondaymorning #mondaymotivation#havana #red #bees #bluebees #goodmorning #goodvibes #gay #gaycuban #gayboy#twinks
j_beverhaussen	Pessoal	Flórida	6	#gay #gayguy #guy #homo #man #gayman #gaylife #grindr #gayboy #eyes #selfie #gaycuban #cuban #hair #scruff #fashion #black #allblack #allblackeverything #goth#gaysnap #grindr #menswear #menscasual #mensfashion
raynier21	Pessoal	Flórida	10	#tbt #thursdaytbt #juevestbt #love #inlove#weddingparty #cuban #cubanito #cubangay #gaycuban #gay #gaylove #gaytbt#gayinlove #gaylove #gaylike #gaymarried #gaymiami #miamigay #gayguy #latingay#gaymarriage #likesforlikes #like4like #instagay #gayboy
jorgereyes_mylife	Pessoal	Flórida	2 + 1 post em Turks and Caicos Island	#livelife #gaycuban #hairdresserlife #lgbtq #cubano #newlifestyle #fitness #cubandaddy#gaydaddy #onelove💕 #loveislove #wiltonmanors #theyellowpothouse #jenadaisle#gayfortlauderdale #fortlauderdale #broward #miami #gaywithtattoos #beard#happiness
romeoyordan	Pessoal	Flórida	15	#gaypride #miamibeachgaypride #wild #gaycuban #southbeachpride#telaviv #gaydubai #winterparty #winterpartymiami #gaymiami #gaysouthbeach#gaywinterparty #gayboy #gaymuscles #fitness #fitnessmotivation #egyptian

				#gayegypt#gaysingle #gaybachelor #mulato #miamistreets #streetsmart
freedomtl	Pessoal	Cayo Santa Maria, Cuba	6	#ocean #atlantic #beach #photoshoot #cuba #gaycuba #gaycuban #gaylatinmen#gaywoof #scruffygay #mancrusheveryday #beardeadgay #gaylad #gaysofinstagram#gaytravel #thegaypassport #travel #voyage #gravl #tbt #throwback #nippleslip#scruffapp
aquarius_carlos	Pessoal	Flórida	27	#FBF #Selfie #selfies #selfienation #selfieking #lips #ducklips #duckface #aquariussolrac#gay #gaycuban #gayman #gaymen #gaylatino #cuban #cubano #cubanamerican#travel #traveler #traveling #resist #sunglasses #tan #tanorexic #tanning #Madonna#madonnafans #madder
loversace_	Pessoal	Flórida	3	#adidasoriginal #selfiemirror #Home #body #me #ilovemyself #ifeelsexy #Hot#cubanboy #gaycuban #timeofrelax #goodday #gym #fitness #style #kardashian #mirror#snapchatboy #like #like4like #followme #follow4follow #iger #picoftheday#samsungonly #tumulatico #Bitch
soyalexitto	Pessoal	Habana, Cuba	22	#boy #cuban #cubanboy #cutecuban #hot #sexyguyz #instaboy #cuba #gay #gayworld#gaylife #gayhot #gaycubans #gaycuban #picoftheday #gayguy #gayguys #like4like#gaycubans #gaycute #lgbt #homo #gaytwink #squats #malebutts #gayfollow#gaystagramer #gaydresden #gayeurope
inked_carlos_	Pessoal	Flórida	14	#gayguy #gaymiami #gaycuban #inked #inkedguy #gymtime #gym